



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**MARCOS EDSON MATOS CAVALCANTE**

**A RELAÇÃO ENTRE JORNALISTAS E FONTES EM GRUPOS DO *WHATSAPP***  
**VOLTADOS AO TELEJORNALISMO POLICIAL DO CEARÁ**

**FORTALEZA**

**2023**

MARCOS EDSON MATOS CAVALCANTE

A RELAÇÃO ENTRE JORNALISTAS E FONTES EM GRUPOS DO *WHATSAPP*  
VOLTADOS AO TELEJORNALISMO POLICIAL DO CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Meios e Processos Comunicacionais.

Orientador: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C364r Cavalcante, Marcos Edson Matos.

A relação entre jornalistas e fontes em grupos do Whatsapp voltados ao telejornalismo policial do Ceará/ Marcos Edson Matos Cavalcante. – 2023.  
112 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

1. Jornalismo. 2. Segurança Pública. 3. Aplicativo de mensagens. I. Título.

CDD 302.23

---

MARCOS EDSON MATOS CAVALCANTE

A RELAÇÃO ENTRE JORNALISTAS E FONTES EM GRUPOS DO *WHATSAPP*  
VOLTADOS AO TELEJORNALISMO POLICIAL DO CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Meios e Processos Comunicacionais.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Fernandes Teixeira  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kênia Beatriz Ferreira Maia  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

## AGRADECIMENTOS

O que veria e como o *flaneur* João do Rio descreveria, em sua crônica reporteira, a alma das ruas de uma metrópole como Fortaleza? Vivenciei meu tempo de observador das ruas, cobrindo a área da segurança pública pelo jornal O POVO.

Munido de papel e caneta, conversei com pessoas que convivem com dramas cotidianos de insegurança alimentar, de violência, de carências de serviços básicos como água, iluminação e educação. Uma realidade diferente da minha, graças aos esforços de meus pais, Marcos e Regina, que criaram a mim e meus irmãos, Eveline e Magnum, em um lar repleto de amor. Meus eternos agradecimentos.

Dos meus tempos de repórter, 15 anos se passaram. Muita coisa mudou na profissão do setorista da segurança pública. O papel e a caneta foram substituídos pelo *smartphone* nos processos de apuração e checagem. A importância deste profissional nas ruas, não.

As assessorias, tradicionais nas editorias de economia e política, não conseguem suprir em tempo as informações sobre inúmeros crimes. O repórter desta área vai às ruas e vivencia cenas cotidianas de dramas variados. A precarização do trabalho jornalístico, com o estresse de prazos de entrega curtos e a insegurança na cobertura em certos ambientes de locais de crimes, fica mais evidente no cotidiano destes profissionais. A estes repórteres, produtores e editores, dedico este estudo.

Ao meu orientador, professor doutor Edgard Patrício, pela sabedoria e tranquilidade em procurar ampliar minha visão acadêmica. Entre uma análise e outra do projeto, o riso fácil ao perceber o olhar do repórter invadindo as “fronteiras” da academia, explicando, detalhando e tornando possível o estudo das interações nos grupos de *WhatsApp* dos quais participo enquanto profissional da segurança pública. Meu muito obrigado pelo apoio a uma mente que vivencia, igual a muitos jornalistas, o péssimo hábito de não se desligar das ocupações laborais com o uso das tecnologias digitais.

À minha Melissa, minha flor, pelo apoio no lar e pela compreensão na ausência nos horários de estudo. Obrigado pelo apoio no trabalho nas inúmeras demandas laborais e por acreditar em mim, dono de uma mente inquieta e esquecida. Aos meus irmãos de estudo, professor Pedro Mourão e ao mestre Dimitry Lima. Aos meus irmãos de profissão, Martiniano e Erivando, meu muito obrigado. Finalizo meus agradecimentos a Deus e a meu anjo protetor, com quem converso em pensamentos e sonhos diariamente por dias melhores. Que a coragem de se jogar em novos desafios seja uma constante, apesar da idade e dos medos.

## RESUMO

Esta pesquisa possui como objeto de estudo a relação entre jornalistas e fontes em grupos de *WhatsApp* voltados ao tema segurança pública. Considerando o contexto da participação popular na produção do ciberjornalismo, o objetivo é compreender como jornalistas e policiais, bombeiros, socorristas e outros profissionais não ligados à segurança pública interagem nos grupos de *WhatsApp* voltados ao tema e como as fotos, vídeos, sons e textos enviados aos grupos tornam-se apropriados das redações dos programas jornalísticos especializados em segurança pública na produção da notícia do Ceará. A hipótese deste estudo é a de que o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, surgido em 2009 nos Estados Unidos e apropriado às rotinas de produção jornalística a partir de 2013 pelo jornal Extra, do Rio de Janeiro, seja um dos principais, senão o principal, instrumento para a captação de pautas dos referidos programas, tendo os grupos destinados à troca de informações sobre segurança pública, participação central neste processo. O material empírico para a análise é representado por conversas extraídas de três grupos voltados ao tema nos quais o pesquisador foi inserido após se identificar como jornalista. Os grupos são analisados por meio da observação não participante. O período analisado para esta pesquisa foram dez dias: 14, 15, 16, 17 e 27 e 28 de fevereiro de 2023; e 1, 2, 3 e 6 de março do mesmo ano. O período escolhido deu-se de forma aleatória na seleção do material colhido no diário de campo. Como metodologia de análise do período proposto será utilizado o processo da Netnografia, na condição de observador não-participante. A escolha dos grupos, totalizando três, deu-se por meio de convite. Também foi possível acompanhar o aplicativo da TV Cidade e a dimensão de uso para a produção de pautas do programa *Cidade 190*, atualmente o jornalístico mais antigo do Ceará em ênfase na segurança pública. Como resultado preliminar, foi constatada a importância do jornalismo participativo como fonte para jornalistas e a interação entre os mesmos nos grupos que, por exemplo, marcam alguns profissionais da imprensa em algumas postagens. Já com a aplicação de questionários voltados aos jornalistas atuantes no jornalismo televisivo voltado à área da segurança pública, foi possível dimensionar a importância que o aplicativo possui no cotidiano das redações e de como, por vezes sem perceber, os profissionais ultrapassam sua escala de trabalho para sentirem-se informados e repassarem pautas, apresentado o viés da precarização das relações de trabalho com o advento de algumas tecnologias.

**Palavras-chave:** jornalismo; *WhatsApp*; aplicativo de mensagens; segurança pública; fontes.

## ABSTRACT

This research has as object of study the relationship between journalists and sources in WhatsApp groups focused on public security. Considering the context of popular participation in the production of cyberjournalism, the objective of this research is to understand how journalists and police, firefighters, first responders and citizens not connected to public safety interact within WhatsApp groups focused on the subject. And how the photos, videos, sounds and texts sent to the groups end up being appropriated in the newsrooms of journalistic programs specialized in public safety in the production of news in Ceará. The hypothesis of this study is that the WhatsApp instant messaging application, which appeared in the United States in 2009 and was appropriated to journalistic production routines from 2013 by the newspaper Extra, from Rio de Janeiro, is one of the main, if not the main, instrument for capturing agendas of the referred programs, with the groups destined to the exchange of information on public security, central participation in this process. The empirical material for the analysis is represented by conversations extracted from three groups focused on the theme in which the researcher was inserted after identifying himself as a journalist. The groups are analyzed through non-participant observation. The period analyzed for this research was ten days: February 14, 15, 16, 17 and 27 and 28, 2023; and March 1, 2, 3 and 6 of the same year. The period chosen was randomly chosen in the selection of material collected in the field diary. As a methodology for analyzing the proposed period, the Netnography process will be used as a non-participant observer. The choice of groups, in number of three, was made by invitation. It was also possible to follow the TV Cidade application and the dimension of use for the production of the Cidade 190 program, currently the oldest journalistic focused on public safety in Ceará. As a preliminary result, the importance of citizen journalism as a source for journalists and the interaction between them within groups that, for example, tag some press professionals in some posts, was perceived. With the application of questionnaires aimed at journalists who work in television journalism focused on the area of public security, it was possible to measure the importance that the application has in the daily life of newsrooms. And how, sometimes without realizing it, professionals go beyond their work schedule to feel informed and pass on guidelines, presenting the bias of the precariousness of work relations with the advent of some technologies.

**Keywords:** journalism; WhatsApp; messaging application; public security; sources.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Grupo A, 21 de janeiro de 2022.....	34
Quadro 2 – Descritivo dos grupos analisados entre 14 e 21 de janeiro de 2022.....	65
Quadro 3 – Diálogo entre integrantes do Grupo C, 16 de janeiro de 2022.....	65
Quadro 4 – Diálogo entre integrantes do Grupo B, 20 de janeiro de 2022.....	66
Quadro 5 – Diálogo entre integrantes do Grupo D, 1 de março de 2023.....	67
Quadro 6 – Diálogo entre integrantes do Grupo E, 16 de fevereiro de 2023.....	68
Quadro 7 – Diálogo entre integrantes do Grupo E, 12 de fevereiro de 2023.....	69
Quadro 8 – Diálogo entre integrantes do Grupo F, 23 de janeiro de 2023.....	72
Quadro 9 – Diálogo entre integrantes do Grupo E, 02 de março de 2023.....	75
Quadro 10 – Diálogo entre integrantes do Grupo D, 17 de fevereiro de 2023.....	75
Quadro 11 – Grupo D, 01 de março de 2023.....	76
Quadro 12 – Diálogo entre integrantes do Grupo F, 6 de março de 2023.....	76
Quadro 13 – Grade de programas voltados à Segurança Pública – Ceará.....	81
Quadro 14 – Destaques do programa <i>Cidade 190</i> .....	83
Quadro 15 – Matérias com utilização de imagens de câmeras de monitoramento.....	84
Quadro 16 – Presença de imagens do <i>WhatsApp</i> no Programa <i>Cidade 190</i> .....	87
Quadro 17 – Tipos de Fontes: <i>Cidade 190</i> .....	88
Quadro 18 – Tipos de Fontes: <i>Cidade Alerta Ceará</i> .....	88
Quadro 19 – Presença de imagens do <i>WhatsApp</i> no <i>Cidade Alerta Ceará</i> .....	89
Quadro 20 – Formatos das matérias <i>Cidade 190</i> .....	94
Quadro 21 – Formatos das matérias no <i>Cidade Alerta Ceará</i> .....	94
Quadro 22 – <i>WhatsApp</i> da TV Cidade.....	100

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1</b>	<b>Construindo uma visão acadêmica .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>JORNALISMO NO AMBIENTE DIGITAL.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>O funcionamento das Redes Sociais.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2</b>	<b>Jornalismo, redes sociais e <i>smartphones</i> na era da conexão.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3</b>	<b>Jornalismo e Fontes.....</b>	<b>26</b>
<b>2.4</b>	<b>Categorizando as fontes de notícias.....</b>	<b>29</b>
<b>2.5</b>	<b>Jornalismo e <i>WhatsApp</i> .....</b>	<b>33</b>
<b>3</b>	<b>SEDIMENTAÇÃO DAS QUESTÕES DE PESQUISA.....</b>	<b>38</b>
<b>3.1</b>	<b>Jornalismo Policial no Brasil.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2</b>	<b><i>WhatsApp</i> nas rotinas produtivas das redações .....</b>	<b>43</b>
<b>3.3</b>	<b>Uso do <i>WhatsApp</i> no jornalismo policial.....</b>	<b>48</b>
<b>4</b>	<b>DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS .....</b>	<b>53</b>
<b>4.1</b>	<b>Praticidade dos aplicativos de mensagens .....</b>	<b>55</b>
<b>4.2</b>	<b>Procedimentos de análise e prospecção de grupos .....</b>	<b>58</b>
<b>4.3</b>	<b>Descrição dos grupos analisados.....</b>	<b>63</b>
<b>4.4</b>	<b>Alterações dos grupos analisados .....</b>	<b>67</b>
<b>4.5</b>	<b>Excesso de interações, dificuldade de informações .....</b>	<b>70</b>
<b>5</b>	<b>RELEVÂNCIA E NOTICIABILIDADE.....</b>	<b>78</b>
<b>5.1</b>	<b>Grade de Programas .....</b>	<b>78</b>
<b>5.1.1</b>	<b><i>Cidade 190</i>.....</b>	<b>78</b>
<b>5.1.2</b>	<b><i>Cidade Alerta</i>.....</b>	<b>79</b>
<b>5.1.3</b>	<b><i>Plantão Ceará</i> .....</b>	<b>80</b>
<b>5.1.4</b>	<b><i>Brasil Urgente Ceará</i>.....</b>	<b>80</b>
<b>5.2</b>	<b>Análise dos espelhos dos programas .....</b>	<b>81</b>
<b>5.2.1</b>	<b><i>Abertura do programa Cidade 190</i>.....</b>	<b>81</b>
<b>5.2.2</b>	<b><i>Cidade Alerta Ceará e Brasil Urgente Ceará</i>.....</b>	<b>85</b>
<b>6</b>	<b>IMAGENS TRANSFORMADAS EM NOTÍCIAS .....</b>	<b>87</b>
<b>6.1</b>	<b>Fontes Jornalísticas .....</b>	<b>87</b>
<b>6.2</b>	<b>Formatos de apresentação das notícias .....</b>	<b>93</b>
<b>6.3</b>	<b>Análise do <i>WhatsApp</i> da TV Cidade .....</b>	<b>96</b>

<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>102</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>
	<b>APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS JORNALISTAS .....</b>	<b>113</b>
	<b>APÊNDICE B - TERMOS DA ÁREA DA SEGURANÇA .....</b>	<b>114</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetivou compreender o fenômeno de trocas de informações noticiosas entre jornalistas e fontes em grupos criados no aplicativo *WhatsApp*<sup>1</sup> voltados ao jornalismo policial. A dinâmica deste meio possibilita uma nova forma de conexão entre os atores do processo de captação de informações noticiosas. Com o uso do aplicativo, textos, sons e imagens podem ser compartilhados de forma rápida e síncrona e, também, assíncrona.

Atualmente, a possibilidade de reproduzir conteúdos imagéticos com nenhum ou pouco custo é acessível a milhões de pessoas. A informação, antes restrita a meios de massa como televisão, rádio ou jornais impressos, agora se difunde e passa a ser produzida e reproduzida em aparelhos celulares. Mudanças que atravessam o fazer jornalismo atualmente.

As novas formas de comunicação digital reduziram os custos da transmissão, o processamento e o armazenamento dos dados produzidos. O surgimento desta facilidade de transmissão de múltiplos dados cria novas formas de relacionamentos sociais (THOMPSON, 2009). O tempo e espaço dos indivíduos são modificados com estas novas formas de comunicação, respondendo a ações e acontecimentos ocorridos em ambientes distantes, de forma eficiente e eficaz.

Para construir uma imagem no ambiente virtual, um dos elementos fundamentais é o sentimento de proximidade entre os atores. Mesmo que à distância, ações como apresentação do cotidiano e a troca, por vezes diária, de mensagens, aproximam os sujeitos entre si. Podemos considerar também que “estudar a interação social compreende, deste modo, estudar a comunicação entre os atores. Estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas” (RECUERO, 2009, p. 31).

Tendo em vista esse contexto, é fundamental compreender como as pessoas estão se apropriando de novas ferramentas de comunicação para produzir informação. Uma delas, escolhida para esta pesquisa, foi o *WhatsApp*.

---

<sup>1</sup> Criado para envio de textos, é o aplicativo mais utilizado no mundo. Surgido em 2009 nos Estados Unidos, ele é extremamente versátil, com um sistema que permite o compartilhamento rápido de fotos, de vídeos, de áudios e textos. Também realiza fotos, vídeos, áudios, e chamadas de voz e de vídeo e, em uma de suas atualizações mais recentes, reunião de grupos. **Portal Techtudo.com.br**. Disponível em: <http://techtudo.com.br/tudo-sobre/WhatsApp>. Acesso em: 13 de mai. 2021.

O aplicativo possui grande capilaridade junto à população e facilidade de encaminhar variados tipos de recursos como textos, áudios, fotos e vídeos. Dados da pesquisa *Panorama Mobile Time/Opinion Box – Uso de apps no Brasil* realizada em agosto de 2022<sup>2</sup>, mostram que o aplicativo é o mais utilizado pelos brasileiros.

Ele está presente em 99,2% dos *smartphones* utilizados no Brasil. 88% dos usuários abrem o aplicativo todo dia, três pontos percentuais a mais que na pesquisa de 2021. Outro dado interessante da pesquisa refere-se à importância do aplicativo na vida dos brasileiros. Para 65% dos entrevistados, eles já não lembram como era a vida sem o aplicativo.

A forma de comunicação entre jornalistas e as fontes de informação nos grupos voltados ao jornalismo policial é o que nos interessa para este trabalho e, diante desta premissa, surgem as seguintes reflexões: *Como se dá a relação entre os mesmos? De que maneira ocorre a apropriação das informações e ações, como checagem dos fatos, nos programas jornalísticos televisivos voltados à segurança pública no Ceará?* Estes são alguns dos questionamentos a serem analisados.

Para estudarmos estes aspectos, é interessante voltarmos para a observação de uma característica presente no aplicativo *WhatsApp* e lembrada por Bradshaw (2014): a instantaneidade, isto é, a possibilidade de, em um período curto de tempo, uma informação circular para várias pessoas com fotos, áudios, vídeos e textos de forma rápida e gratuita.

Adentrando ao uso de ferramentas que possibilitem uma maior interação e ubiquidade, a apropriação do aplicativo para a produção de notícias é um exemplo de transformação pela qual passa o jornalismo no meio digital e pode ser considerada uma outra característica dentro do conceito de ciberjornalismo de Pavlik (2020). Os jornalistas possuem mais um recurso para a captação de informações com os grupos criados e o propósito de troca de informações tendo, no caso, a segurança pública como tema principal.

As características já citadas, instantaneidade e ubiquidade, estão entre as sete elencadas por Canavilhas *et al.* (2014) referentes ao webjornalismo. O trabalho inclui, além das já citadas, outras características, a saber: a hipertextualidade, a multimedialidade, a interatividade, a memória e a personalização. Todas são componentes do webjornalismo, que sai cada vez mais às ruas para produzir conteúdo.

---

<sup>2</sup> Pesquisa surgida da parceria entre o site Mobile Time e a empresa de pesquisas Opinion Box. O Panorama Mobile Time/Opinion Box trata-se de um conjunto de pesquisas realizadas de forma continuada para avaliar hábitos dos brasileiros ao consumir conteúdos e serviços móveis. **Opinion Box**. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/apps-de-mensagens-no-brasil/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Os administradores dos grupos ligados ao jornalismo policial acabam captando o desejo das pessoas de divulgar assuntos que são de seu interesse e que acontecem em sua região. Trata-se de acidentes de trânsito, roubos, condições de estrada, atendimentos em postos de saúde, homicídios, como exemplos de assuntos abordados. Em um país com vários problemas sociais, o aplicativo é um meio utilizado para canalizar estes dados e fazer com que outras pessoas tenham acesso às informações. Neste espectro, os participantes destes grupos promovem um processo de produção e de consumo de mídias, atuando como produtores potenciais de conteúdo entre si e para a imprensa, em um processo de circulação das informações.

O isolamento tradicional de receber informações (JENKINS, 2009) cede espaço à tempestividade do compartilhamento e à sedução de ser o primeiro a repassar determinada informação para o grupo no qual está inserido. A participação popular como fonte do jornalismo foi potencializada no ambiente virtual com o surgimento de várias redes sociais na esfera digital. Se no início dos anos 2000 o acesso à Internet estava mais vinculado a computadores de mesa ou *notebooks*, a rápida evolução tecnológica possibilitou a expansão de aplicativos voltados ao sistema móvel, como os *smartphones*.

Franciscato (2018) analisou o engajamento entre jornalistas e fontes na construção de notícias e como acontece esta relação com a evolução tecnológica e a apropriação de recursos diversos na produção da notícia. As mudanças entre jornalistas e fontes na atual forma de produzir informações agregam um conteúdo simbólico, “cuja inovação se expressaria na construção criativa de sentidos sobre o mundo e de novas possibilidades de interações entre os atores” (FRANCISCATO, 2018, p. 43).

A apropriação do *WhatsApp* pelos profissionais da imprensa para a produção de notícias é um exemplo de transformação pela qual passa o jornalismo no meio digital. No aplicativo, os contatos podem acontecer tanto de forma direta, isto é, com os interlocutores dialogando em uma conversa privada; ou por meio da participação em grupos criados de forma gratuita para os mais diversos fins, pessoais, laborais ou de troca de informações sobre os mais variados temas. Atualmente, em fevereiro de 2023, o limite de participantes nos grupos de *WhatsApp* do Brasil é de 1024 membros. O aplicativo possui algumas características que o fazem versátil, destacando-se seu uso pelos brasileiros. Uma matéria<sup>3</sup> publicada pelo portal Resultados Digitais consolida o *WhatsApp* como o aplicativo mais utilizado pelos brasileiros.

---

<sup>3</sup> A matéria apresenta um ranking dos aplicativos e redes sociais mais acessados pelos brasileiros. O WhatsApp mostrou-se o primeiro colocado em ambas. Disponível em <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> Acessado em 10 de junho de 2023

A pesquisa *We Are Social e Meltwater 2023* mostra que 93,4% (169 milhões de pessoas) dos usuários da Internet utilizam o aplicativo.

O WhatsApp evoluiu em funcionalidades desde seu lançamento, em 2009. Passou do envio de mensagens de texto a uma gama de recursos, a exemplo a realização de chamadas de voz e de vídeo; a possibilidade de reuniões; a criação de grupos de interesses. Para pessoas com baixa escolaridade, a possibilidade de uma conversa remota por meio de áudios e vídeos, sem precisar escrever para a comunicação, facilita a troca de mensagens.

No tocante à pesquisa de grupos, Stacciarini (2019) estudou a relação entre jornalistas e fontes oficiais em grupos voltados à da segurança pública do Distrito Federal. Ela aplicou seus estudos nos erros advindos da falta de checagem de mensagens repassadas por fontes utilizando o *WhatsApp* em grupos criados por assessorias de comunicação de órgãos governamentais.

Em busca de agilidade, tanto no envio quanto no recebimento de informações textuais ou imagéticas, repórteres e fontes passaram a utilizar o aplicativo para fins de apuração, sendo criados grupos entre repórteres e assessores de órgãos governamentais. Os jornalistas também tinham acesso a fontes, chamadas pela autora de operacionais - policiais, bombeiros e socorristas que tiveram o primeiro contato com a ocorrência – além das fontes de assessoria dos órgãos de segurança “(...) muito além das formas de relacionamento entre jornalista/jornalista e jornalista/fonte, o aplicativo permite o relacionamento do público na construção da notícia” (STACCIARINI, 2019, p. 94).

A possibilidade de ter vários “repórteres” com pouco ou baixo investimento levou algumas emissoras a incentivarem a participação popular por meio da divulgação de números de *WhatsApp* para o envio de fotos, de vídeos e/ou de sugestões de pautas. Em uma análise de alguns dos grupos policiais, é identificada a participação de jornalistas de meios de comunicação tradicionais, como televisão e jornal impresso, bem como de profissionais que trabalham com *blogs* e televisões digitais.

A partir de um número de telefone de WhatsApp da empresa jornalística divulgado ao público, telespectadores, ouvintes e leitores enviam fotos, vídeos e informação de um acontecimento na cidade ou de um fato presenciado. A depender da amplitude da história, o caso vira notícia (STACCIARINI, 2019, p. 95).

Conforme Thompson (2003), foram criadas formas de ação e de interação nos meios digitais, um intercâmbio no qual os indivíduos não precisam compartilhar do mesmo ambiente e temporalidade para acontecer a troca de informações. Mesmo que esta possa ser realizada por meio do telefone, por exemplo, a Internet e a evolução dos meios de comunicação reforçaram esta interação à distância.

Para estudar as relações entre jornalistas e fontes nos grupos de *WhatsApp* voltados à segurança pública, propomos como procedimento metodológico a realização de entrevistas com jornalistas. As respostas ajudaram a compreender a relevância da presença dos profissionais da comunicação nos grupos, quer como uma forma de estreitamento de relações com as fontes quer, nos processos de apuração, municiar os jornalistas com uma maior quantidade de dados.

Foram estudados seis grupos em diferentes períodos, de 14 a 21 de janeiro de 2022. Em uma análise mais aprofundada, com grupos diferentes, o período de 14, 15, 16, 17, 27 e 28 de fevereiro; e 1, 2, 3 e 6 de março de 2023, totalizando dez dias de análises.

Também foi possível acompanhar durante os dois períodos a relevância do aplicativo *WhatsApp* nas rotinas produtivas de dois programas estudados, o *Cidade 190* e o *Cidade Alerta*, ambos pertencentes ao Grupo Cidade de Comunicação, afiliado à Rede Record.

As interações entre jornalistas e fontes e os espelhos dos programas foram objetos de nosso estudo, apresentando uma apropriação de imagens que circulam na Internet, são compartilhadas por meio do aplicativo *WhatsApp* e mostram-se essenciais para o fechamento dos horários dos programas estudados, com redações mais enxutas e um número crescente de informações que precisam ser apuradas. Um paradoxo que se reflete diretamente na qualidade devida dos profissionais da imprensa e no produto jornalístico entregue.

### **1.1 Construindo uma visão acadêmica**

A cobertura do setor de segurança pública já era familiar à minha pessoa antes do surgimento do aplicativo. Trabalhei como repórter do jornal impresso O POVO, existente no Ceará.

Entre 2006 e 2009, trabalhei na editoria de cidades produzindo matérias relacionadas à segurança pública, como o surgimento do *crack*, droga derivada da cocaína, na capital cearense; o crescimento da morte de jovens. Por vezes também cobri a reportagem policial mais cotidiana, com rondas em delegacias de polícia, no Instituto Médico Legal de Fortaleza e ligações para delegacias e policiais militares em busca de pautas.

Posteriormente, fui convidado, em 2009, para trabalhar como coordenador de comunicação da Secretaria da Segurança Pública do Estado do Ceará, permanecendo no cargo por um ano e tendo contato com vários produtores, editores e repórteres, setoristas de segurança pública ou não. O ano de 2009 também foi o início do surgimento do *WhatsApp*.

Entretanto, o contato comigo enquanto coordenador de comunicação era majoritariamente por telefone; ou utilizando *e-mails* para a formalização de pedidos de dados estatísticos ou de entrevistas; o correio eletrônico também era utilizado para o envio de fotos de eventos ou de sugestões de pautas aos jornalistas e para o envio de imagens de coletivas quando alguma equipe de jornal impresso não enviava fotógrafo. Outra forma de contato era presencialmente, durante coletivas e visitas de repórteres à secretária da segurança ou em eventos públicos.

Com o aplicativo, as relações se modificaram. A Assessoria da Secretaria da Segurança do Ceará, por exemplo, possui um grupo formado por assessores, repórteres, editores, produtores, radialistas e proprietários de sites de notícias para o envio mais ágil de sugestões de pautas e de imagens.

Entretanto, somente administradores que atuam nas assessorias de comunicação do Governo do Estado do Ceará podem enviar mensagens ao grupo. Mais recentemente, em 2015, acompanhei alguns grupos relacionados à segurança pública durante o trabalho de editor de texto do programa *Barra Pesada* antes da pesquisa.

Durante meu período no televisivo do Sistema Jangadeiro de Televisão, ele era o programa mais antigo da televisão cearense especializado na cobertura policial e de assistência. Além da rotina jornalística, os tipos de falas, perfis e comentários de alguns participantes também não foram novos para mim. Tomei posse como Inspetor de Polícia Civil do Estado do Ceará em março de 2013. A visão policial sobre as ocorrências adquiriu contornos diferentes da promovida pela profissão de jornalista, tanto como repórter, como assessor ou editor.

É uma ótica mais voltada à sobrevivência e realização profissional. Em um país violento como o Brasil, manter-se informado sobre roubos e outros tipos de crimes promovidos tanto na região de atuação de trabalho quanto no bairro em que residir podem significar, de antemão, a identificação de criminosos de forma mais rápida e no segundo, evitar ser surpreendido por criminosos, podendo ter um desfecho trágico ao ser identificado como agente das forças de segurança do Estado.

Por estes motivos, é comum a criação de grupos de apoio de agentes das forças de segurança e de profissionais da área da saúde, para reforçar a agilidade no envio de subsídios caso algum sinistro ocorra com algum integrante do grupo ou como alerta para identificação e captura de criminosos, auxiliando o trabalho dos policiais que se encontram de serviço no dia.

A percepção sobre as ocorrências repassadas nos grupos também é alterada pelo fato de eu ser um integrante do sistema de segurança do Estado, conhecendo melhor a dinâmica de como determinada informação se originou.

As rotinas de investigação e de isolamento de locais de crime, a metodologia da abordagem em algumas situações de ocorrência, os códigos existentes para repassar de forma resumida fatos, criminais ou não, acabaram por serem familiares à minha pessoa o que, para algum pesquisador sem contato anterior, poderia causar um estranhamento inicial.

É comum, por exemplo, a utilização dos mais diversos códigos para repassar situações. O código *S* é o mais usual entre os agentes de segurança e socorristas do Estado do Ceará. O código *S21*, por exemplo, indica apoio urgente; *S25*, apoio, mas sem o caráter de urgência do anterior; *S13* é uma ocorrência, de segurança ou de saúde. Parte do código *Q* também é utilizado; *QTH*, por exemplo, reporta-se à localização de onde a pessoa se encontra; ou, então, onde determinada ocorrência foi gerada.

Para esta pesquisa, mesmo com a familiaridade dos assuntos, o olhar do pesquisador, de analisar a relevância do *WhatsApp* na forma de interação entre jornalistas e fontes; as rotinas de produção em redações cada vez mais enxutas de profissionais e uma demanda por produtividade dos programas televisivos analisados foi trabalhado.

O desafio enquanto pesquisador foi o de buscar abstrair conceitos sobre a minha relação com as fontes, tanto enquanto ex-assessor de imprensa quanto como policial civil e analisar, de forma acadêmica, a relação dos profissionais jornalistas nos grupos do *WhatsApp* chamados aqui de “mistos”, por incluírem não só profissionais das áreas de segurança e saúde, mas jornalistas, profissionais liberais e outras pessoas que pedem para ser adicionadas a grupos de troca de informações sobre segurança e alertas sobre congestionamentos, acidentes, alagamentos, obras inacabadas, entre outros assuntos.

No lugar de identificar ocorrências de apoio a colegas profissionais, a busca centrou-se na relevância de determinada informação para os jornalistas que participavam dos grupos. Por vezes, centenas de mensagens acabavam sendo compartilhadas diariamente nos grupos analisados, ora relacionados a ocorrências policiais, de saneamento ou de saúde pública; ora conversas entre os participantes sobre assuntos alheios ao tema proposto de criação do grupo. As análises qualitativa e quantitativa das interações foram expostas ao longo do trabalho.

## 2 JORNALISMO NO AMBIENTE DIGITAL

### 2.1 O funcionamento das Redes Sociais

Uma das características mais presentes na Internet na atualidade é o crescimento de plataformas de interação social. Do início dos anos 2000 até os dias atuais, surgiram várias redes sociais digitais: *Skype* (2003), *Orkut* (2004), *Facebook* (2004), *Twitter* (2006); *Instagram*, (2010), *TikTok* (2016) e aplicativos de mensagens que se tornaram redes sociais com o incremento de ferramentas de interação em seu uso, como o *WhatsApp*, surgido nos Estados Unidos em 2009.

Uma matéria publicada no site Techtudo, em 2020<sup>4</sup> apresenta uma evolução do crescimento tanto do número de seguidores quanto do número de redes sociais na Internet. Segundo dados divulgados na matéria, em 2010 menos de um bilhão de pessoas participavam de redes sociais. Dez anos depois, o número passou para 3,6 bilhões de usuários. A projeção para 2025 é chegar a 4,41 bilhões de participantes de redes sociais, segundo estudo da empresa.

Já o relatório do *Pew Research Center* de 2020<sup>5</sup>, site que congrega e disponibiliza estudos estatísticos, aponta a evolução do uso de redes sociais entre os norte-americanos, saindo de 5% em 2005 para 72% em 2020. No Brasil, o estudo internacional *Digital 2022*, da *Data Reportal*<sup>6</sup>, aponta a existência de 171,5 milhões de usuários de plataformas de mídias sociais no País em janeiro de 2022. Quando comparado a 2021, houve um crescimento de 21 milhões de novas contas abertas nas mídias sociais. A pesquisa traz a ressalva de que um usuário possa estar em mais de uma plataforma. Os resultados da pesquisa *Data Reportal Digital 2022 Brazil* também reforçam o *WhatsApp* como o aplicativo mais acessado pelos brasileiros.

Conforme dados coletados em fevereiro de 2022, dos entrevistados, 96,4% afirmaram ter utilizado a ferramenta. Além da quantidade, as pessoas estão passando mais tempo à frente da tela de *smartphones* para interagirem nas redes sociais e manter contatos com amigos, familiares e velhos conhecidos.

---

<sup>4</sup> Relembra a evolução e as mudanças das redes sociais na última década. **TechTudo**. Matéria publicada em 03 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/12/relembre-a-evolucao-e-as-mudancas-das-redes-sociais-na-ultima-decada.ghtml>. Acesso em: 13 mai. 2022.

<sup>5</sup> *Pew Consumption Across Social Media in 2021*. **Pew Research Center**. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/journalism/2021/09/20/news-consumption-across-social-media-in-2021>. Acesso em 29 mai. 2021.

<sup>6</sup> *Data Reportal* é um site que congrega pesquisas globais em 230 países. Uma das pesquisas são os estudos relacionados ao uso da Internet, de redes sociais e de plataformas sociais. Acesso em: 20 jul. 2022.

“De fato, a mídia social é atualmente um caminho tão comum para as pessoas como seguir diretamente para um aplicativo ou um site de notícias” (PEW RESEARCH CENTER, 2020, tradução nossa)<sup>7</sup>.

No início do século XXI, Castells (2002) analisou as interações no meio digital, ainda bastante inexploradas à época, mas que guardava algumas tendências que perduraram, mesmo passados quase 20 anos. Entre elas, estão: a reestruturação da mão de obra por meio da tecnologia, a modificação da carga horária, a busca por profissionais com maior nível educacional e, sobretudo, a forma como as pessoas se comunicam com o uso crescente da Internetem detrimento de meios mais tradicionais, como telefones e cartas.

Embora com recursos de acesso bem mais limitados que os atuais, restringindo-se a computadores de mesa em locais de trabalho e algumas residências com maior poder aquisitivo para ter acesso à Internet, verificou-se, à época, a intensificação da criação de comunidades virtuais.

Estas não seguiriam os padrões existentes em comunidades físicas. Elas possuem uma dinâmica própria, formada em sua maioria por laços fracos de interação, mas, ao mesmo tempo, capazes de “gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada” (CASTELLS, 2002, p. 446). A afirmação do pesquisador ainda se verifica nos dias atuais, com pessoas utilizando as redes sociais para interagir de forma mais rápida com sua rede de contatos.

Em relação às conexões estabelecidas pelos usuários nas redes sociais, Jenkins *et al.* (2014) ressaltam que, muitas vezes, o conteúdo fica em segundo plano em relação ao interesse da pessoa que compartilhou determinado vídeo, foto ou *link*. Segundo os autores, uma série de possibilidades sociais surge no momento do compartilhamento, a exemplo uma maior projeção dentro de determinado grupo de conhecidos com variadas possibilidades de interesse advindos do compartilhamento de notícias.

Analisando as relações existentes dentro das redes sociais, Recuero (2009; 2017) identificou níveis de proximidade, com participantes que podem ou não se conhecer pessoalmente e, apesar de muitas vezes as relações acontecerem somente de forma virtual, a interação entre alguns atores das redes sociais pode tornar fortes alguns dos laços relacionais.

---

8 Original: “Indeed, social media is now just as common a pathway to news for people as going directly to a news organization website or app”. Disponível em: <http://pewresearch.org/short-reads/2018/03/27/american-complicated-feelings-about-social-media-in-an-era-of-privacy-concerns>. Acesso em: 29 de maio de 2021.

“Essa desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação” (RECUERO, 2009, p. 44). A pesquisadora lembra outras características importantes das redes sociais e necessárias para o jornalismo e a pesquisa. Uma refere-se à interação que pode acontecer mesmo quando ambos não estiverem online de forma síncrona, o que possibilita uma maior manutenção das relações e circulação de informações na rede social; a outra é a replicabilidade da informação, mais rápida e de forma mais frequente que por meios físicos.

“Esses dois elementos, persistência e replicabilidade, são chave para que as informações publicadas nessas redes também sejam facilmente escaláveis, ou seja, possam rapidamente percorrer toda a estrutura das redes, de modo ‘viral’ ”(RECUERO, 2017, p. 12).

Sobre uma maior participação do público na propagação de conteúdo, quer espalhando, produzindo, transformando o material recebido pelas redes sociais, Jenkins, Green, Ford (2014) destacam em sua obra a propagabilidade, referindo-se esta como os recursos que facilitam a circulação de um determinado conteúdo em relação a outros.

Esta facilidade pode ser tanto utilizada com fins comerciais, impulsionada. Como acontecer de forma natural, em que um vídeo, com apelo de violência por exemplo, seja compartilhando por milhares de pessoas ávidas a comentar com outros o que recebeu. É este segundo ponto que nos interessa.

Graças à tecnologia tanto de velocidade quanto de melhoria dos recursos para captação por meio dos *smartphones*, o vídeo de um acidente de trânsito ocorrido em um município distante de Fortaleza, por exemplo, pode ser utilizado por um repórter de Fortaleza sem a necessidade do deslocamento de uma equipe de reportagem ao local.

Esta tecnologia, entretanto, não é um produto distribuído de forma uniforme na população. Mesmo assim a circulação de conteúdo trata-se de: “Recomendações boca a boca e compartilhamento de conteúdos de mídia são impulsos que há muito tempo mobilizam as interações entre as pessoas. Talvez nada seja mais humano do que dividir histórias, seja ao pé do fogo ou em “nuvem”, por assim dizer” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 21).

Já Aroso (2013) destaca alguns cuidados na relação entre o jornalista e as fontes. Os conteúdos repassados por elas devem ter o mesmo apuro pertinente a qualquer outra fonte jornalística. O motivo é simples: Com mais pessoas repassando informações e sem a devida checagem do conteúdo transmitido, as chances de materiais transmitidos conterem dados inexatos, inverídicos ou inconsistentes também aumentam.

Portanto, cabe ao jornalista uma avaliação dos materiais produzidos, à semelhança de qualquer outra fonte e, também, auxiliar a “organizar comunidades, criando relações e mobilizando as pessoas reunidas por interesses e necessidades comuns” (AROSO, 2013, p. 5).

Sobre a participação de não-jornalistas no processo de construção da notícia, Rodrigues (2014) lembra que, apesar de a participação popular não ser um fenômeno recente – cartas, artigos, telefonemas a emissoras de rádio e de televisão –, o desenvolvimento da Internet e dos meios de captação de imagens possibilitaram uma maior participação do processo de construção da notícia. Esta participação, numerosa pela ampliação das formas de captação advindas com o uso de *smartphones*, com a ampliação de câmeras de monitoramento em vários estabelecimentos, possibilita ao jornalismo a ampliação de relatos sobre determinado tema.

Destacando-se, segundo a autora, a reação das pessoas em divulgar acontecimentos, sobretudo catástrofes. “A par dos profissionais da informação, os amadores acrescentaram numerosos pontos de vista sobre o cenário a que assistiam” (RODRIGUES, 2014, p. 189). Ainda sobre a participação das pessoas, Franklin (2014) aponta a participação das pessoas como um dos elementos transformadores do jornalismo digital e do futuro dos veículos de comunicação. Ele exemplifica a importância do uso, por parte de jornalistas, de informações destacadas na rede social *Twitter*. Entretanto, a ideia de os jornalistas se alimentarem de informações de não-jornalistas e, mesmo, fontes oficiais, aplica-se a outras redes sociais. “Tecnologicamente, os dispositivos móveis fornecem as condições necessárias para tornar as “notícias em movimento” uma realidade”<sup>8</sup> (FRANKLIN, 2014, p. 5, tradução nossa).

Canavilhas e Fidalgo (2009) destacam a rápida evolução dos *smartphones* e a importância que representam na forma de vida das pessoas, fazendo com que estas tenham uma participação mais ativa dentro da produção da notícia. O celular possui um caráter híbrido, sendo “meio de comunicação pessoal e de informação social” (CANAVILHAS; FIDALGO, 2009, p. 109), pois, se entre as conversas surgissem informações desconhecidas por um dos interlocutores, a tendência seria o envio de *links* relacionados às notícias. Rost (2014) estabelece dois tipos de interatividade presentes nos meios digitais: a seletiva e a comunicativa. A primeira representa o que o consumidor da informação decide fazer com determinado conteúdo. Ele pode definir a forma de “navegar” em um hipertexto; buscar a informação em motores de buscas, como o Google ou recebê-las diretamente por meio de aplicativos de envio de notícias. A segunda, a comunicativa, reporta-se ao nosso objeto de estudo.

---

<sup>8</sup> Original: “Technologically, mobile devices provide the necessary preconditions to make “news on the move” a reality.”

Esta interação parte do fornecimento de um conteúdo por parte do utilizador da Internet. A “interatividade comunicativa representa as possibilidades de comunicação e expressão que o utilizador tem entre os conteúdos do meio” (ROST, 2014, p. 58). As ações de comunicação são variadas, partindo de diálogos à simples expressão da informação sem, necessariamente, ter como objetivo iniciar uma conversa

## **2.2 Jornalismo, redes sociais e *smartphones* na era da conexão**

Não há dúvidas de que o Jornalismo passou e ainda passa por profundas mudanças desde a popularização da Internet. O volume de informações produzido e armazenado de forma virtual nunca foi tão grande. As mudanças aconteceram não somente no ambiente das redações de jornais, mas, sobretudo, fora das mesmas. A relação entre jornalistas e fontes foi alterada, tornando-se mais horizontalizada e com os receptores tendo maior poder decisório, podendo participar de forma mais ativa da construção da notícia.

Os veículos de comunicação procuraram adaptar-se a esta realidade promovendo ações de engajamento das audiências, seja buscando a participação do público por meio de curtidas e comentários em redes sociais ou utilizando os conteúdos produzidos pelas pessoas nos processos de captação, apuração e de divulgação jornalísticos.

Essa negociação entre os veículos e as audiências inclui a criação de estratégias visando incrementar a participação do público, consolidadas no ciberjornalismo sob a forma de chats, fóruns de discussão, comentários abaixo das notícias, mensagens de Twitter e WhatsApp, e muitas outras manifestações de interatividade comunicativa. (SPECHT, 2017, p. 41).

Ao estudar as mudanças no jornalismo, Barsotti (2014) aplicou em seus estudos o conceito de *jornalismo em rede* proposto por Heinrich (2011) que, segundo a autora, além dos jornalistas “Também participam desta rede cidadãos comuns, as fontes, os jornalistas independentes, blogueiros e qualquer outro ator. Nela, todos têm a possibilidade de se conectarem potencialmente uns com os outros, produzir e trocar informações em múltiplos sentidos” (BARSOTTI, 2014, p. 174).

Salaverría (2014) aponta as mudanças em toda a cadeia de informações advindas com o crescimento dos meios digitais. Modificações dos meios tradicionais de comunicação que precisaram se adaptar aos novos formatos não somente de divulgação, como no início da Internet, mas com um conteúdo mais dinâmico.

O pesquisador ressalta, inclusive, algo que se tornou um “problema” com o advento das redes sociais: Se no século XX havia uma escassez informativa, o século XXI trouxe um excesso informativo, competindo ao jornalista a tarefa de, dentre os assuntos desconhecidos, “selecionar, hierarquizar e interpretar a informação” (SALAVERRÍA, 2015, p. 83).

Apesar da facilidade de encontrar conteúdo com um clique, ao jornalista compete a função de conferir credibilidade a determinadas informações consideradas mais importantes para a sociedade.

Um exemplo atual da importância da seleção de informações realizada pelo jornalismo foi a cobertura da pandemia de COVID-19 no ano de 2020. Fontes oficiais e especialistas foram consultados, de forma sistemática, para combater a epidemia de desinformação sobre o tema (LOPES *et al.*, 2020).

Entretanto, a função de pautar os acontecimentos não está mais restrita apenas aos jornalistas. Fink (2018), ao estudar as mudanças no jornalismo destacou que, apesar da redução da credibilidade jornalística, reforçada por fatores como o exercício do Jornalismo a fim de satisfazer os interesses empresariais ou pautas que dizem respeito mais aos produtores de notícias e menos aos leitores, o público ainda depende dos jornalistas para contextualizar algumas notícias, bem como dar sentido a alguns eventos.

Para tal, ressalta a autora que os jornalistas precisam considerar e conhecer quem é seu público. Para isto, alguns profissionais e empresas recorrem a ferramentas como o *Google Analytics*<sup>9</sup>, identificando gostos e matérias mais acessadas na Internet.

Algumas redações estariam, segundo a autora, contratando editores orientados ao público para identificar padrões e interagir mais com as pessoas, baseando-se nos gostos de leitura e visualizações apresentados sob a forma de algoritmos. Sobre o tema, Magalhães (2021) também alerta para a seleção e produção de matérias, tomando como base algoritmos direcionados a interesses econômicos. A ação, segundo o autor, leva a prejuízos de credibilidade jornalística e a um crescimento da desinformação em parte, segundo o autor, pela dificuldade de compreensão do modelo algorítmico atual. A evolução de recursos de interação e o aumento no número de redes sociais reforçam os estudos que relacionam a participação popular nos processos jornalísticos. Zago (2011) investigou a recirculação de informações e o uso de publicações como fontes de informação nos 140 caracteres originais do *Twitter*.

Tal qual o *WhatsApp*, o aplicativo não foi concebido para ser uma ferramenta jornalística, mas é considerado apropriado para apuração e divulgação de notícias pelos usuários. Na percepção de Zago (2011), às etapas jornalísticas de apuração, produção, circulação e consumo, deveria ser acrescentada a recirculação da notícia.

---

<sup>9</sup> Ferramenta da Google utilizada para monitorar e analisar sites.

No estudo proposto, o foco recai sobre o envio de matérias cujas informações iniciais que existiam no aplicativo, foram trabalhadas jornalisticamente e retornaram de forma direta, transformadas em matérias pelos perfis dos meios de comunicação ou indiretamente, ao ser repostada pelos usuários.

No caso de nosso objeto de estudo, diferente de Zago (2011), a análise não recai sobre a recirculação, mas na fase de apuração jornalística, na relação entre os profissionais de comunicação e as fontes em grupos voltados ao jornalismo policial. A recirculação não seria um elemento a ser analisado, embora, em uma análise qualitativa das informações dos grupos, matérias jornalísticas sejam encaminhadas como uma forma de legitimar a informação que circulou anteriormente ou para atualizar os participantes com novos informes sobre determinada ocorrência.

Os processos de apuração e de redação noticiosa, como nos lembra Pavlik (2020), estão entre as práticas fundamentais do trabalho jornalístico. Todas as novas técnicas de apuração e de apresentação das notícias têm modificado suas formas de trabalho com o ciberjornalismo, quer na utilização de elementos de apoio ao jornalismo tradicional, na apuração; quer tendo todos os processos, de apuração, de edição e de publicação totalmente digitais.

Pavlik (2020) apresenta quatro diferenças entre o chamado jornalismo tradicional e o ciberjornalismo. Como primeira diferença, está o uso da tecnologia na construção da notícia. As mudanças tecnológicas possibilitaram aos jornalistas expandir suas fontes no universo de dados do buscador Google, por exemplo ou no emprego de técnicas de raspagem de banco de dados para fortalecer o jornalismo investigativo ou, em um emprego mais comum, utilizando o aparelho de telefone celular para a captação de vídeos, fotos, gravação de entrevistas e troca de informações por meio de aplicativos como o *WhatsApp*, que possui um sistema de criptografia, reforçando o sigilo das conversas, recurso importante em algumas pautas de conteúdo mais sensível.

O autor ainda destaca o incremento de uma maior interação entre jornalistas e não-jornalistas, estimulada pela própria mídia, como uma das características que diferenciam o ciberjornalismo do jornalismo tradicional, sendo esta mais uma diferença destacada pelo autor.

Além de reforçarem pedidos de comentários e curtidas nas redes sociais, os meios de comunicação tensionam a importância da participação popular, tornando-os “ciberrepórteres”, estimulando-os a enviar fotos, vídeos, áudios, relatos de desastres naturais, de flagrantes de violência.

A mídia, por sua vez, acaba se apropriando das publicações em seu fluxo de notícias. O autor também enfatiza uma terceira diferença: no caso, a mudança na forma de financiamento da produção de notícias, bem como marcos regulatórios e legais como outras características que diferenciam o ciberjornalismo do jornalismo tradicional. “Na medida em que os cidadãos publicam tais eventos em suas plataformas de mídias sociais ou os compartilham diretamente com os operadores formais do jornalismo, esses podem posteriormente ser incorporados ao fluxo noticioso tradicional” (PAVLIK, 2020, p. 22).

O quarto predicado deste novo formato de jornalismo é a apropriação de formas mais tecnológicas e envolventes de conteúdo, como a Realidade Aumentada e a Realidade Virtual<sup>10</sup>. A outra diferença significativa entre o jornalismo tradicional e o ciberjornalismo remete à participação popular, especialmente "no campo das mídias sociais e do chamado jornalismo cidadão" (PAVLIK, 2020, p. 22).

As informações são construídas por milhões de pessoas diariamente ao postarem fotos, vídeos e textos em redes sociais; ao compartilharem informações recebidas por terceiros em grupos de *WhatsApp*; ao produzir ou reproduzir conteúdos direcionados a grupos específicos.

Para Rogel (2020), os cibermeios encontram-se em um momento chave ao procurar definir suas linguagens e fazer comunicação digital para aproveitar ao máximo o universo da Internet. Para este aproveitamento, é necessário dispor de habilidades para buscar, obter, processar e comunicar a informação.

Apesar da maior participação da população no envio de informações para a imprensa; e da evolução tecnológica, que permite a busca direta da informação por meio da *web*, Rogel (2020) reforça que o jornalista continua a desempenhar um papel fundamental ao saber tratar a informação para o meio virtual como a escolha correta de fotos e vídeos e resumir o assunto com o emprego de *hiperlinks* tendo, entretanto, que acrescentar em sua mudança de rotina laboral informações de produção rápida.

---

<sup>10</sup> Realidade Aumentada: tecnologia que permite sobrepor elementos virtuais à visão de realidade. Como exemplo de aplicação há o uso de cadernos com caracteres especiais que fornecem imagens em 3D. A Realidade Virtual consiste em “um ambiente gerado por meio de um computador com cenas e objetos que parecem reais, fazendo com que os usuários se sintam imersos nessa realidade”. **Portal Iderbola** Disponível em: <https://www.iberdrola.com/inovacao/o-que-e-realidade-aumentada> e <https://www.iberdrola.com/inovacao/realidade-virtual>. Acesso em: 10 de agosto de 2022

O acompanhamento das redes sociais, inclusive, seria uma das tarefas diárias do fazer jornalismo no ambiente virtual, “seja para consultar fontes, buscar informações, publicar conteúdo ou gerar participação do usuário” (SILVER, 2011 *apud* ROGEL, 2020, p. 72, tradução nossa<sup>11</sup>).

Difícil também analisar o crescimento do número de redes sociais e de aplicativos de troca de mensagens sem lembrar da forma de acesso dos usuários, a utilização dos *smartphones* e do crescimento da velocidade de conexão, tanto banda larga, quanto do aumento das tecnologias de operadoras, 3G (8 megabits por segundo); 4G (28 megabits por segundo) e a ainda rara 5G ( taxa de 280 megabits por segundo), fazendo com que os usuários dessas tecnologias possam enviar e receber mais dados com maior taxa de velocidade.

O acesso às redes sociais como o início do *Facebook*, antes realizado por meio dos computadores modernizou-se, sendo possível realizar o download de aplicativos para várias redes sociais.

A mudança na forma de acesso possibilitou o compartilhamento mais rápido e fácil de informações, literalmente, na palma da mão. A mudança na forma de acesso e a multiplicidade de aplicativos e de recursos para a troca instantânea de mensagens facilitaram o surgimento de novas fontes para os jornalistas.

### **2.3 Jornalismo e Fontes**

Sobre a participação das pessoas na produção das notícias, Bruns (2014) destaca os papéis e estruturas que as plataformas de redes sociais desempenham na vida dos usuários. Algumas, pela participação, contribuição e compromisso acabam desempenhando maior papel dentro das comunidades.

A ação destes personagens auxilia, por exemplo, na distribuição e produção das notícias ao alimentar grupos, sítios de notícias e redes sociais com informações produzidas por eles ou recebidas em outros grupos e conversas privadas sendo, então, encaminhadas para redações. Segundo Bruns (2014), não deve ser entendida como inovação “na mídia”, mas, sim, práticas inovadoras da participação na sociedade de mudança social.

Mudanças de comportamento na divulgação e produção de notícias proporcionadas pelas redes sociais virtuais na sociedade. As inovações de mídia, inovações de usuário e inovação social formam o que o autor chama de *ecologia de mídia* e se interconectam para a apropriação das inovações, com mudanças comportamentais na sociedade.

---

<sup>11</sup> Original: “*Se a esta para consultar fuentes, buscar información, publicar contenido o generar participación del usuario*” (ROGEL 2020, p. 72)

É precisamente a identificação de inovações nas práticas e tecnologias de mídia, inovações nas atividades e atitudes dos usuários de mídia e inovações em processos e estruturas sociais mais amplas como componentes distintos, mas conectados de um sistema maior (da ecologia da mídia, de uma perspectiva, ou da sociedade midiaticizada, de outra) o que nos permite traçar a dinâmica de sua interação e entender como se dá a mudança e a inovação em qualquer um desses três componentes (BRUNS, 2014, p.25, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Amaral (2012) parte da premissa de que a mídia evoluiu com a Internet, levando mais informações de forma globalizada. Ele ressalta que boa parcela das notícias produzidas e apresentadas nos meios de comunicação deve-se ao que ele chamou de “cidadãos mais atuantes” (AMARAL, 2012, p. 12). São pessoas produtoras de informações, sobretudo de conteúdos locais, como acidentes de trânsito, situação do tráfego, câmeras de vigilância, entre exemplos de materiais produzidos pelas pessoas e divulgados em redes sociais e aplicativos na Internet. Entendimento semelhante possui Canavilhas (2017) em relação à participação das pessoas com a maior interação proporcionada pela Internet; à captação de produtos imagéticos; e à forma rápida e barata de envio. O pesquisador ressalta, entretanto, que o conhecimento das pessoas sobre determinado assunto deve ser limitado à sua participação como fonte. “Esse conhecimento deve ser aproveitado para ser incluído na notícia, mas funciona como fonte, quem escolhe e organiza a informação é o jornalista” (CANAVILHAS, 2017, p. 28).

Fidalgo *et al.* (2013) trabalham o conceito do ser humano como um portal de comunicação. As informações pessoais seriam a mercadoria, o conteúdo repassado é o meio e os aplicativos são o pacote de apresentação deste conteúdo, isto é, a forma de o mesmo ser repassada para suprir a necessidade de se sentir informado ou de informar a todo instante. Neste sentido, a participação dos usuários em grupos de *WhatsApp* reforça a ideia do estudo.

Os usuários participantes formam nós de informação com pessoas que, em alguns casos, não se conhecem fisicamente, mas interagem de forma mais contínua que com colegas em ambientes de trabalho físico, ao alimentar o desejo de ter acesso a informações em comum, no caso deste estudo, relacionadas à segurança pública. Machado (2003) também destacou a importância da mudança do perfil de fontes jornalísticas com a popularização dos meios digitais. No período de seus estudos, muitas redações estavam migrando suas formas de produção, divulgação e organização das editorias.

---

12 Original: “It is precisely the identification of innovations in media practices and technologies, innovations in the activities and attitudes of media users, and innovations in wider societal processes and structures as distinct but connected components of a larger system (of the media ecology, from one perspective, or of mediated society, from another) which enables us to trace the dynamics of their interplay and to understand how change and innovation in any one of these three components comes about” (BRUNS, 2014, p. 25).

Embora a participação popular ainda estivesse mais vinculada a seções específicas das redações, como o *Leitor Repórter*, do IG (MACHADO, 2003), sua importância para a modificação de uma nova forma de produção de conteúdo e uso como fontes era evidente. “A novidade do jornalismo digital reside no fato de que, quando fixa um entorno de arquitetura descentralizada, altera a relação de forças entre os diversos tipos de fontes porque concede a todos os usuários o status de fontes potenciais para os jornalistas” (MACHADO, 2003, p. 6).

A relação entre jornalistas e fontes é um dos processos de apuração que foi modificado com o advento das redes sociais. Antes, restrito a números de telefone ou relatos colhidos no local as informações, agora, também aparecem de forma ininterrupta nas redes sociais. Um conteúdo que é agregado por redações cada vez mais “enxutas” em número de profissionais e se apropria de fotos, vídeos, áudios e textos da Internet e realizar a seleção das fontes, descobrir onde elas estão e manter laços de proximidade continua sendo uma ação dos jornalistas.

Como observaram Anderson, Bell e Shirky (2013), os jornalistas sempre tiveram uma rede - ou redes - que forneciam informações com contatos de profissionais de outras áreas de interesse; de colegas de profissão; de populares em redes sociais. “À medida que cada integrante da rede vai ficando ainda mais conectado, um jornalista com bom trânsito por essas redes pode obter mais ajuda ou ser mais eficiente. Edição, pauta e apuração viram atividades total ou parcialmente delegadas à rede” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 48).

Difícil abordar a evolução tecnológica, o aumento de conteúdos jornalísticos produzidos por fontes que não atuam na área da comunicação sem abordar uma característica dos meios atuais: a ubiquidade.

Pavlik (2014) conceitua esta característica das mídias como a possibilidade de qualquer pessoa, por meio da Internet, promover uma interação em tempo real. Este aspecto dos meios digitais pode levar mais força na defesa do que consideram seus direitos, pois deixaram de precisar unicamente dos meios tradicionais para exporem suas ideias e ideais para um número cada vez maior de pessoas. Ou seja, a ampliação do acesso permite uma maior variedade de fontes, indo além das institucionais.

Todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global. Além disso, o conteúdo noticioso emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas, incluindo câmeras de segurança ou vigilância bem como sensores de muitos tipos e formatos, frequentemente ligados à internet (PAVLIK, 2014, p. 160).

No jornalismo digital, algumas formas de produzir notícias nos modelos tradicionais ainda estariam presentes. Embora algumas apropriações, como o uso de informações recebidas pela Internet, constassem na construção da notícia. Apesar dos benefícios, conforme Bastos (2012), é importante observar um provável prejuízo ao jornalismo com a homogeneização dos processos de coleta de informações.

Se, por um viés, existe a praticidade da informação com uma sequência de meios imagéticos relacionados a ocorrências policiais sendo veiculados na Internet, o que facilita a produção de notícias, em outro extremo, há a dificuldade de obtenção de informações exclusivas pode prejudicar a forma de fazer jornalismo na atualidade.

Em sinergia com a ideia de Bastos (2012), Anderson, Bell e Shirky (2013) também destacam a dificuldade em se obter – e de se preservar – uma informação exclusiva até sua completa apuração, edição e publicação. A confiabilidade de que as informações repassadas em sigilo assim permanecerão implica, nos dias atuais, em conhecimentos e tecnologias para salvaguardar as fontes de inimigos, um compromisso que passa pelo dever das instituições jornalísticas.

Além do prejuízo com a homogeneização das informações, Fígaro e Marques (2020) abordam as repercussões das mudanças no mercado de trabalho dos jornalistas. As autoras destacam a “perseguição aos cliques com destaque para a espetacularização e a regra do ‘primeiro publica, depois apura’” (FÍGARO; MARQUES, 2020, p. 6) como forma de angariar visibilidade e financiamento em detrimento da apuração.

#### **2.4 Categorizando as fontes de notícias**

Para organizar os tipos de fontes, foi implementado o estudo de Schmitz (2011), que possui obra específica sobre o tema. Esta tipificação é importante para traçarmos um perfil de como se enquadram os participantes dos grupos de *WhatsApp* analisados.

Ele categorizou dois tipos de fontes: as primárias e as secundárias. O primeiro tipo é responsável por fornecer recursos de imagem, quantitativos, de localização que, posteriormente, poderão ser checados e se transformar em uma matéria. O segundo tipo, fonte secundária, seria responsável pela contextualização do fato obtido a partir da fonte primária. Podem ser especialistas ou comentaristas que ficarão responsáveis pelo desdobramento da notícia.

Na análise dos grupos e seus participantes, por repassarem informações locais de ocorrências como por exemplo: roubos, homicídios, registros em vídeos ou fotos de crimes ou desastres naturais, as pessoas que postam o fato nos aplicativos de mensagem podem ser enquadradas como fontes primárias da informação.

Sobre os envios uma informação faz-se pertinente. Quem encaminhou as mídias nem sempre está presente de fato no local onde as fotos, vídeos, áudios e localizações foram produzidos e enviados aos grupos. O próprio *WhatsApp* possui ferramentas de identificação para saber se a pessoa é a autora ou não da mídia, os recursos "encaminhada" e "encaminhada com frequência"<sup>13</sup>.

Há também a classificação por grupo, em total de oito. A oficial, a empresarial, a institucional, a popular, a notável, a testemunhal, a especializada, e a referência, ressaltando o autor que "toda informação tem uma origem ou contextualização. Quem informa é reconhecido pela notoriedade, testemunha ou especialização" (SCHIMITZ, 2011).

A fonte oficial é aquela que se pronuncia em decorrência de sua atividade e cargo em órgãos do Executivo, Legislativo ou Judiciário, ou juntas comerciais, cartórios, etc. Ele ressalta que esta é a preferida da mídia por, justamente, tratar do interesse público, algo em constante cobrança dos apresentadores ao comentarem as matérias. Há também a fonte empresarial, com ações de contato com a mídia para a preservação de seus interesses comerciais e institucionais, sendo acusadas de exercer poder financeiro sobre as empresas jornalísticas. Outra fonte, a institucional, é caracterizada por não ter fins lucrativos ou por representar grupos sociais com vistas a defender uma causa, que pode ser social ou política, nos exemplos do autor.

Das fontes apresentadas pelo autor, a popular é a que mais nos interessa. É aquela que não defende uma causa própria e pode aparecer de diversas formas: como testemunha, como denúncia de uma vítima ou reivindicação, são exemplos bem cotidianos dos programas analisados. "A figura da vítima é carregada de noticiabilidade, pois o público se interessa pelo sofrimento, injustiçado ou pela desgraça do destino" (CHARAUDEAU, 2009 *apud* SCHIMITZ, 2011, p. 26). Há também as fontes notáveis, que falam de seu ofício e são reconhecidas pelo seu talento ou fama como fontes, a exemplos artistas, profissionais liberais e personalizadas políticas. A testemunha, como o nome sugere, caracteriza-se pela representação do que viu ou ouviu quanto parte do fato ou observadora. É considerada uma fonte independente, embora não se atenha de forma fidedigna ao ocorrido. A especializada é o perito, o especialista ou intelectual que possui a capacidade de analisar as consequências de forma profissional.

---

<sup>13</sup> Os recursos *encaminhada* e *encaminhada com frequência* foram inseridos em 2019. A ideia mostra ao receptor que determinada mensagem é repassada muitas vezes, alertando o mesmo sobre possíveis mensagens falsas e propagandas indevidas que surgem na Internet. O *encaminhado com frequência*, identifica mensagens repassadas mais de cinco vezes. **Portal Tech Tudo**. Disponível em [www.techtudo.com.br/whatsappcomecaamostrarsemensagemfoiencaminhada muitas vezes.com.br](http://www.techtudo.com.br/whatsappcomecaamostrarsemensagemfoiencaminhada muitas vezes.com.br). Acesso em: 15 jan. 2023.

Fornece suporte ao jornalista para analisar a complexidade do tema. Por fim, a fonte referência, destinado à bibliografia, mídia ou outro suporte consultado pelo jornalista. Podem ser livros, produções científicas, audiovisuais ou *sites*.

Quanto à ação, as fontes podem ser proativas, com grau elevado de profissionalização para oferecer notícias prontas, sempre disponíveis para oferecer informações de forma antecipada para assegurar a noticiabilidade. A ativa mantém uma regularidade de relacionamentocom a mídia e possui estrutura profissional de comunicação, criando entrevistas exclusivas ou coletivas, como exemplos citados pelo autor, para gerir seus interesses com a mídia.

Já as fontes passivas são aquelas que, por sua natureza - livros, documentos e mídia, não alteram sua passividade de consulta aos jornalistas. Schmitz (2011) ressalta, entretanto, que esta característica, de ser divulgada somente após a consulta pelo repórter, também é manifestada por pessoas, organizações e grupos. Por fim, as fontes reativas adotam uma estratégia preventiva e defensiva, de desconfiança dos meios de comunicação e de como eles podem tratara informação.

No tocante ao crédito, Schmitz (2011), avalia as fontes quanto à identificação das mesmas. Pode ser identificada, usualmente, como nome, profissão e cargo, por exemplo, fazendo com que o meio de comunicação credite a pessoa que está colaborando com a matéria. A outra fonte é a anônima, quando o jornalista possui uma relação de confiança com quem repassa a informação, cabendo à fonte a decisão do que pode ou não ser divulgado.

Outra abordagem das fontes reporta-se à qualificação de acordo com a credibilidade, relação com os jornalistas e tipo de informação. Uma fonte confiável baseia-se no histórico de confiabilidade das declarações fornecidas e verídicas mantendo, jornalista e fonte, uma relação confiável. A fidedigna é aquela que, apesar de não manter um histórico de confiança mútuo, possui poder pela posição social ou proximidade do fato. A duvidosa é aquela que possui um valor de verdade reduzido, embora a posição que ocupe lhe confira certo grau de credibilidade.

Segundo a nossa pesquisa, considerando a média ponderada, conclui-se que para os jornalistas brasileiros, as fontes que merecem maior crédito são os especialistas, seguidos pelas fontes de referência, testemunhal, institucional, empresarial, oficial e popular, nessa ordem decrescente (SCHMITZ, 2011, p. 32).

Sobre as fontes especializadas e oficiais, a presença das mesmas foi percebida durante a conclusão de matérias. As produções dos programas analisados ou mesmo os repórteres, entram em contato com assessorias de imprensa solicitando entrevistas com profissionais que possam falar sobre determinado assunto ou emitem as tradicionais notas à

imprensa sobre o assunto demandado. Em relação à análise de Schmitz (2011), é importante destacar que, ao realizar a mediana das principais fontes, na época de publicação de sua obra, o aplicativo de mensagens já existia há dois anos.

Todavia, os famosos grupos do aplicativo começaram a surgir em 2011 e o uso do aplicativo para o jornalismo no Brasil iniciou-se em 2013, tendo o *Jornal Extra*, do Rio de Janeiro, como pioneiro.

Varjão (2008) realizou um estudo de fontes voltadas ao jornalismo policial. Ela estudou o tratamento dispensado à temática da violência em três jornais impressos baianos: *A Tarde*, *Correio da Bahia* e *Tribuna da Bahia*. A pesquisadora dividiu as fontes em três grandes grupos, dispostos a seguir:

1) Policial: são citadas uma das três forças de segurança descritas pela autora como Civil, Militar e Técnica;

2) Não policial: o repórter apresenta qualquer outra fonte de informação fora da esfera policial. Seriam moradores, testemunhas, amigos, parentes, vendedores, vizinhos, etc.;

3) Oculta: na matéria, não é atribuída a informação à pessoa ou instituição de forma específica, ficando a cargo do leitor uma possível identificação do autor.

Além da classificação por tipos de fontes, a autora também dividiu as falas em três tipos: identificada, não identificada e nula. Tal divisão também será adotada em nossa pesquisa com o objetivo de sistematizar, na análise das matérias, quais fontes são mais utilizadas e a relevância de participação no conteúdo exibido pelos programas. A seguir, é exposta a classificação proposta por Varjão (2008).

Identificada - a voz da fonte de informação é identificada ou, ainda que remotamente, identificável, seja ela não-policial ou policial. Ex.: “*Já no cemitério, a esposa do policial [...] contou que...*” A fala da fonte policial pode ser identificada (ou identificável) institucional ou nominalmente. Ex.: “Segundo registros no boletim de ocorrências da 3ª Delegacia, a vítima...” (identificada institucionalmente) ... Entre as fontes não-policiais, registros como “a esposa do policial”, ainda que sem o nome, foram considerados como falas identificadas, por serem identificáveis.

Não-identificada - o repórter atribui a informação a outra voz que não a sua, mas a fala não é identificada (ou identificável), tanto no caso de fontes policiais quanto de fontes não-policiais. E os depoimentos podem estar transcritos entre aspas ou não. Ex.: “*A polícia investiga duas hipóteses...*” (fonte policial); “*Tenho certeza que sabiam que ele era policial*”, afirmou a testemunha” .

Presumida - o narrador do acontecimento não atribui a informação a outra voz, usando uma fonte oculta, mas oferecendo chaves para se chegar à origem da mesma. Ex.: “*Quatro bandidos do bairro [...] são apontados como autores do crime, que foi registrado na 3ª Delegacia (Bonfim)*”; “*Foi socorrido pela viatura 1702 da 17ª CIPe (Uruguai)*”; “*O caso está sendo investigado pelo delegado plantonista da 3ª Delegacia de Polícia (Bonfim) Jaime Ele*”. É importante ressaltar que não foram identificadas situações semelhantes em relação às fontes não-policiais, o que significa dizer que toda fonte oculta com fala presumida foi considerada fonte policial.

Nula - o autor do texto identifica a fonte policial (nominal ou institucionalmente). Contudo, a fala da autoridade nada acrescenta ao relato do episódio, limitando-se a dizer não o que sabe, mas o que não sabe, sobre a ocorrência violenta. Ex.: “*Para o chefe do Serviço de Ação Social da Polícia Militar, coronel eoreira, o assassinato do companheiro foi uma perda lastimável [...]*”; “*A polícia não soube informar se os bandidos levaram alguma quantia do recinto*” (VARJÃO, 2008, p. 126 e 127).

Na análise dos programas, identificamos os tipos classificados por Varjão (2008). Foi percebido que fontes oficiais e populares, muitas das vezes, acabavam não aparecendo nas matérias, ficando ocultas. Algumas situações ocorreram para que, em muitas matérias, as fontes presumidas surgissem de uma forma mais latente. A publicização de fontes oficiais e populares nas matérias e as restrições oficiais determinadas pelo Estado em entrevistas será abordado adiante.

Em sua pesquisa, ela destaca que o tema da violência, apesar de abordar mortes e outros crimes violentos, dá espaço no noticiário a matérias de outras editorias, salvo quando o assunto, na visão jornalística dos impressos, apresenta conotações que mereçam destaque.

A autora trabalha a dimensão ética, com base em números de linhas, destaques nas páginas e outras evidências que, ao se tratar de mortes ou acidentes envolvendo pessoas com melhor condição social ou crimes violentos, como roubos, ocorrem em bairros considerados nobres, há um destaque maior. Em contraponto, ao se relatar acontecimentos violentos envolvendo pessoas com menor poder aquisitivo ocupam menos relevância pelo próprio volume de acontecimentos semelhantes com pessoas de menor poder aquisitivo.

Em nosso estudo, apesar da relevância da questão ética retratada nos estudos de Varjão (2008), este aspecto não será abordado, posto que o objeto deste estudo é a apropriação dos recursos imagéticos e textuais dispostos nos grupos de *WhatsApp* voltados à área da segurança pública e que podem ser transformados em pautas e, posteriormente, em matérias de programas voltados à segurança pública no Estado do Ceará.

## **2.5 Jornalismo e *WhatsApp***

A descrição abaixo apresenta um diálogo em um grupo existente de *WhatsApp* voltado à troca de informações relacionadas à segurança pública. As conversas foram extraídas no dia 21 de janeiro de 2022.

Por questões éticas e de privacidade, o nome do grupo foi substituído por ‘Grupo e um numeral ordinal’ e abreviado por GP e os nomes dos integrantes foram substituídos pela palavra “comentarista” (C), seguido de um número em ordem crescente do horário em que aparecem no diálogo pela primeira vez C01, por exemplo, seguido da informação do grupo, em ordem alfabética, C01A.

O termo “*mensagem marcada como encaminhada*” apresenta uma característica do aplicativo de mensagens, de marcar com a palavra *encaminhada* ou *encaminhada com frequência* quando se reporta a uma informação, textual ou imagética, cuja fonte não foi produzida pelo emissor da informação ao grupo. O trecho a seguir é uma parte dos diálogos do Grupo A (GP A), entre os Comentaristas 1 C01A (jornalista e proprietário do grupo) e o Comentarista 2 (policial militar) (C02A).

Quadro 1 – Grupo A, 21 de janeiro de 2022.

<b>C02A – 09h11 – Descrição: Conjunto de oito mensagens, sendo seis fotos e dois vídeos, todos marcados como encaminhada pelo aplicativo WhatsApp. As cenas repassadas pelo participante marcado como Comentarista 02 mostram um acidente de carro ocorrido na saída do município de Senador Sá em direção ao município de Sobral.</b>
<b>C02A – 09h27: “Homicídio ontem à noite no São Miguel” (Bairro de Fortaleza, Ceará). Descrição: Em sequência ao texto, a imagem de um jovem envolto em uma poça de sangue.</b>
<b>C01A (Jornalista) – 09h28 – “- Fiz esse caso, 31 anos, meu mundo de passagens pela Polícia.”</b>
<b>C02A – 09h35 – “- sempre desempenhando muito bem sua atividade de repórter, bem elegante nas suas reportagens”. Descrição: Em resposta ao comentário do Comentarista 01, sobre o mesmo ter ido ao local do crime de homicídio</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O relato acima apresenta parte da relação existente entre jornalistas, policiais e fontes dentro dos grupos de *WhatsApp*<sup>14</sup>. Temos literalmente, em mãos, um instrumento capaz de promover a interlocução entre emissor e receptor por meio de conversas síncronas ou assíncronas; bem como produzir, editar e compartilhar textos, fotos, vídeos, áudios e promover teleconferências.

Todas estas funcionalidades são importantes para a produção e disseminação de informações que foram apropriadas pelos meios de comunicação em suas rotinas laborais. São recursos imagéticos compartilhados rapidamente de forma privada, de pessoa a pessoa; ou por meio de grupos criados com finalidades as mais variadas; seja para aproximar amigos e familiares; com propósitos lúdicos; ou, mesmo, com fins profissionais e acadêmicos.

Há alguns estudos que comprovam a apropriação deste aplicativo nas rotinas dos veículos de comunicação. Sua aplicação como instrumento para estabelecer uma conexão entre profissionais da imprensa e fontes jornalísticas começou em 2013 (BRONOSKY; MORAIS, 2018; SPECHT, 2017), no jornal *Extra*, do Rio de Janeiro. Um tipo de comunicação que estimulou a participação popular, antes restrita de forma mais latente por meio de telefonemas às redações ou repórteres e, também, na entrevista realizada fora do ambiente redacional.

<sup>14</sup> O acesso aos grupos voltados à troca de informações na área da segurança deu-se por meio de convites. Solicitei a um dos jornalistas participantes que me indicasse, tanto por ser policial civil quanto jornalista.

Os veículos de comunicação, ao perceberem a praticidade e a quantidade de informações imagéticas circulando de forma rápida, majoritariamente gratuitas, inseriram fotos, áudios, vídeos encaminhados por meio do *WhatsApp* em suas rotinas produtivas. A ferramenta é mais ágil que outros recursos digitais utilizados para a participação popular, como o e-mail e outras redes sociais digitais, a exemplo do *Facebook*, pertencente ao mesmo grupo, o *Meta*.

Outro ponto a se destacar para o estudo no tocante à presença de jornalistas em grupos voltados à segurança pública e a relação dos mesmos com as fontes refere-se ao interesse pelo mesmo tema. No caso, imagens, fotos, vídeos e informações de flagrantes de violência e, também, de questões de interesse geográfico, a exemplo acidentes de trânsito, locais de congestionamento, pontos de alagamento.

Os programas analisados, *Cidade 190*, *Cidade Alerta Ceará* (ambos da TV Cidade, afiliada à Rede Record no Ceará) e *Brasil Urgente Ceará*, da TV Metropolitana, afiliada à TV Bandeirantes no Ceará. A opção pela análise do uso do *WhatsApp* no jornalismo policial realizado no Ceará, intuito dessa pesquisa, deve-se a algumas características infelizmente presentes em nosso cotidiano. Segundo critérios de noticiabilidade de Traquina (2005), assuntos como mortes, crimes, proximidade e escândalos estão entre os mais procurados para a produção da notícia.

Os grupos analisados possuem como característica em comum a postagem, de forma principal, de assuntos relacionados a fatos ocorridos no estado do Ceará e que digam respeito à segurança pública. Esta delimitação geográfica é um dos critérios de noticiabilidade apresentados por estudo elaborado por Luiz Fernandes (2014), que produziu um compilado de vários estudiosos dos critérios de noticiabilidade.

Os destaques do estudo de Fernandes (2021) foram a proximidade, com dez citações; seguido de conflitos (6); e proeminência (personagens públicos), também com seis referências. Para nosso estudo os dois critérios enquadram-se com a proposta dos programas estudados tanto pela condição geográfica, de apresentar de forma prioritária assuntos relacionados a fatos ocorridos no Ceará. Quanto pelo perfil dos valores notícia, no caso em questão dos programas estudados, os conflitos, a exemplos brigas, roubos e mortes.

Do ponto de vista do leitor, nada pode ser mais susceptível de interpretação no seu contextosociocultural do que os fatos locais vivenciados por ele. Para ilustrar a questão: as 20 mil mortes provocadas pelo terremoto da Turquia, para o leitor de Joinville(SC), soarão como uma dramática estatística. Porém, um acidente com uma única vítima fatal, no bairro deste joinvilense, terá repercussão de tragédia para este morador (FERNANDES, 2021, p.173).

O estudo realizado por Melém (2011) cujo objeto de análise foram os critérios dos valores-notícia do jornal *Diário do Pará*, mostrou que 70% das notícias publicadas pelo periódico analisado são referentes a infrações, como crimes de trânsito, dentre outros delitos. Estudos mais recentes indicam que os usuários e sua forma de opinar modificaram os critérios de noticiabilidade identificados inicialmente por Traquina (2005) e Mélem (2011). Um dos trabalhos que aponta esta mudança é o de Santos (2020).

Essa atuação direta dos usuários na distribuição dos conteúdos jornalísticos para sua própria rede de contatos – tanto em sites de redes sociais como em aplicativos de mensagens privadas, como *WhatsApp* e *Telegram* – faz com que os veículos de comunicação repensem seus valores-notícia. (SANTOS, 2020, p. 103).

Santos (2020) também cita as pesquisas de Harcup e O'Neil (2017) para reforçar as mudanças nos valores-notícia. Segundo o estudo da dupla e disposto na pesquisa de Santos (2020), em 2001 eles propuseram dez fatores: elite poderosa, celebridade, entretenimento, surpresa, más notícias, boas notícias, magnitude, relevância, acompanhamento que, segundo a autora, seriam as "suítes"<sup>15</sup> de assuntos já publicados e a agenda do jornal.

A proposta da dupla seria a de avaliar se os valores-notícia se modificaram após o surgimento de redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*. Na análise disposta no trabalho de Santos (2020):

Ao observar as notícias presentes nos rankings de plataformas de mídias sociais, os autores encontraram semelhanças e diferenças em relação aos jornais. O fator “más notícias” mostrou-se quase tão frequente entre os usuários na internet quanto nos impressos. Os conteúdos mais populares online raramente tratavam da “elite poderosa”. Além disso, o principal valor-notícia encontrado nos rankings foi “entretenimento”; “essas histórias parecem ser compartilhadas pelos leitores online porque são divertidas, e compartilhá-las pode iluminar o dia” (HARCUP; O'NEILL, 2017, p. 1480). Com essa conclusão e baseados em estudos de outros autores, os pesquisadores sugerem o surgimento de um possível novo valor-notícia: *shareability* (em tradução livre, “capacidade de compartilhamento”) (SANTOS, 2020, p.39).

Entende-se noticiabilidade como todo fator capaz de agir na construção da notícia (SILVA, 2021), denota-se que o *WhatsApp* acaba por influenciar os processos de produção, de interação e de relação com as fontes, tornando-se um recurso apropriado pelas redações na construção do jornalismo. O aplicativo influencia, inclusive, na qualidade da notícia, comprimindo-a, reduzindo as características originais de fotos, vídeos e áudios para facilitar o compartilhamento. Além dos aspectos já destacados, os programas analisados possuem contas no aplicativo, permitindo a interação entre as redações e os telespectadores de forma assíncrona ou síncrona, umavez que os programas são apresentados ao vivo.

---

<sup>15</sup>A suíte, no jornalismo, trata-se de um desdobramento da matéria principal, uma continuação de um assunto abordado anteriormente.

É no percurso dessa longa cadeia produtiva da notícia que devemos investigar a rede de critérios de noticiabilidade, compreendendo noticiabilidade (newsworthiness) como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia (SILVA, 2021, p. 59)

A evolução da Internet e a modernização dos *smartphones* ampliaram as possibilidades de interação entre os mais diversos públicos e a captação de imagens por meio de câmeras. Alguns veículos de comunicação apropriaram-se do aumento imensurável de informações e as incorporaram na produção das notícias.

Aplicativos de mensagens e redes sociais possibilitaram uma maior interação entre jornalistas e fontes, como a criação de grupos específicos voltados aos mais diversos temas e que por vezes servem de suporte para o início de apurações de notícias. Entre estes grupos, estão os voltados à segurança pública, objetos deste estudo.

### 3 SEDIMENTAÇÃO DAS QUESTÕES DE PESQUISA

Para esta pesquisa foram propostas três dimensões sobre o Estado da Arte, abrangendo o período de 2016 a 2021. A primeira, uma análise do jornalismo policial no Brasil. Uma segunda dimensão, analisando o uso do aplicativo *WhatsApp* dentro do jornalismo como um todo e, por fim, uma dimensão mais específica, observando a relação direta do uso do *WhatsApp* dentro das redações voltadas ao jornalismo policial.

#### 3.1 Jornalismo Policial no Brasil

Antes do advento da internet e do envio rápido de fotos, vídeos e sons por meio de recursos como aplicativos de mensagens, correios eletrônicos e redes sociais, imagens obtidas por amadores já eram utilizadas. Aproveitando-se do interesse de parte da população em assuntos relacionados à violência, as imagens de jornalistas amadores (ROXO; GRUPILLO, 2019) eram apropriadas pelos programas jornalísticos, com destaque para os voltados ao jornalismo policial.

As limitações orçamentárias e de equipes das emissoras, dificuldades de jornalistas na obtenção de fontes policiais e dificuldades de acesso a locais considerados sensíveis em termos de violência, segundo os autores, foram alguns dos motivos para a utilização de imagens de jornalistas amadores. O foco é a busca por imagens com forte apelo emocional oferecidas a um público interessado na pauta local.

Apesar de ainda existir, em metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, o trabalho dos cinegrafistas amadores, optou-se por ceder espaço à oferta gratuita de imagens captadas por câmeras de monitoramento. E a pessoas que enviam vídeos e fotos de ocorrências a grupos de segurança pública dos quais participam jornalistas e, igualmente, para os números das redações dos veículos de comunicação.

O uso de dispositivos móveis diversos, disponíveis em plataformas on-line, ampliou a oferta de material audiovisual e o caráter participativo da audiência nos telejornais. Parte das organizações de mídia convencionais passou a incentivar, explorar e tentar disciplinar essa forma de produção de conteúdo, especialmente em eventos críticos, como guerras e acidentes naturais (ROXO; GRUPILLO, 2019, p. 101).

O recorte do jornalismo policial deve-se à facilidade de envio de fatos que sejam potenciais utilizados para uso pelos programas. O estudo das notícias mais acessadas em 2019 no portal *A Rede*, de Curitiba (VERNER; XAVIER, 2021), por exemplo, apresenta o tema segurança como o carro-chefe do site. Focando nos telejornais cearenses voltados ao tema, Morales (2020) realizou uma pesquisa etnográfica com produtores, editores e repórteres que trabalhavam, à época, em um dos programas policiais existentes.

Ela realizou uma série de entrevistas com estes profissionais da imprensa. Em um dos diálogos que teve com um repórter, é possível destacar a relação de proximidade que os jornalistas que realizam a cobertura policial procuram ter com suas fontes da área da segurança. Elas seriam, sobretudo, policiais.

A maioria dos repórteres entrevistados acreditava que estabelecer relações de proximidade com “fontes policiais” e, até mesmo, construir relacionamentos de “amizade” com eles nos bastidores das reportagens, constituía um requisito indispensável para atuar no “telejornalismo policial” cearense, por entenderem que tais atores eram suas principais e quase sempre únicas fontes. No entanto, ao longo do trabalho de campo desenvolvido durante a pesquisa, “percebi que essas relações eram marcadas por ambiguidades, apresentando tanto situações de ‘parceria’ e ‘amizade’ quanto circunstâncias de ‘conflito’ e ‘desentendimento’” (MORALES, 2020, p. 177).

A criação de grupos de *WhatsApp* para facilitar o contato com as fontes é, inclusive, observada na pesquisa. A autora ressalta que as equipes, tanto de produção quanto os repórteres e editores, conversam com as fontes por meio do aplicativo, bem como participam de grupos organizados com o fim de troca de informações, tanto no *WhatsApp*, quanto no *Facebook*.

Advento de tecnologias comunicacionais como o *WhatsApp* e o *Facebook*, que possibilitaram a criação de “grupos de discussão” e de “páginas” e “perfis” que contam com a participação dos mais diversos ramos profissionais ligados à segurança pública, tais como delegados(as), policiais militares, agentes de saúde, técnicos(as), peritos(as) criminais, médicos(as) legistas do Instituto Médico Legal (IML) (MORALES, 2020, p. 185).

Em relação à pesquisa do tema *Jornalismo Policial*, o sistema de buscas Google Acadêmico, as plataformas de pesquisa DOAJ, Scielo e o Portal de Periódicos da Capes retornaram alguns estudos.

Nas plataformas de pesquisa tentou-se, inicialmente, aplicar o trinômio “*Jornalismo*” + “*Policial*” + “*WhatsApp*”. Como os resultados foram escassos, retiramos da análise o termo “*Policial*” e ampliamos a base de pesquisa para “*Jornalismo*” + “*WhatsApp*”. A seguir, alguns dos estudos encontrados tanto ligados ao tema único jornalismo policial, quanto no binômio “*Jornalismo*” + “*WhatsApp*”.

Um dos estudos encontrados, *A notícia que temos (não) é a notícia que queremos: o jornalismo policial informa o quê?* (GIRARDI; LIMA, 2017) aborda a questão do início dos programas policiais na televisão brasileira, em meados de 20 de maio de 1991, com o programa *Aqui Agora*, exibido na grade de programação do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) tendo, à época, Gil Gomes como principal repórter, profissional que migrou do rádiojornalismo para a televisão.

O estudo ressalta a busca nestes noticiários pelo sensacional, pelo espetacular, pelo furo jornalístico, ressaltando uma uniformização e banalização do que é veiculado. O artigo cita Bourdieu (1997) para destacar a ironia da tarefa de buscar o extraordinário cotidianamente e relatá-lo como algo ordinário, corriqueiro (GIRADRI; LIMA, 2017, p. 7) e também, Nelson Traquina (2003), com foco nas notícias sobre o que é interessante e não importante.

Outro artigo, que também aborda este gênero jornalístico é *Jornalismo Policial em Frutal: análise das práticas jornalísticas* (PORTARI, 2018). O artigo destaca a participação depolíciaismilitares como locutores em duas emissoras de rádio da cidade de Frutal, em Minas Gerais, ou seja, dois profissionais da segurança pública divulgando à sociedade seu objeto de trabalho e dos outros profissionais. O estudo abordou a questão ética sobre o uso desses profissionais na divulgação e comentário das notícias.

Segundo o autor, as notícias policiais passaram a ocupar um espaço importante nos noticiários devido a catástrofes, assassinatos e outros crimes. Como os acontecimentos policiais acabam tendo uma repercussão maior em cidades pequenas, por afetar diretamente a vida da comunidade, o jornalismo policial se faz ainda mais presente.

No jornalismo radiofônico, objeto de estudo do supracitado artigo, das quatro emissoras, duas possuem programas de radiojornalismo com "ênfase no noticiário policial" (PORTARI, 2018, p. 3) e, em ambos, dois policiais militares são convidados para as notícias, o cabo Lélis Lisses (*Jornal da 97*) e o sargento Cleuder Nunes (*Raio-X*).

Ambos, segundo a análise, acabam reforçando um papel de especialista em segurança, ao combater o crime ao mesmo tempo em que exercem um papel que, em tese, deveria ser realizado por jornalistas ou apresentadores. A programação, segundo o estudo, é voltada ao uso da narrativa do medo. Boa parte dos 90 minutos da programação é direcionada para a divulgação de crimes. Quando acontecem poucos fatos criminosos, ações que talvez nem fossem divulgadas ganham destaque, como furtos e acidentes de trânsito.

Brabo (2017) realizou uma análise entre a periferia e o jornalismo policial no Pará. Ele faz um panorama histórico do surgimento da linha editorial policial no Brasil, apresentando um viés notadamente sensacionalista e teatral no radiojornalismo do século XX.

Ressaltou que, do surgimento em 1917 no *Jornal do Commercio* e *Jornal do Brasil*, durante os anos 80, houve uma profissionalização do setor, que passou a ser menos sanguinário e mais técnico nas apurações e formas de se fazer jornalismo, com a presença de especialistas e uma maior contextualização de matérias.

Entretanto, alguns veículos de comunicação, focados no lucro, continuam a explorar o sensacionalismo em matérias policiais, embora mais polidos no uso de imagens relacionadas à violência.

No estudo, Brabo (2017), além da contextualização histórica, lembra que os moradores da periferia acabam sendo a maior parte dos indivíduos presentes no noticiário policial no estado do Pará. Ao entrevistar moradores do bairro Guamá, em Belém (PA), ele identificou alguns dos estigmas de violência vivenciados pelos habitantes do local.

Os jornais, como representativos de grupos mais poderosos, expõem em suas páginas policiais a forma mais escrachada da visão inferiorizadora de grupos socialmente marginalizados. Dessa forma, atuam como uma janela de um preconceito estrutural e histórico da sociedade (BRABO, 2017, p. 91).

Esta cultura do medo é importante para nosso estudo porque este pode ser um dos motivos pelos quais os grupos são criados. No desenrolar da pesquisa, este pode ser um dos questionamentos a serem feitos a quem administra esses grupos de *WhatsApp*: saber o que motivou determinadas pessoas a se reunirem virtualmente para repassar informações sobre segurança pública e assuntos sociais, como alagamentos e outras catástrofes naturais. Seria a sensação de se sentir informado e, portanto, menos suscetível a crimes? Ou alimentar um clima de medo constante, mesmo que de forma não consciente deste resultado?

Sobre esta necessidade, de produzir e repassar conteúdo de violência, Arruda (2018) analisou os motivos que levam pessoas a registrar e, sobretudo, repassarem cenas de violência em grupos de redes sociais em seu objetivo principal. E, enquanto projeto secundário, ele investiga os motivos pelos quais o jornalismo contemporâneo apropria-se dessas imagens. Em seu estudo, ele pesquisou, por meio de questionários, os motivos que levam a maioria dos pesquisados a produzir e a enviar imagens violentas. Ele cita a facilidade tecnológica como fator para a banalização da exposição da violência.

A busca por *likes* aparece como grande motivo (64%) das respostas para o envio de notícias. Já a sensação de repassar informações úteis aparece em 25% das respostas da análise. A participação colaborativa das pessoas ao jornalismo também teria sua parcela de contribuição para o fenômeno da divulgação de imagens de violência.

O protagonismo, um dos pilares da notícia, seria um dos objetivos que levam as pessoas a enviar materiais, sobretudo de catástrofes, fazendo com que as pessoas sejam incentivadas a participar de um processo no qual "a utilização pouco criteriosa de imagem de horror traz significativa contribuição" (ARRUDA, 2018, p. 83) ao conteúdo informacional.

Além das pesquisas nacionais, o estudo sobre jornalismo policial também apareceu em Portugal. A dissertação de mestrado intitulada *Jornalismo policial na televisão generalista em Portugal: o horário nobre em análise*, de Almeida (2017), abordou o uso do tema para a captação da audiência entre televisões concorrentes em Portugal. A autora utilizou a análise de conteúdo (ALMEIDA, 2017, p. 23), em suas formas qualitativa e quantitativa, como método de pesquisa.

Ela analisou uma amostra de 75 edições, sendo 25 de cada uma das emissoras nos anos de 2012, 2013, 2014, 2015 e de 2016 para formar o *corpus* de seu objeto de estudo. Em seguida, ela dividiu as notícias segundo os formatos dos gêneros jornalísticos, anexando informações sobre localização geográfica, fontes e o que entrou ou não em destaque.

Os resultados da análise mostraram que pesquisas relacionadas a crimes corresponderam a 17% do total de pauta dos noticiários das 75 edições analisadas. Segundo o estudo, nos telejornais nos períodos pesquisados não há um crescimento em relação às coberturas policiais nos telejornais de Portugal da RTP 1, SIC e TVI. Elas apresentaram um número constante de notícias relacionadas a crime, lei e justiça e acidentes e desastres.

Este estudo, apesar de ter um período longo de análise - cinco anos - e de examinar 75 edições em todo este período, contém uma questão que pode ser utilizada na pesquisa que desenvolvemos. Mesmo não analisando programas policiais, é interessante observar que as notícias policiais corresponderam a quase 1/5 das matérias analisadas. Isso em um País com índices de homicídios, por exemplo, bem inferiores ao Brasil.

A pesquisa lusitana não focou na relação entre os jornalistas e suas fontes dentro dos grupos de *WhatsApp* para saber de onde partiram as notícias ao longo dos anos. Se houve mudanças na forma de captação das mesmas, por exemplo, com uma maior participação popular na construção da grade noticiosa.

Seguindo uma análise de comparativo de dados, Pimentel (2016) pesquisou a relação existente entre os dados estatísticos do estado do Rio de Janeiro em março de 2014; e o conteúdo apresentado no *Jornal do Brasil* em sua versão *on-line*. Foram analisadas 142 notícias durante o período. O resultado de seu estudo comprova que os critérios para a produção das notícias não são o quantitativo de crimes conforme ocorrem na sociedade. Homicídios dolosos, por exemplo, foi o mais noticiado, com 68% das notícias.

Entretanto, estatisticamente, este tipo de crime representou percentualmente 0,69% das ocorrências. Uma demonstração de que os jornais não divulgam os crimes na mesma proporção em que ocorrem, definindo outros critérios.

### 3.2 *WhatsApp* nas rotinas produtivas das redações

Três anos após o início do uso do *WhatsApp* para o recebimento de sugestões e pautas pelo jornal *Extra*, em 2013, vários outros veículos de comunicação passaram a valer-se da praticidade, baixo custo e facilidade de interação proporcionada pelo aplicativo. Um destes casos foi o telejornal *MS Record*, de Mato Grosso do Sul, que implementou o aplicativo em sua rotina produtiva, tendo sido objeto de estudo para Anelo (2016).

A autora lembra a importância dos *smartphones* no cotidiano das pessoas, graças às múltiplas funcionalidades de aplicativos para as mais diversas finalidades. No caso do *WhatsApp*, com uma série de recursos para o envio de mensagens de texto, de voz, de vídeos, fotos e, também, a criação de grupos. Ela analisou a participação popular, gravando as edições do telejornal e analisando a importância do aplicativo na modificação das rotinas durante os meses de fevereiro a abril de 2015, tendo posteriormente, devido ao grande volume de material, reduzindo a análise para o mês de fevereiro de 2015, período no qual ocorreu uma mudança no formato do telejornal.

Foi realizada uma análise qualitativa e quantitativa das informações repassadas à produção do telejornal antes, durante e depois das edições. Para auxiliar na análise a autora acompanhou uma reunião de pauta. A autora citou, como exemplo, uma matéria exibida em 24 de fevereiro referente à dificuldade enfrentada por uma mãe e duas filhas cadeirantes devido a uma erosão na rua. Esta informação chegou à redação, segundo a pesquisadora, por meio do aplicativo.

Ao realizar entrevistas com produtores e editores do telejornal, Anelo (2016) pontuou questões referentes às interações no noticiário, que convergiam na forma de mensagens para o aplicativo, por exemplo. Um trecho de uma entrevista com Glaura Villauba, produtora do telejornal, destaca a importância do aplicativo nas rotinas produtivas do telejornal *MS Record*, objeto da análise. “O *WhatsApp* é uma grande ferramenta né, que auxilia o nosso trabalho, que inclusive faz essa ponte de aproximar o apresentador e os repórteres que fazem as participações ao vivo dos telespectadores, porque a gente consegue ter uma conversa direta com ele” (ANELO, 2016, p. 198).

Em suas conclusões, ela destacou que o aplicativo cumpriu a função ao intensificar a participação popular por meio do estímulo dado pela apresentadora, que divulgava o número e ressaltava que algumas matérias haviam sido produzidas graças à participação do telespectador. Dos assuntos, a maioria referia-se a Cidades e Polícia (51%), como: insegurança, buracos nas vias, falta de água, por exemplo, por serem assuntos, infelizmente, mais presentes no cotidiano das pessoas.

O artigo intitulado *A Utilização dos Grupos de WhatsApp como Ferramenta de Suporte para Produção de Conteúdo Jornalístico* (SANTOS; RAMOS, 2018), publicado no 41º Congresso do INTERCOM, apresenta a utilização do aplicativo dentro de um grupo de WhatsApp intitulado *Pautas e Fontes*, que reunia, à época da pesquisa, 256 profissionais (o limite de participantes de um grupo dentro do aplicativo) da imprensa de Mato Grosso do Sul.

O artigo ressalta a importância do chamado Jornalismo Móvel, surgido no esteio das novas tecnologias, com múltiplas funções e possibilidade de compartilhamentos dos mais diversos formatos de mídia. Eles citam o trabalho de Silva (2015), reforçando que os aplicativos auxiliam na construção da notícia. “Poder participar da produção jornalística (via *WhatsApp* ou por outros meios de interação) contribuindo com conteúdo e informações que podem se transformar em notícias de repercussão” (SANTOS; RAMOS, 2018, p. 3).

Como consequência da análise, o artigo aponta aspectos positivos do uso do grupo de *WhatsApp* voltado a jornalistas, como o acesso a personagens, uma investigação menos trabalhosa, com mais tempo para a produção da notícia, facilitando o trabalho de repórteres e, também, de assessores de imprensa. Ressalta, entretanto, a necessidade do contato face a face para a construção de matérias “nos moldes éticos e morais que o jornalismo exige” (SANTOS; RAMOS, 2018, p. 8). A 10ª edição da revista *Correspondência e Análises*, de 2019, traz o artigo de Moraes (2019), que estuda os dez anos de criação do *WhatsApp*, surgido nos Estados Unidos e sua utilização nas produções jornalísticas, sugerindo a figura do *zapkeeper*<sup>16</sup>. O artigo contempla um estudo do aplicativo na rádio Band News FM, do Rio de Janeiro, utilizando-se de conceitos de teóricos da comunicação como Nilson Lage e Nelson Traquina.

O estudo fez um mapeamento de todas as mensagens direcionadas ao *WhatsApp* da emissora, buscando encontrar o nível de interferência do ouvinte na produção do noticiário. “E qual postura estava sendo adotada pelo jornalista profissional ao lidar com uma informação fornecida pela sua audiência” (MOARES, 2019, p. 3). Após o mapeamento foram estudadas, dentro das teorias jornalísticas relacionadas ao *gatekeeper* e ao *newsmaking*<sup>17</sup>, as alterações da rotina proporcionadas pelo aplicativo.

---

<sup>16</sup> Termo utilizado por Moraes (2019) em alusão ao uso do *WhatsApp*, fazendo com que o cidadão participe da produção da notícia com o envio de imagens e textos sobre assuntos que este considera como relevantes para ser uma notícia.

<sup>17</sup> Teorias que estudam a forma como ocorre o processo de produção da informação, os caminhos que a mesma percorre. A primeira trabalha com o grau de noticiabilidade do assunto, utilizando-se critérios como valor da notícia e o grau de noticiabilidade. Na segunda teoria, o *gatekeeper*, seria a pessoa responsável por ser a pessoa que definirá o que será e o que não será notícia. Com o aumento da Internet e a multiplicação de espaços para publicar e produzir conteúdo, o papel de guardião, antes mais restrito aos profissionais da comunicação, agora é potencializado por outras pessoas que não são da área

A autora chegou à conclusão da criação de um novo “portão de entrada para a notícia, o *zapkeeper*” (MORAES, 2019, p. 5). Segundo o estudo, a participação do ouvinte por meio do aplicativo agilizaria algumas informações que, pelos meios tradicionais, demorariam a chegar à redação.

Seriam acidentes de trânsito, problemas relacionados à violência, engarrafamentos nas vias de trânsito, dentre outros, que chegariam de forma rápida e a um custo reduzido às redações, confrontando o encaminhamento normal das rotinas de teoria do *newsmaking*, que envolveriam a relação entre empresas de comunicação de massa e profissionais da imprensa na produção mais tradicional da notícia, como *releases* oficiais.

Um cidadão, de posse de um *smartphone* conectado à internet, está apto a ser agente ativo em qualquer um dos novos ecossistemas midiáticos. Neste sentido, o ouvinte darádio está assumindo também seu novo papel neste cenário. Por meio de mensagens de áudio enviadas pelo aplicativo WhatsApp, ele passa a alimentar a produção da emissora como um repórter (MORAES, 2019, p. 10)

Garau (2018) também pesquisa a relação entre as modificações do jornalismo e a utilização de redes sociais, no caso específico, o aplicativo em questão. No estado da arte da referida dissertação de mestrado o destaque é para a pouca produção acadêmica com o tema *WhatsApp* e Telejornalismo, inexistindo estudos com esta temática referentes aos telejornais locais exibidos no Espírito Santo.

Segundo a autora os estudos começaram a aparecer a partir de 2015 nos anais do Intercom, “três trabalhos que relacionam o *WhatsApp* ao radiojornalismo, dois ao jornalismo impresso, e três que abordam a utilização do aplicativo nas redações de TV” (GARAU, 2018, p. 20). Na relação com o objeto de pesquisa, um destaque vem para a importância que ajuda a ilustrar a importância do *WhatsApp*.

Um caso policial cujas imagens e demais informações foram encaminhadas por aplicativo e ganharam uma importante repercussão com as matérias produzidas pelo *Tribuna de Notícias*, a repercussão da morte de um rapaz e a suíte da matéria com uma reviravolta sobre o caso.

Parte das informações iniciais sobre a matéria, que aborda a morte de um rapaz, descrita no estudo, acabou restando equivocada, ressaltando a importância do jornalismo como instrumento para aferir a veracidade das informações que chegam às redações.

Além do uso do *WhatsApp*, este estudo se reveste de importância por outro aspecto. O *Tribuna de Notícias* (TN), segundo a autora, deu um grande destaque às matérias de cunho policial, reduzindo este perfil para outro tipo de jornalismo, também com apelo popular, em quadros de serviços à população, além de outros quadros mais leves.

Das ruas, repórteres e cinegrafistas podem receber e enviar essas informações, fotos e vídeos, diminuindo o número de passagens pela empresa. Isso torna mais ágil o processo de produção da notícia, de tal forma que reportagens que anteriormente não seriam produzidas em tempo hábil para exibição na edição acabam sendo exibidas normalmente (GARAU, 2018, p. 112).

O *Tribuna de Notícias* utiliza um grupo de *WhatsApp* para o acompanhamento, compartilhamento e análise das notícias, com informações 24 horas por dia. O envio de um material mais completo, como fotos, áudios e vídeos, ressalta a pesquisadora, auxilia os produtores na veracidade da informação, o que não seria possível de início se o meio de comunicação fosse o telefone, por exemplo. Conforme a análise dos dados do número destinado aos contatos com os telespectadores, são mais de 300 mensagens diárias.

Em um dos dias da análise, foram 395 mensagens enviadas ao *WhatsApp*. A pesquisadora também teve acesso ao espelho<sup>18</sup> do programa, além de entrevistas com os membros da equipe e um resumo, feito pelas produtoras, do que elas consideravam ser importantes, como a quantificação de mensagens. A pesquisadora detalha a estrutura redacional do *Tribuna de Notícias*, apresentando não só o horário de início (meio-dia) ou a duração – 40 minutos divididos em três blocos –, mas também ressalta a importância que o apresentador insere na linha editorial à participação dos telespectadores.

O estímulo aos *amigos do TE*, como são chamados os telespectadores, segundo um dos editores entrevistados, faz com que eles sintam que suas indicações de pauta são utilizadas, estimulando outras participações com base no clima de cordialidade entre apresentador e telespectador durante o programa.

Conforme as conclusões do estudo, a utilização do aplicativo alterou as rotinas das redações, sobrecarregando, por vezes, algumas funções, como produtores e editores, uma vez que as empresas de jornalismo estão reduzindo seus quadros, em parte, pelo uso dessas novas tecnologias. Em contrapartida, segundo a autora, o uso modificou a relação entre jornalistas e os telespectadores e renovou o “modo de produzir, transmitir e receber informações” (GARAU, 2018, p. 114). Reis e Thomé (2017) analisaram os impactos do *WhatsApp* nos principais jornais impressos do Rio de Janeiro: *O Globo*, *Extra*, *O Dia* e *Meia Hora*. Na análise, o estudo investigou se a utilização de dispositivo, com o incremento de uma maior participação de leitores e o aumento da quantidade de informações repassadas de forma gratuita por meio do aplicativo, poderiam ajudar as empresas a produzirem um novo tipo de funcionamento de suas redações a um menor custo.

---

<sup>18</sup> O espelho é o cronograma das matérias que serão exibidas no telejornal, apresentando sequências de entrada das matérias, os intervalos e os nomes dos participantes do programa, como o repórter que fez a matéria.

Das 488 edições analisadas, 122 faziam menções à utilização do aplicativo como fonte de informação, isso em 2015, apenas dois anos após o jornal Extra utilizar o aplicativo de forma pioneira. Os jornais *O Globo* e *Extra* utilizavam, à época, um selo para identificar qual determinada matéria havia sido oriunda da colaboração via *WhatsApp*. Já os jornais *O Dia* e *Meia Hora* faziam a referência à utilização do aplicativo no final do último parágrafo. Um dos objetivos dos selos era o de incentivar ainda mais a participação dos leitores.

A participação do leitor é comemorada nas páginas, em selos e referências, mesmo sem, muitas vezes, citar o nome dele. Para além de uma história de participação do público e de parceria entre jornais e leitores, o que se tem é uma relação em que o público acaba participando do agendamento, mas cabe às redações a função de *gatekeeper* (REIS; THOMÉ, 2017, p. 13).

A participação é, em sua maioria, segundo o estudo, voltada para abastecer as editorias com informações voltadas às áreas de cidades e policial. O envio de informações gratuitas que não teriam a visibilidade devida da imprensa sem o uso do aplicativo para o envio de fotos, vídeos e áudios sobre o fato noticioso é uma das características apresentadas neste estudo.

Bueno, Alves e Lacerda (2021) também estudaram o emprego do *WhatsApp* nas rotinas produtivas, analisando 14 redações das cidades de Araguaína (TO) e de Imperatriz (MA). Na pesquisa, foi identificada a presença do uso do aplicativo pelos profissionais da imprensa nas redações analisadas.

A pesquisa identificou, por meio de entrevistas com profissionais de alguns dos veículos analisados, que o emprego do aplicativo é aceito nas rotinas produtivas das redações. Entretanto, as pesquisadoras destacam alguns aspectos relacionados ao uso, como a profissionalização do uso do aplicativo. Outro detalhe importante da pesquisa foi a criação de um roteiro temático de entrevistas com os profissionais da imprensa, contendo:

- I. Orientações de uso: Essa categoria buscou levantar que orientações foram repassadas para esses jornalistas para o uso da ferramenta, bem como o modo que ele organiza sua atuação no dispositivo. A proposta era enxergar o grau e comprometimento da empresa e do profissional no uso diário de aplicativo;
- II. Vantagens e desvantagens: Essa categoria teve o intuito de conhecer como os profissionais se relacionam com a ferramenta e descobrir o que acreditam que melhorou e/ou piorou na rotina profissional;
- III. Qualidade do conteúdo produzido pela ferramenta: Essa categoria teve por objetivo compreender a opinião dos jornalistas sobre a interferência do *WhatsApp* em relação à qualidade do material por eles produzido, a fim de entender se nas condições que o adotam isso resulta num material que consideram adequado (BUENO; ALVES; LACERDA, 2021, p. 6).

O questionário permitiu às pesquisadoras identificarem pontos relacionados à precarização do trabalho dos jornalistas entrevistados, dentre eles: analisar quais equipamentos eram utilizados, se próprios ou das empresas e também a importância do aplicativo nas rotinas produtivas das redações estudadas.

Outro detalhe importante na pesquisa refere-se à preferência de alguns jornalistas pelo emprego de seus números particulares. Para um dos profissionais entrevistados, o uso de um número corporativo acabaria por prejudicar sua rede de contatos por considerar a linha corporativa “fria”. A resposta destaca uma questão importante para nossa pesquisa, que é a relação de desconfiança que deve existir entre jornalistas e fontes. Daí muitos grupos exigirem como ingresso identificação prévia dos postulantes a serem aceitos.

Em trabalho semelhante, Lacerda e Bueno (2019) detalharam o emprego do *WhatsApp* nas rotinas produtivas dos jornalistas de Imperatriz, no Maranhão. As autoras destacam a mudança nos processos de apuração advindos com a internet. Antes restrito ao telefone e pesquisas em bancos de dados e em bibliotecas, agora as fontes de pesquisa se expandiram em quantidade e agilidade no retorno das informações.

Outro aspecto identificado na pesquisa de Lacerda e Bueno (2019) e que se reporta diretamente ao emprego do *WhatsApp* em grupos voltados à segurança pública, refere-se à utilização do aplicativo como canal de denúncias para a imprensa por pessoas com menos recursos financeiros. Com menor poder aquisitivo e sem contatos em órgãos públicos ou políticos para resolverem suas demandas, elas recorrem às empresas de comunicação para denunciar seus problemas e o *WhatsApp* é a ferramenta utilizada nas denúncias.

Outro dado importante do trabalho é o resultado de um questionário aplicado a 39 jornalistas, entre editores, chefes de redação, repórteres de jornais impressos, televisivos e *online*. Dos questionários enviados, 15 profissionais retornaram com resultados para a pesquisa. Segundo os dados do questionário, o aplicativo é utilizado para o “contato com fontes, apuração, coletas de pautas e, o agendamento de entrevista” (LACERDA; BUENO, 2019, p. 7) e, como reforço da importância do aplicativo nas pautas relacionadas à segurança pública, com alguns dos profissionais utilizando o *WhatsApp* para acompanhamento destas pautas.

### **3.3 Uso do *WhatsApp* no jornalismo policial**

No portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por exemplo, encontramos referências um pouco mais abrangentes quando selecionamos a opção jornalismo policial e internet dentro da janela de pesquisa de cinco anos, de 2016 a 2021.

Resultados nos portais de periódicos do DOAJ e Scielo retornaram apenas dois trabalhos específicos sobre o tema WhatsApp e jornalismo policial. No sítio da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), não houve nenhum artigo publicado com o tema de jornalismo policial e *WhatsApp* em questão.

Na análise feita nos periódicos encontrados na Capes, a pesquisa *A presença do WhatsApp na produção jornalística policial* (BRONOSKY; MORAIS, 2018) apresentou um estudo referente à aplicação dos grupos de *WhatsApp* no jornalismo policial em duas rádios localizadas no Paraná: a Banda B FM e a Band News FM.

A importância do aplicativo foi verificada em um comparativo entre os principais tipos de fontes nas rádios Banda B e Band News FM. O contato direto foi o mais importante, com 36,4% das interações. O estudo da dupla sobre a utilização do *WhatsApp* revelou que o aplicativo era responsável por 23,5% das interações entre os jornalistas e suas fontes, dentre as 351 interações analisadas entre os repórteres e as fontes de informação.

Ainda sobre o estudo de Bronosky e Morais (2018), foi identificado que os grupos favoreceram uma maior interação entre os repórteres policiais e o compartilhamento de informações com um maior número de profissionais que acompanham a cobertura desse tipo de pauta, além de aumentar a integração entre os repórteres que cobrem a área policial, o estudo também mostrou uma maior integração entre os repórteres e a ampliação de fontes aos jornalistas, como profissionais da área da segurança e “pessoas comuns”, tornando a produção jornalística mais democrática.

Nas considerações finais os estudiosos apontaram vantagens, como o uso importante do aplicativo no contato com as fontes, pelo compartilhamento rápido de pautas e informações. Entre as desvantagens citadas estão a maior dificuldade em se obter furos jornalísticos; e o uso de entrevistas pelo *WhatsApp*, que inviabiliza as reações físicas e expressões faciais do entrevistado.

Outro estudo foi publicado em 2016 com o título *O uso de fontes na cobertura policial no jornalismo online no Amapá: estudo dos sites G1 Amapá e Salesnafes.com* (SARDINHA; SANTOS, 2017). A pesquisa analisou as fontes jornalísticas nas matérias de cobertura policial. O trabalho baseou-se em uma análise quali-quantitativa, ressaltando-se o risco, muitas vezes unilateral, de ter a fonte oficial como única a ser utilizada para as matérias.

A dissertação de mestrado de Catto (2020) ilustra bem a importância que o aplicativo vem assumindo como instrumento de aumento da participação popular dentro do jornalismo na atualidade.

Valendo-se de uma pesquisa exploratória, de questionário a alguns telespectadores que sugeriram pautas de entrevistas com editores de texto com jornalistas que trabalhavam no *Balanço Geral*, programa que tem o quadro *Flagrou tá na Record*, além do espelho do programa, a autora mapeou a importância do *WhatsApp* na grade do *Balanço Geral*.

A importância do estudo para a pesquisa de jornalismo policial com o uso do *WhatsApp* é reforçada porque o programa *Balanço Geral* guardava, em sua orientação editorial, algumas características de programas mais populares, um jornalístico voltado a denúncias sociais, problemas de limpeza urbana, saúde pública, transporte e segurança que “por meio de uma linguagem simples do apresentador Rodrigo Moterani tenta se aproximar do público e ajudar nos problemas da população” (CATTO, 2020, p. 34).

Ao fomentar sua pesquisa ela teve acesso ao espelho do programa que foi ao ar de primeiro de junho a 31 de agosto de 2018, sendo verificados nos dados a ordem da participação das matérias, o tempo das mesmas e os temas. É importante destacar na pesquisa o material ao qual a pesquisadora teve acesso. Por meio do espelho do programa é possível ter uma noção do que os editores do telejornal destacaram como relevante.

Outro dado importante a se destacar desta pesquisa foi a divisão por temas. O quadro *Flagrou Tá na Record*, segundo a autora, possui como principal objetivo a solução de problemas que são encaminhados por meio do *WhatsApp*, sendo este um dos temas da divisão realizada na pesquisa.

Os demais que caracterizam a divisão foram: Reclamação (vazamento de água, de esgotos, buracos, entulhos...); Polícia (flagrantes de operações policiais, de câmeras de videomonitoramento que captaram roubos, furtos); Cidade (voltado para questões climáticas da capital paulista e adjacências, como enchentes, geadas, pôr do sol) e, por fim, curiosidades, como vídeos de animais de estimação, boas atuações de atletas amadores.

Partimos do pressuposto de que o que tem moldado a sociedade e alterado os hábitos de consumo quando o assunto é mídia, fica claro neste trabalho que se trata do cidadão comum tentando resolver seus problemas por meio da imprensa e deste jornalismo participativo que tem crescido (CATTO, 2020, p. 68).

É perceptível a relevância da participação popular na produção jornalística contemporânea. Este incremento acaba sendo proporcionado, em boa medida, pelas facilidades tecnológicas de captações imagéticas proporcionadas por aparelhos celulares, como ressaltado nos estudos de Arruda (2018) e também por dispositivos como câmeras de monitoramento e de vigilância. A facilidade com que imagens e áudios podem ser compartilhados, quase que a um clique, proporcionou um maior aproveitamento deste conteúdo por parte dos meios de comunicação.

Neste aspecto, é imperativo abordar uma dimensão estética que a apropriação de imagens amadoras, captadas por dispositivos como *smartphones* ou câmeras de vigilância e enviados às redações jornalísticas sob o formato de jornalismo colaborativo, possui na mudança das rotinas colaborativas nas empresas jornalísticas.

Sobre estas imagens, Aguiar e Andrade (2019) destacam uma dinâmica “mais sedutora do que a transmissão de informações que, mesmo muito relevantes, se restrinjam a cenas “estáticas” de apresentadores narrando “notas secas<sup>19</sup>” (AZEVEDO; ANDRADE, 2019, p. 204).

Ou seja, tais imagens, além de servirem como suporte para preencher a grade de programação, acabaram por modificar a estética do que seria considerado como uma imagem conforme padrões jornalísticos de qualidade. Ao analisarmos o volume de estudos relacionados ao tema percebemos que o aplicativo vem se tornando um importante instrumento dentro das redações.

As já citadas facilidades de uso, o envio gratuito de materiais imagéticos e textuais favoreceu sua apropriação pelas redações, cada vez mais enxutas de profissionais. O aplicativo também auxilia na celeridade de produção da matéria em detrimento da qualidade das imagens recebidas, pois o sistema do *WhatsApp* comprime as imagens para que as mesmas ocupem um espaço menor, resultando em prejuízos na nitidez ao serem ampliadas.

O fato de o aplicativo estar presente na maioria dos *smartphones* utilizados no Brasil, aliado às estatísticas de crimes e de acidentes em um país com nossas dimensões e problemas de desigualdade social e de criminalidade, faz com que muitas pessoas recorram às redações apresentando seus problemas sociais.

Percebe-se, igualmente, que o jornalismo atual é produzido de forma massiva com a participação popular, seja no envio de pautas; seja na sugestão de melhorias dos materiais produzidos pelas redações.

A participação de não-jornalistas é uma constante e o aplicativo consolida-se como uma importante ferramenta, tanto para as pessoas enviarem fotos, vídeos, áudios e textos; quanto para as redações, ao serem pautadas com redução de custos e de forma mais ubíqua. No tocante ao emprego do *WhatsApp* voltado ao jornalismo policial foram encontrados poucos trabalhos que estudem a relação. As pesquisas convergiram para uma análise mais ampla sobre o emprego do aplicativo no jornalismo de forma mais macro.

---

<sup>19</sup> Nota seca: também conhecida como ‘nota pelada’ é, no jargão jornalístico, uma informação apenas lida pelo a utilização de imagens.

Acreditamos que o estudo desta dimensão, por ser uma área com um dinamismo muito forte, com poucas fontes de assessorias conhecendo o cotidiano das ocorrências em tempo real, a relação entre jornalistas e fontes dentro do jornalismo policial deve ser analisada mais detalhadamente.

Baseado no Estado da Arte sobre o tema e no acompanhamento de grupos de *WhatsApp*, proponho como questões de pesquisa dois temas. O primeiro é a análise da relação entre jornalistas e a participação popular na construção de notícias no ambiente de grupos voltados a notícias relacionadas ao tema segurança pública. Outro objetivo de estudo refere-se à relevânciadadas informações coletadas nos grupos de *WhatsApp* direcionados ao jornalismo voltado à segurança pública no processo de produção e divulgação da notícia dentro dos programas policiais no Estado do Ceará.

As questões abordariam a relevância das postagens e a relação entre os jornalistas e as fontes dentro dos grupos elencados para o estudo. Em síntese, como os meios de comunicação apropriam-se das informações coletadas no aplicativo de mensagens *WhatsApp* e sua relevância na apuração, edição e interação com o público.

A observação não-participante foi a escolhida porque o objetivo não é o de interagir com os demais integrantes dos grupos estudados, mas analisar, de forma qualitativa, as relações existentes entre os mesmos. Este tipo de metodologia se limita à coleta informações e observação, sem interação. Segundo o trabalho de Oliveira, Santos e Florêncio (2019), na observação não participante o observador deve “permanecer alheio à comunidade, grupo ou situação que se pretende observar” (OLIVEIRA; SANTOS; FLORÊNCIO, 2019, p.38).

Para manter o anonimato das pessoas inseridas nos grupos estudados, por questões éticas, os nomes dos participantes e dos grupos estudados serão omitidos deste estudo. Uma segunda questão de pesquisa é direcionada à utilização da informação dentro dos grupos, como os meios de comunicação apropriam-se desses instrumentos para produzirem suas notícias.

Neste caso, além da observação, do interesse dos jornalistas em determinado assunto postado nos grupos analisados, um estudo para se saber o percentual de notícias oriundas do *WhatsApp* que passam a compor a grade de programas jornalísticos voltados à segurança pública. Os quadros descritivos dos diálogos entre jornalistas e fontes e entre fontes, dispostos ao longo deste trabalho, auxiliam na visualização da relevância de informações que circula nos grupos analisados. Os procedimentos metodológicos de análise das fontes, dos programas escolhidos e de quadros de um dos programas que apresentam a importância da participação nos programas serão apresentados no decorrer dos próximos capítulos.

#### 4 DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS

O Grupo A recebe uma informação, enviada pelo “comentarista 01 do Grupo A” (C01A) às 20h03 do dia 20 de agosto de 2021, de um vídeo feito por populares dentro da área de expansão do Shopping Iguatemi, localizado na capital cearense. O vídeo apresenta um grupo de pessoas tentando socorrer uma mulher, deitada no chão do shopping. O vídeo é marcado como “encaminhado” pelo sistema do *WhatsApp*, indicando que a pessoa a postar não é a autora da informação.

Abaixo do vídeo, segue-se uma sequência com os dizeres *Expansão* e, em seguida, a frase “*tentativa de assalto acabou com uma mulher baleada neste exato momento dentro do Iguatemi*”, enviada às 20h04 para o referido grupo. Todas as informações possuem a etiqueta de “encaminhada” pelo aplicativo, que nomeia mensagens repassadas mais de uma vez com esta tarja.

Uma sequência semelhante de informação é postada no denominado Grupo B, às 20h11 por uma pessoa identificada como “comentarista 01 Grupo B” (C01B). A primeira mensagem, “expansão”, é seguida pelo texto *Tentativa de assalto acabou com uma mulher baleadanesse exato momento dentro do Iguatemi*. Ambas as postagens foram marcadas como encaminhadas.

Em seguida, às 20h14, C2B posta um áudio “- *já ia mandar aqui*”, e uma sequência de fotos e vídeos do local da ocorrência, todos relacionados ao fato ocorrido no dia 20 de agosto de 2021, dentro do Iguatemi, são transmitidos ao grupo. De igual forma, os vídeos e fotos são marcados como encaminhados de forma automática pelo aplicativo.

No Grupo C, às 20h10 chegam as primeiras informações sobre a ocorrência no Iguatemi. O participante C1C encaminha as seguintes mensagens, marcadas como encaminhada pelo aplicativo. “- *As loja abaixaram as porta*”; e “- *procede que teve bala*”. Em seguida, a fonte dirige uma pergunta a todos participantes do Grupo C: “- *dentro do Iguatemi?*”; e “- *Alguém tem informações?*”.

No Grupo A, às 20h03 o administrador do grupo, que é jornalista, posta a seguinte mensagem não marcada como encaminhada “*ferimento por arma de fogo dentro do Iguatemi*”. Em seguida, o mesmo participante encaminha um vídeo, às 20h04, marcado como encaminhado, mostrando o atendimento inicial à vítima dos disparos. Ao vídeo são seguidos os comentários feitos pelo participante jornalista: “*expansão*”; e “*tentativa de assalto acabou com uma mulher baleada nesse exato momento dentro do Iguatemi*”.

As mensagens repassadas anteciparam-se às primeiras notícias de veículos de comunicação. Sobre o tema, a manchete inicial do Jornal O POVO em seu sítio na Internet, na seção “Notícias/Fortaleza”, tem como título: *marido assassina mulher a tiros dentro de shopping em Fortaleza* e, como subtítulo *Funcionária da Tânia Joias foi atingida por disparos. Inicialmente, houve hipótese de que os disparos teriam sido devido a um roubo na joalheria*”. Foi postada às 20h20min, em torno de trinta minutos após as primeiras imagens começarem a circular nos grupos.

A manchete e seu subtítulo foram posteriormente alterados depois pela informação correta, de que a funcionária da joalheria havia sido baleada durante uma tentativa de assalto. A informação da morte da vendedora pelo marido também circulou em alguns grupos, por meio de áudios e textos.

Ainda sobre a matéria em questão, a legenda da foto apresenta a informação de que a imagem fora obtida via *WhatsApp* do O POVO. Na matéria, consta ainda outra reprodução advinda das redes sociais: vídeos da vítima sendo atendida dentro do shopping. O jornal também reproduziu na primeira matéria uma informação errada, originária de um áudio encaminhado pelos grupos pouco depois das imagens e vídeos iniciais, a de que se tratava de um crime de feminicídio.

O título apresentado acima foi posteriormente substituído por *mulher é assassinada em roubo a loja de shopping de Fortaleza*. Ao final da matéria, há uma errata, relatando que o jornal chegou a publicar a informação de feminicídio, sendo posteriormente substituída por assalto.

O equívoco na manchete do jornal pode ter sido atribuído a um áudio, com uma voz feminina, e a informação equivocada da primeira versão da matéria. O áudio, marcado como encaminhado com frequência pelo *WhatsApp*, indica que o participante que postou não é o autor originário da mensagem. O áudio foi postado às 20h42 no grupo A, um dos analisados pelo participante C04A.

*“- Mulher a gente ficou sabendo agora, não foi assalto. Acho que foi o marido, eu não sei o que era, namorado da gerente da Tânia Joias ele deu seis tiros nela”*  
(PARTICIPANTE C04A).

O resumo da tragédia ocorrida no dia 20 de agosto de 2021 e descrita acima apresenta algumas características comunicacionais da modernidade e do ciberjornalismo. Esse é fenômeno da ubiquidade, descrito por Pavlik (2014) e outros estudiosos da comunicação, bem como um exemplo da presença cada vez mais massiva da instantaneidade jornalística em detrimento de uma checagem mais apurada dos fatos (BASTOS, 2012).

#### 4.1 Praticidade dos aplicativos de mensagens

O rápido e barato envio de informações e a possibilidade de criação de grupos específicos levaram alguns jornalistas ligados à área do jornalismo policial a criar ou a serem inseridos em grupos voltados a discutir e compartilhar informações relacionadas à segurança pública. Um processo de convergência no qual “consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores” (JENKINS, 2009, p. 47).

As fontes nos grupos analisados são: policiais civis e militares, profissionais socorristas, vigilantes, jornalistas, radialistas e produtores de *blogs* que participam de grupos voltados sobre segurança pública, além de outros representantes da sociedade. São pessoas que se interessam por um tema específico, no caso a segurança pública e interagem, promovendo a circulação de informações sobre este e outros temas.

Neste aspecto ressaltam-se as imagens e áudios voltados ao jornalismo policial. Dados do monitor da violência do sítio *G1* apresentam o Ceará entre os estados com maiores taxas de homicídio, com 2,71 mortes em março de 2021, atrás apenas de cinco estados da federação<sup>20</sup>. Um estado caracterizado por elevado número de homicídios.

No sítio da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (SSPDS)<sup>21</sup>, é possível ter uma percepção dos dados mensais de crimes por meio da análise estatística. Nos primeiros quatro meses de 2021 foram mais de 16 mil crimes violentos contra o patrimônio no Estado, além das quase duas mil armas de fogo apreendidas no mesmo período, segundo dados produzidos pela Superintendência de Pesquisa e Estratégia de Segurança Pública (Supesp), da SSPDS do Ceará.

Os três grupos escolhidos possuem como tema principal a segurança pública. Imagens de locais de crimes como: homicídios, divulgação de prisões, vídeos e fotos relacionados a colisões de trânsito, além de crimes como roubos e furtos, estão entre alguns dos assuntos compartilhados. Também há espaço para outras temáticas, como informações sobre o trânsito, notícias relacionadas a vacinação, à comunicação de profissionais que entraram de plantão e, também, espaço para venda de alguns produtos e serviços.

---

<sup>20</sup> Monitor da Violência: sistema de acompanhamento dos registros de óbitos, de acordo com o Estado e o total do País. **Portal G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia>. Acesso em: 20 jun. 2021.

<sup>21</sup> Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social. **Estatísticas**. <https://www.sspds.ce.gov.br/estatisticas-2-3/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

Os grupos possuem como propósito o compartilhamento de informações relacionadas à segurança pública, notadamente as ações ocorridas no estado do Ceará. Sepúlveda (2016) apresenta um estudo sobre a utilização de imagens violentas nos sites de notícias *GI* e *UOL* no ano de 2015. Ela destaca o interesse que as pessoas possuem na divulgação de notícias violentas. Ainda ressalta estudos da área da Psicanálise que reforçam o interesse do ser humano pela agressividade, como os estudos produzidos pelo psicanalista Sigmund Freud.

Essa agressividade será inerente a todos e o ser humano precisa se livrar desse sentimento de alguma maneira. Alguns têm profissões que permitem o uso da força e da agressão, servindo como válvula de escape. Para os demais, resta o jornalismo sensacionalista (SEPÚLVEDA, 2016, p. 51).

Consideramos que a análise de Sepúlveda (2016), apesar de forte, guarda em si somente uma análise para o consumo de imagens relacionadas à violência: a de se extravasar a agressividade humana. Ao acompanhar alguns grupos, foi possível identificar que as pessoas relatavam a ocorrência de crimes perto de suas moradias como uma forma de denúncia.

Na ausência ou ineficácia estatal para a solução de problemas, os moradores acabam por expor situações consideradas constrangedoras por muitos, mas consideradas fundamentais pelos denunciadores, na tentativa de resolução do problema enviado à redação de um programa televisivo.

Para um comerciante, por exemplo, não é positivo ter a imagem de seu estabelecimento vinculada a ações criminosas. Mas, para um pequeno comerciante que teve suas mercadorias roubadas a divulgação das cenas do crime, mesmo que com prejuízos à imagem de seu comércio como um local inseguro, pode ajudar a identificar os autores do crime ou evitar novos roubos.

Para Sepúlveda (2016), outros componentes, como envolvimento social atrelado à coragem para acompanhar as notícias violentas; ou ritos de passagem, no caso de adolescentes, para assistir a filmes e séries de terror compõem alguns dos motivos para o consumo desse tipo de imagem. Trazendo para o campo dos grupos, os estudos destacam a tela de *smartphones*, computadores, televisores e *tablets* como locais seguros para este tipo de imagem ser visto. Basta não apertar o botão de ver o vídeo, deletar a imagem ou, no caso das TVs, modificar a sintonia do canal para se “livrar” das cenas.

O meio de comunicação sensacionalista se assemelha a um neurótico obsessivo, um ego que deseja dar vazão a múltiplas ações transgressoras – que busca satisfação no fetichismo, voyeurismo, sadomasoquismo, cropofilia, incesto, pedofilia, necrofilia – ao mesmo tempo em que é reprimido por um superego cruel e implacável. É nesse pêndulo (transgressão-punição) que o sensacionalismo se apoia (ANGRIMANI, 1995, p. 17 *apud* SEPÚLVEDA, 2016, p. 51).

A apresentação de cenas de violência continuamente acaba por fazer com que os telespectadores dos programas voltados à segurança pública, com o tempo normalizem as imagens apresentadas, apesar de seu impacto visual (SEPULVEDA, 2016). A frequência com que alguns assuntos são abordados, a exemplo homicídios, roubos, tráfico - e a semelhança entre os casos - acaba por introjetar no telespectador uma sensação de alerta em relação aos crimes.

Em um artigo sobre o tema, Arruda (2018) analisou os motivos que levavam 400 usuários de *smartphones* a encaminhar imagens relacionadas à violência. As figuras enviadas também compartilhavam a dor e o sofrimento alheios; bem como foram utilizadas por alguns meios de comunicação.

Da mesma forma, a banalização da exposição da violência também tem se intensificado com a facilitação oferecida pelas tecnologias digitais. Afinal, três em cada quatro jovens com um aparelho *smartphone* nas mãos admitem a preferência por imagens de choque na hora de compartilhar (ARRUDA, 2018, p. 75).

A análise chegou aos seguintes números. Dos 400 jovens entrevistados, 92% admitiram ter compartilhado cenas de violência. Do total, 41% repassam pelo menos uma vez por semana este tipo de imagem. Ainda segundo o estudo, a praticidade de obter o registro graças ao uso de aparelhos celulares dotados de câmera facilita esta ação.

Como elementos motivadores para o registro e divulgação, a maioria respondeu a busca por *likes*, representando 64% do total. O objetivo de repassar informações úteis aparece com 25% das questões da análise. Os resultados do estudo surpreendem, mas, ao mesmo tempo, reforçam a lógica apresentada da dessensibilização com o próximo.

Além dessa questão o artigo de Arruda (2018), em sua página 82, traz um questionamento interessante referente ao compartilhamento de imagens. Ele indaga se o jornalismo mais colaborativo, no qual as pessoas ajudam a promover as matérias, mesmo não tendo formação para tal, não poderia gerar e incentivar “momentos de fama” de algumas pessoas.

Como temas violentos rendem imagens que potencializam a atenção da audiência, a busca pela captação e a divulgação das imagens, mesmo que ultrapassando critérios éticos, morais, seria recompensada com a divulgação, com curtidas e a com uma “fama”, embora momentânea.

Estes poderiam ser estímulos na busca e compartilhamento por cenas potencialmente utilizadas nos meios de comunicação ou que promovam forte apelo nas redes sociais, também abordando a multiplicidade de imagens de violência vistas nos meios de comunicação e, atualmente, também em alguns grupos de redes sociais.

Sobre análise de imagens de violência, Sontag (2003) faz uma análise da fotografia de guerra, ampliando o horizonte para cenas violentas mais atuais e cotidianas. Durante a obra ela questiona o objetivo de divulgação de determinada imagem e, o mais importante, como se comportar diante da dor dos outros.

De fato, há muitos usos para as inúmeras oportunidades oferecidas pela vida moderna de ver à distância, por meio da fotografia, a dor de outras pessoas. Fotos de uma atrocidade podem suscitar reações opostas. Um apelo em favor da paz. Um clamor de vingança. Ou apenas a atordoada consciência, continuamente reabastecida por informações fotográficas, de que coisas terríveis acontecem (SONTAG, 2003, p. 17).

A pesquisadora também destaca o cenário no qual a imagem é apresentada. Uma fotografia de guerra em um museu terá um contexto. Outra conotação em uma capa de revista popular ou, mesmo, na televisão. Atualizando o conceito de lugar em que se olha a imagem, qual representação uma figura que remeta à violência passa ao ser, por exemplo, produzida, editada, vista e compartilhada por meio de *smartphones*?

Mais cedo ou mais tarde, a especificidade das acusações contidas nas fotos vai perder força; a denúncia de um conflito particular e a incriminação por crimes específicos vão se converter na denúncia da crueldade humana, da selvageria humana como tal. As intenções do fotógrafo são irrelevantes para esse processo mais amplo (SONTAG, 2003, p. 97).

#### **4.2 Procedimentos de análise e prospecção de grupos**

A proposta inicial previa a realização de dois questionários: Um, voltado aos jornalistas que trabalham cobrindo a área de segurança pública do Ceará e que utilizam o *WhatsApp* como ferramenta para a prospecção de pautas e de fontes. Outro, direcionado às fontes dos jornalistas nos grupos.

Estas últimas entrevistas, entretanto, não puderam ocorrer. Todos os contatos realizados com participantes para entrevistas não ocorreram. Houve tentativa com cinco participantes dos grupos dentre os que mais enviavam mensagens, mas nenhum aceitou ser entrevistado. Ao todo foram entrevistados quatro profissionais que atuam neste ramo.

Um produtor, dois repórteres e um que atua como editor, produtor e, por vezes, repórter de um dos programas analisados. Para fins de organização, as respostas e aspas serão definidas pela palavra “Jornalista”, seguida de uma sequência numérica crescente, de um a quatro, iniciando por “Jornalista 01”. Todos concordaram com a gravação das entrevistas. Também foi informado aos participantes que os mesmos não seriam identificados na pesquisa. Na análise dos profissionais entrevistados, algumas informações podem conter partes sensíveis capazes de identificar os respondentes.

Por questões de trabalho e pelo fato de, por vezes, disponibilizarem informações que podem ser sensíveis à produção dos programas, a exemplo do trabalho fora do período laboral contratado, as entrevistas completas não serão disponibilizadas ao final do projeto.

De todos os entrevistados, apenas um não havia iniciado seus trabalhos antes da utilização do *WhatsApp* como ferramenta de comunicação no Brasil, a partir de 2013 no jornal *Extra*. Todos os outros profissionais possuem mais de dez anos atuando como repórteres ou produtores de programas voltados à segurança pública, ou seja, atuam na área antes do crescimento da internet móvel, do aumento do número de pessoas com acesso à internet; e do aperfeiçoamento tecnológico dos *smartphones*, com melhor qualidade de captação de imagens edos aplicativos voltados à troca de mensagens.

Apresentaremos a seguir os procedimentos de análise nos processos de construção das matérias jornalísticas, partindo da interação nos grupos ao resultado dos processos de apuração jornalísticos. A análise do espelho dos programas, a relevância e os tipos de fontes e, também, um estudo das imagens que circularam nos grupos de *WhatsApp* e transformaram-se em matérias nos programas analisados:

a) Interação dos grupos: As interações nos grupos do aplicativo de mensagens *WhatsApp* foram analisadas utilizando-se da perspectiva do observador não-participante. O objetivo era identificar diálogos entre os integrantes dos grupos em assuntos relacionados ao tema principal dos mesmos, à troca de mensagens de ocorrências relacionadas à segurança pública e salvamento. Os grupos escolhidos foram divididos em dois blocos, totalizando seis. Foram três grupos no período de 14 a 21 de janeiro de 2022, onde procurou-se acompanhar a relevância dos grupos para a construção da notícia, bem como o aplicativo do *WhatsApp* da TV Cidade, utilizado na produção dos programas Cidade Alerta e Cidade 190.

Os dois programas são exibidos na TV Cidade, emissora afiliada à Rede Record no Ceará. O segundo bloco de grupos foi analisado nos períodos compreendidos de 13 a 17, 27 a 28 de fevereiro e 1 a 6 de março. Três grupos foram analisados em paralelo às apresentações dos programas Cidade 190, *Cidade Alerta e Brasil Urgente Ceará*. O objetivo da análise foi identificar assuntos que tivessem sido encaminhados aos grupos e, posteriormente, apropriados para serem transformados em notícias. Além dos grupos, o aplicativo *WhatsApp* também foi estudado durante o período supracitado. Os grupos escolhidos deveriam conter jornalistas entre os participantes, para analisar possíveis interações entre os profissionais da imprensa que resultassem em apoio ao processo de apuração jornalística na produção da notícia. Fotos, vídeos, localização, atualização de ocorrências em andamento, por exemplo, são assuntos relevantes na construção da notícia e auxiliam na checagem, produção e edição das notícias;

b) Análise dos espelhos: O espelho representa um resumo do que o programa deverá exibir, contendo as matérias; as propagandas; o horário de intervalo e de retorno; os formatos de notícias. É elaborado pelo editor-chefe do programa. No caso dos telejornais analisados, transmitidos ao vivo, a grade de apresentação pode sofrer mudanças que devem ser analisadas e publicadas ao longo do tempo, evitando atrasos na programação de toda a emissora.

Com isso, matérias podem ser retiradas, substituídas ou complementadas. Tudo enquanto o programa está em andamento e acompanhado por profissionais que estão na edição do programa, no controle dos caracteres e na ordem dos produtos jornalísticos ao ar no dia. Daí a importância do espelho para a pesquisa:

...ainda que previamente planejado e organizado, o telejornal não segue uma configuração rígida e imutável. Por ser ao vivo, pode, e com frequência é modificado, incluindo ou suprimindo pautas confirmadas no espelho, inclusive quando a edição está sendo transmitida (STRINGARI, 2021, p. 38).

Neste contexto, foram analisados os espelhos dos programas *Cidade 190* e *Cidade Alerta Ceará* no período de 14 a 17 de fevereiro, 27 e 28 de fevereiro; e 1 a 6 de março, totalizando dez dias, datas que coincidem com o acompanhamento da produção do *Cidade 190* e do *WhatsApp* da emissora, comum aos dois programas;

c) Análise das fontes: Para o estudo das fontes jornalísticas foi utilizada a classificação de fontes de Schmitz (2011), acrescentando-se à mesma uma terminologia de *indeterminada*, quando não é possível se saber qual a origem da fonte de uma informação. O período analisado também corresponde aos dias 14 a 17 de fevereiro, 27 e 28 de fevereiro; e 1 a 6 de março.

As fontes foram catalogadas e identificadas nos programas *Cidade 190* e *Cidade Alerta Ceará* por ser possível nas matérias relacionar, conforme as falas de apresentadores e repórteres e legendas, a origem das matérias. O programa *Brasil Urgente* não foi analisado por, justamente, na maioria das notícias a fonte ser considerada indeterminada;

d) Análises das imagens: As imagens constituem-se como um dos principais instrumentos que os telejornais dispõem para apresentar à sua audiência.

O surgimento da internet, com a rápida e barata veiculação de conteúdo, possibilitou às redações um aumento da oferta de imagens, sobretudo as enviadas pelos telespectadores, reduzindo custos de produção, como por exemplo: diminuição das equipes de reportagem e de deslocamento, mesmo que a qualidade de captação fique abaixo da realizada por profissionais cinegrafistas.

Sobre o assunto, Stringari (2021, p. 38) lembra que as redações são receptivas quanto ao conteúdo recebido pela população. Elas incentivam a participação popular. Uma dependência cada vez mais significativa das redações, pelos motivos já citados e por conteúdos enviados por populares às emissoras.

Neste aspecto, procurou-se identificar imagens que circularam nos grupos analisados no período já citado e que foram, por sua vez, apropriadas pelos veículos de comunicação estudados na construção do seu material. Para esta análise foi realizada uma minutagem das matérias e realizado um comparativo percentual das imagens enviadas aos grupos de *WhatsApp* utilizadas nas rotinas produtivas dos programas.

Como percebido nas análises dos estudos, há uma intrínseca relação entre o jornalismo produzido atualmente e o uso do *WhatsApp* no processo de construção da notícia. Iniciado em 2013, a utilização do aplicativo ganhou contornos com o uso de selos para reforçar a participação popular com mais envios; modificou alguns processos na relação entre jornalista e fontes (MORALES, 2020) e intensificou a participação popular, especialmente em pautas voltadas às editorias de cidades e de polícia.

Morais (2017) ao estudar a relação entre jornalistas e fontes policiais em rádios no Paraná, utilizou os conceitos de fontes de Schmitz (2011). Ela analisou as fontes de informação e os jornalistas que cobrem a área policial no rádio em Curitiba (PR) e as emissoras *Banda B* e *Band News*. Ela acompanhou jornalistas das duas emissoras de rádio durante três dias, tanto na produção das matérias quanto em contato com as fontes. Em sua análise, ela identificou quatro tipos de fontes mais utilizadas: oficiais, colegas, populares e especialistas.

Em sua pesquisa, Moraes (2017) destacou o elevado grau de dependência dos profissionais com o *WhatsApp*, utilizado para a comunicação entre outros profissionais da imprensa e fontes e, no caso em questão, como meio de gravação de entrevistas e subida de informações para o site da *Banda B*.

Um reforço da importância do aplicativo nas rotinas produtivas nos programas analisados pela pesquisadora. “Sem o aplicativo, a edição das matérias também fica comprometida. No dia em que o *WhatsApp* ficou por um período sem funcionar, observou-se que a repórter da tarde não conseguia passar seus áudios para a ilha de edição” (MORAIS, 2017, p.115). Ainda em relação à pesquisa de Moraes, ela observou que o aplicativo de mensagens foi utilizado por, aproximadamente, 22% dos profissionais das duas emissoras na análise dos modos de acesso às fontes, além das formas presencial, por telefone e *e-mail*.

As trocas de mensagens por meio do aplicativo, por exemplo, auxiliam no compartilhamento da informação com outros colegas de profissão, fato igualmente observado em nossa pesquisa, tanto por meio das entrevistas, quanto no fato de jornalistas estarem inseridos nos mesmos grupos. Ela cita o exemplo do grupo intitulado *Rede News*, na época da pesquisa com 125 integrantes. Ele não foi criado por um jornalista, mas por um, à época do surgimento, motorista de ônibus. Este seria, para uma das repórteres entrevistadas por Morais (2017), mais confiável que outros grupos numericamente maiores em participantes, a exemplo do *Giro de Notícias CWB*, com 194 integrantes, porém menos confiável no tocante à fidelidade das informações repassadas.

Dada a quantidade de programas jornalísticos voltados à segurança existentes no Ceará e a existência de grupos voltados para a troca de informações entre jornalistas e fontes relacionados ao tema segurança pública, faz-se necessário intensificar o estudo do uso deste aplicativo no jornalismo policial cearense. Um dos programas, *Cidade 190*, possui duas décadas no ar, reforçando a necessidade de se estudar como estes programas jornalísticos são produzidos.

Como questões a serem estudadas, destacamos a relação entre os jornalistas e fontes nos grupos de *WhatsApp* voltados ao jornalismo policial. Na pesquisa do estado da arte não foram encontrados estudos que trabalhem diretamente a relação dentro destes grupos voltados ao jornalismo policial.

Também é imperativo analisar, além das relações interpessoais na construção das notícias, o próprio emprego destas dentro dos programas voltados à segurança pública. Sua utilização é fundamental em um processo crescente de precarização do trabalho com redações mais enxutas e a necessidade de preencher um jornalismo diário? Em que medida os critérios de noticiabilidade destas redações representam a realidade das ocorrências? São questionamentos que nós fazemos e que orbitam o emprego do *WhatsApp* no contexto do jornalismo voltado à segurança pública.

Mesmo sendo policial civil e jornalista, a permanência e a escolha em alguns grupos foi trabalhosa. No início da pesquisa para escolha dos grupos, no primeiro semestre de 2021, o *WhatsApp* limitava o número de participantes a 256. Isso fazia com que os administradores, por vezes pressionados por outros integrantes dos grupos, realizassem a retirada compulsória de integrantes que não se manifestavam e “cedessem a vaga” a outros. Eu já participava, enquanto policial civil, de alguns grupos ligados à segurança pública e mistos, com alguns jornalistas. Entretanto, na busca por encontrar perfis mais representativos dos diálogos entre os profissionais da imprensa e fontes, busquei contatos com repórteres que atuam na cobertura da área policial para ser adicionado a outros agrupamentos do aplicativo de mensagens.

Alguns concordaram em realizar a intermediação com administradores. Estes, por vezes, recusavam o pedido ou não davam retorno da demanda aos repórteres ou, então, não autorizavam o acesso. Como meu objetivo era o de realizar uma pesquisa acadêmica e não o de fornecer informações, a autorização foi negada em alguns momentos.

Apesar das negativas iniciais, tive autorização para ser adicionado a alguns grupos. Entretanto, mesmo após a autorização, alguns administradores removiam meu número da lista de contatos de participantes. Sem qualquer contato prévio. As ações impossibilitaram uma análise continuada e uma busca por novos grupos para ter um mínimo de três na análise do *corpus* da pesquisa.

Para evitar a identificação dos grupos e de seus participantes, optou-se por retirar o nome original, sendo substituído pelo nome "Grupo", seguido de uma letra em número crescente. Os três primeiros foram nominados Grupos A B, C em uma fase inicial da pesquisa, de 14 a 21 de janeiro de 2022.

#### **4.3 Descrição dos grupos analisados**

O **Grupo A (GP A)** Tem como seu administrador um jornalista conhecido no meio policial há mais de dez anos. Dos três analisados, é o que possui menos participantes, 28 no total, mas o volume de postagens do período estudado, de 14 a 21 de janeiro de 2022, teve média superior a 400 postagens diárias. Os comentários referem-se a vários assuntos além da segurança pública. O administrador não ativou o recurso de mensagens temporárias do *WhatsApp*.

O **Grupo B (GP B)** Possui 207 participantes e seus administradores não são jornalistas. O recurso de mensagens temporárias está inativo neste grupo. A troca de informações policiais voltadas ao município de Caucaia, na Região Metropolitana de Fortaleza é o principal assunto do grupo. Os índices de violência deste município cearense o fazem figurar na lista dos maiores em homicídios do mundo, segundo os dados do *eapa da Violência* publicado pelo portal de notícias G1.

O **Grupo C (GP C)** Seu administrado não é jornalista. Possui 181 participantes durante a análise, com média de 271 postagens diárias. Possui como principais assuntos ocorrências geradas em Fortaleza e sua região metropolitana. Dos três foi o único que ativou o recurso recente do *WhatsApp* de "mensagens temporárias". Nele, as postagens desaparecem depois de sete dias. Um serviço voltado à redução do armazenamento de mensagens nos celulares dos participantes. Para o pesquisador, um reforço de como as informações acabam tornando-se efêmeras, mesmo que passada apenas uma semana. Por questões éticas o nome dos participantes dos grupos analisados não será divulgado.

As análises trabalhadas abordarão a relação entre os componentes e, sobretudo, como essa interação se dá com alguns jornalistas presentes no grupo. Estes últimos foram identificados pelo autor da pesquisa por meio do número de celular dos mesmos.

No **Grupo A**, apesar de ter poucas pessoas, a interação é muito grande. Infelizmente as notícias possuem em sua maioria origem não no participante, mas são oriundas de outras pessoas/grupos, pois foram marcadas como ‘encaminhadas’ de forma automática pelo aplicativo. Durante o período analisado, 14 a 21 de janeiro de 2022, não foram identificadas matérias originárias de participantes relacionadas à segurança pública do Ceará.

O **Grupo B**, por sua vez, tem como principal foco notícias da Caucaia. Percebe-se, pelas conversas entre os integrantes, que a maioria é moradora deste município da Região Metropolitana de Fortaleza. Foram identificados dez números de pessoas ligadas à comunicação, entre eles um número de aplicativo de um programa policial. Muitos participantes interagem entre si. Do total, 23 realizaram algum tipo de postagem durante o período analisado, mais de 10% do total de participantes. Foram mais de 1.100 mensagens durante os sete dias, entre ocorrências policiais originárias do grupo, encaminhadas e, também, muitas postagens sobre política nacional e local.

O **Grupo C** não possui suas regras explicitadas e percebe-se que muitas das relações também se dão fora do espaço virtual, acontecendo no mundo real do atendimento das ocorrências. Um dos participantes possui uma lanchonete, que é ponto de encontro de muitos. No grupo C, dos 181 participantes atuais, dez (10) são profissionais da comunicação, entre produtores, repórteres, cinegrafistas e criadores de conteúdo digital, sendo sete (07) jornalistas. Percebe-se que, apesar de forte movimentação do grupo, o fato de se conhecerem e brincar muito entre si acaba desvirtuando o propósito do grupo, o de ser um plantão de notícias.

Muitas falas relacionadas a conversas sobre possíveis locais de emprego, dicas de locais para alimentação e, inclusive, várias brigas entre os participantes. Durante o período analisado, de 14 a 21 de janeiro, foram, em média, 271 postagens diárias (ver quadro 2). Entretanto, um dos participantes, nominado aqui de comentarista 1 do grupo C (C01C), sempre que identifica uma ocorrência marca um cinegrafista, nominado como **Comentarista 8** do grupo C (C08C). A numeração segue uma ordem crescente de aparecimento a partir do dia 14 em todos os grupos.

Percebe-se que, em pelo menos 12 registros, a informação original teria sido gerada por um dos participantes do grupo, e não marcada como encaminhada pelo *WhatsApp*, sugerindo que ela tivesse origem no participante que postou o fato.

Apesar da pouca participação dos profissionais da comunicação existentes nos grupos, nota-se a viabilidade de participação dos mesmos em suas rotinas laborais. Existem informações de interesse dos mesmos que podem se tornar pautas em seus noticiários. Entretanto, o grande volume de interações não relacionadas ao tema principal é um dos elementos que dificulta o trabalho dos mesmos e será abordado mais à frente.

Quadro 2 - Descritivo dos grupos analisados entre 14 e 21 de janeiro de 2022.

Grupos	Participantes	Jornalistas	Um dos administradores é Jornalista	Criado por Jornalista	Média de Postagens/dia
Grupo A	28	3	Sim	Sim	428
Grupo B	207	6	Não	Não	157
Grupo C	181	7	Não	Não	271

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Nos quadros abaixo, serão apresentados trechos extraídos dos grupos pesquisados. O objetivo é exemplificar, por meio de conversas entre os participantes, a interação entre jornalistas e fontes. E, também, como ocorrem processos de apuração e de checagem das informações utilizando os grupos de *WhatsApp* voltados à segurança pública como subsídio.

No exemplo abaixo, foram destacados dois diálogos existentes em 16 de janeiro. No primeiro, uma jornalista interage com outro integrante do grupo, corrigindo-o a respeito dos motivos de um congestionamento em uma rodovia. Em outro diálogo, feito entre participantes que não são jornalistas, a importância dos grupos na apuração e produção de pautas é destacada.

Quadro 3 – Diálogo entre integrantes do Grupo C, 16 de janeiro de 2022.

C17C – 11:44: *“Batida grande no anel viário, perto da CERBRAS. Sem mais informações”*

C16C – (Repórter) 11:50: *“- É não. É protesto dos moradores. Estão sem energia há mais de 24 horas. Depois de um acidente que teve ontem. Aí fecharam a BR.*

Descrição: Em outro momento do grupo um dos diálogos apresenta informações referentes a um crime ocorrido na capital cearense.

C08C – 22:10: *“- Tiroteio no Dragão do Mar agora. Parece que mataram um”.*

Descrição: A Mensagem não está marcada como encaminhada

C09C – 22:12: *“- Qual o bizu\*? Passa QTW\*\*”*

C01C – 22:12: *“- Positivo. Polícia passou agora em C3\*\*\*. Umas 10 viatura daqui na Beira Mar sentido pra lá”.*

Descrição: 22:14: O participante C08C posta um vídeo, marcado como encaminhado pelo *WhatsApp*, referente à morte próximo ao Centro Dragão do Mar, equipamento cultural localizado na cidade de Fortaleza.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

\*Bizu, no jargão policial, refere-se à informação \*\* QTW, apesar de inexistente no código oficial, refere-se a informações da ocorrência \*\*\*C3 – Código 3, Urgência, informa que a viatura passou em alta velocidade por ele.

O crime descrito no final da noite no Grupo C tornou-se uma matéria no programa Cidade 190 com o título: *Na Praia de Iracema, suspeito de tráfico de drogas é morto em boate*. A publicação da matéria reforça a importância das notícias que circulam nos grupos.

Outro destaque de interação aconteceu no dia 20 de janeiro, quando um repórter pergunta aos demais participantes do Grupo B, com foco em ocorrências do município de Caucaia, sobre a morte de uma mulher. Em poucos minutos, ele obteve o retorno, por texto e vídeo, conforme é apresentado no quadro 4.

O assassinato da jovem no dia 20 de janeiro transformou-se em matéria no programa Cidade 190 com a reportagem *Adolescente de 16 anos é morta a tiros quando caminhava pelas ruas de Caucaia*. Na matéria em questão, ao chegar ao local do crime o corpo da adolescente já havia sido retirado pela equipe forense. O repórter, então, fez a narrativa sem identificar fontes de como teria se dado o crime e dados sobre a vítima e a violência na região.

Quadro 4 – Diálogo entre integrantes do Grupo B, 20 de janeiro de 2022.

<b>C10B – (Repórter) – 19:10: “- homicídio no Padre Júlio Maria perto do mercantil da Lígia. Alguém sabendo (sic)”</b>
<b>C02B – 19:13: “parece que sim vítima do sexo feminino”</b>
<b>C10B – (Repórter) 19:14: “Eita”</b>
<b>Descrição: Em sequência, a participante C02B envia um vídeo relacionado à ocorrência, apresentado uma jovem morta a tiros.</b>
<b>Descrição: Em áudio, o participante identificado como C11B indaga no grupo se alguém possui o nome da vítima e foto dela em vida.</b>
<b>Descrição: Às 19:48 o repórter, identificado como C10B envia um link de uma matéria referente ao assassinato da jovem.</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No decorrer da pesquisa, foi possível ser adicionado a outros grupos e identificar, pelos critérios como o quantitativo de ocorrências relacionadas à segurança, a organização das postagens, o volume de interações entre jornalistas e quais fontes foram utilizadas para substituir os grupos já existentes pelos apresentados a seguir. A apresentação dos mesmos seguirá anônima, por questões éticas.

#### **4.4 Alterações dos grupos analisados**

O primeiro a ser substituído foi o Grupo A (GP A). Apesar de o mesmo ser administrado por um jornalista, a análise das conversas identificou mais interações relacionadas a outros assuntos que não a troca de informações relacionadas à segurança pública. O grupo A, dos três iniciais, é o único analisado que é administrado por um jornalista. Ele também é o único administrador do grupo. Do período da fase piloto à pesquisa até a análise em si, o grupo passou de 28 integrantes para 35. Já a quantidade de jornalistas inseridos no grupo aumentou, de três para quatro integrantes.

Ele foi criado em 2019 e não possui regras de convivência referentes ao que é permitido ou proibido postar. Entretanto, devido ao elevado número de mensagens não relacionadas a notícias voltados à segurança pública, mas assuntos políticos e ligados aos times de futebol local, o grupo foi retirado das análises.

O Grupo A foi substituído pelo Grupo denominado D, GP D, a seguir descrito. Este grupo possui 261 participantes e foi criado em maio de 2020. Possui três administradores, nenhum jornalista. Entre os participantes estão quatro jornalistas, além do contato de outro grupo de notícias relacionado à segurança pública.

É considerado um grupo misto por conter integrantes da imprensa, policiais, socorristas, além de profissionais liberais como proprietários de lanchonetes, vigilantes, dentre outros profissionais. Possui regras explícitas referentes às normas de conduta, sendo proibidos conteúdos relacionados a pornografia, futebol, política, propagandas, notícias de outros estados ou países, a divulgação de blitz e, também, respeito às mulheres do grupo.

A pena para quem descumpra as regras é a remoção sem aviso prévio. O acesso a este grupo se deu a pedido de um dos repórteres que participa do mesmo, explicando o objetivo da pesquisa e a metodologia.

Durante o período analisado entre os dias 13, 14, 15, 16, 17, 26, 27, 28 de fevereiro e 1, 2, 3, 4, 5, 6 de março de 2023 não foram encontradas muitas interações públicas entre os demais participantes e os jornalistas integrantes do grupo por motivos discutidos mais adiante. No entanto, as existentes reforçam as ideias de apuração para os profissionais da imprensa. Um dos diálogos no qual esta relação está disposta está descrita no quadro 5. É possível identificar o repórter procurando confirmar com os participantes do grupo a constatação de um achado de cadáver no município de Mauriti.

Quadro 5 – Diálogo entre integrantes do Grupo D, 1 de março de 2023.

---

**C08D – (Repórter) 16:44: “- *Algum achado de cadáver no Jatobá*<sup>22</sup>?”**

**C01D – 16:58: “- *Achado de cadáver em Mauriti, Vila Jatobá. Corpo encontrado com as mãos amarradas*”. DOG (De Outro Grupo)**

**Descrição – 16:58: Na sequência, um vídeo de 19 segundos mostra um corpo do sexo masculino, com camisa branca e bermuda jeans, de frente para um matagal e marcas de sangue. O vídeo é em referência ao achado de cadáver descrito anteriormente.**

---

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Apesar da pouca interação, o grupo não possui muitos comentários relacionados à política, futebol, venda de produtos ou outros assuntos alheios à segurança pública. O rigor por parte dos administradores na condução do grupo é percebido em vários momentos. Um deles foi observado no dia 7 de fevereiro de 2023.

Um dos jornalistas, classificado como C17D, em resposta ao questionamento de outro participante em relação a um homicídio no bairro Parque Potira, no município de Caucaia, anexou informações sobre o crime.

---

<sup>22</sup> O repórter referia-se ao bairro Jatobá, em Maracanaú, município da Região Metropolitana de Fortaleza. Entretanto, o achado de cadáver aconteceu na Vila Jatobá, em Mauriti, outro município cearense.

Menos de dez minutos depois, C01D, administrador do grupo, reforçou o pedido para se evitarem repetições e, em seguida, apagou as mensagens postadas pelo jornalista. O Grupo B GP (B) também foi substituído. A alteração levou em conta a capilaridade de acesso a outro grupo ao qual o pesquisador foi adicionado.

Em vez de concentrar ocorrências em um único município, no caso Caucaia, na Região Metropolitana de Fortaleza, este novo agrupamento possui uma abrangência estadual. O acesso ao mesmo foi por intermédio de um jornalista, que entrou em contato com os administradores.

Em seguida, um dos responsáveis pelo grupo solicitou meu nome, profissão e que eu o adicionasse à minha lista de contatos para que minha foto de perfil ficasse disponível. O ingresso neste grupo aconteceu em setembro de 2022.

O Grupo E, intitulado GP E, foi criado no primeiro semestre de 2020. Substitui o GP B na análise da pesquisa. Possui 256 participantes, sendo seis jornalistas, um número institucional de uma emissora de televisão, dois radialistas de rádios digitais e um contato de um portal de notícias. O grupo possui como regra veicular ocorrências que gerem notícias relevantes ao objetivo de todos os participantes. São permitidas somente notícias e mensagens de bom dia, boa tarde e boa noite. São proibidos *links* de vendas de produtos, além de perfis sem fotos de usuário, imagens que exponham crianças em risco, além de ofensas e discussões.

#### Quadro 6 – Diálogo entre integrantes do Grupo E, 16 de fevereiro de 2023.

<p>Descrição – 14:52: O participante C04E marca o repórter, identificado como C07E em uma matéria postada no grupo na qual era destacado o dia do repórter</p> <p>C07E (Repórter) – 14:54: “- Obrigada, meu amigo.”</p>
---

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Apesar de existirem seis jornalistas no grupo, no dia do repórter, somente o participante C07E foi parabenizado. Entre os profissionais da imprensa, ele é o que mais interage com os demais integrantes, indagando sobre ocorrências, brincando em relação a algumas postagens, também, complementando informações. Um exemplo aconteceu no dia 12 de fevereiro de 2023, conforme mostra o quadro.

O repórter, identificado no Grupo E como C07E, também foi um dos profissionais da imprensa entrevistados para a pesquisa. Ele foi nominado na relação de entrevistados como Jornalista 03 e, em sua fala, ele destaca que sempre procura interagir com os demais integrantes dentro e fora dos grupos embora, por questões de horário e de afinidades e de distância, não consiga interagir de forma mais presente com todos.

*“- A gente marca um café, um lanche. E compartilha problemas pessoais. Querendo ou não você cria um ciclo de amizade. A partir daquela primeira informação a pessoa vai ter um nível de confiança em você. Ela não vai colocar mais nada no grupo, vai*

*passar diretamente para você... Garantiu uma total confiança em mim...Hoje em dia a maioria das minhas fontes são moradoras de bairro, são colegas a ponto de falar de problemas pessoais e tudo” (JORNALISTA 3).*

Quadro 7 – Diálogo entre integrantes do Grupo E, 12 de fevereiro de 2023.

C09E 16:54: “– Obrigado”
C07E Repórter – 16:55: “- Não houve fuga alguma. O motociclista estava na contramão e colidiu contra um carro. O carro estava lá no local e o condutor prestou todos os esclarecimentos aos guardas municipais”.
C09E 16:56: “Vixxi”
<b>Descrição: Na sequência, o participante C04E, que havia encaminhado a informação de acidente, marca o repórter e responde com um OK, referindo-se à correção feita pelo jornalista.</b>
C04E 16:43: “- Acidente na Osório com morte”
C09E 16:49: “- Tem mais informações???”
C12E 16:52: “- Foi próximo aonde esse acidente da Osório”
C04E 16:53: “- Sentido Maranguape após passar o motel Quebra Gelo. Algo que bateu nele não se encontra deve ter fugido”

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A correção feita pelo jornalista no comentário de outro participante pode favorecer ao profissional da comunicação. A observação realizada pode produzir nas fontes um processo de checagem mais aprimorado por parte dos demais participantes que não são jornalistas.

A checagem é um dos métodos de certificação e de avaliação de dados mais importantes na cultura jornalística. Portanto, a observação acima registrada poderá proporcionar um ambiente com informações mais bem apuradas pelos demais integrantes, antes do encaminhamento ao grupo.

As substituições dos grupos A e B ocorreram de forma a enriquecer a pesquisa. A exclusão do grupo C, entretanto, deu-se contra a vontade do pesquisador. Era o mais representativo em número de jornalistas, totalizando 11 entre seus 241 participantes. O administrador ativou o recurso de mensagens temporárias, fazendo com que as postagens fossem apagadas automaticamente após o prazo de sete dias.

A exclusão aconteceu em 18 de janeiro de 2023, de forma sumária e sem explicações por parte do administrador. Em contato com um dos jornalistas entrevistados foi solicitado que o mesmo intermediasse a adição do pesquisador a outro grupo com o perfil da pesquisa, o que foi conseguido. Depois da entrevista com um dos administradores, que não é jornalista, foi autorizado meu acesso ao grupo intitulado na pesquisa como Grupo F (GP F).

Apresentei aos integrantes do grupo um texto padrão, com meu nome, profissões, explicando os objetivos da pesquisa e a metodologia. O grupo novo é o que possui data de criação mais antiga, de agosto de 2018.

Possui menos de 150 participantes. Integram o mesmo: socorristas estaduais, municipais e voluntários, membros das forças de segurança (polícia militar, guarda municipal e bombeiros militares), sendo considerado, portanto, um grupo misto. Entre profissionais da imprensa, o grupo conta seis jornalistas, um cinegrafista de um dos programas analisados e um radialista de um webrádio.

#### **4.5 Excesso de interações, dificuldade de informações**

As interações entre os participantes são constantes. São centenas de mensagens diárias e, apesar de algumas regras do grupo serem disponibilizadas, conversas sobre política ou times de futebol acabam por dominar parte das trocas de mensagens. O quantitativo de conversas sem propósito dos grupos foi, inclusive, relatado em conversa por alguns jornalistas emotivo de saída voluntária de grupos.

Uma das jornalistas relatou, de forma informal, que não se sentia à vontade de colaborar com a pesquisa porque havia tomado a decisão de sair de muitos dos grupos voltados à segurança dos quais participava. O motivo relatado foi o excesso de mensagens sem o propósito do grupo o que, por vezes, impedia a repórter de acompanhar as conversas. O auge para sua saída de muitos dos grupos dos quais participava aconteceu nos meses que antecederam as Eleições 2022 no Brasil.

A troca de informações sobre política entre apoiadores do então presidente Jair Messias Bolsonaro e do candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva motivou-a a sair de muitos grupos. Ela informa que ficou em poucos, sendo um deles composto somente por repórteres da área, como o da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social e alguns poucos. Como é uma profissional bastante conhecida na área, muitas fontes enviavam sugestões de pautas por meio de conversas privadas.

O processo de apuração, de conduzir a conversa para um diálogo mais reservado, explica a pouca interação nos grupos entre a maioria dos jornalistas presentes e os demais participantes. Poucas trocas de mensagens foram observadas no período analisado, apesar de, em outros dias de acompanhamento, por vezes jornalistas serem marcados por outros participantes em relação a ocorrências.

O relato da jornalista que não quis mais participar da pesquisa, explicando que não estava mais interagindo de forma constante nos grupos e sim, atuando mais nos diálogos privados, soma-se à narrativa da forma de apuração destacada por alguns dos entrevistados. Um deles reforçou que ainda considera importante a permanência nos grupos, mas utiliza o recurso de conversar mais reservadamente como método de apuração.

*“- A importância é que você fica em contato com a pessoa de maneira virtual, digamos assim. Então o que acontece, uma pessoa passa a informação que houve um tiroteio na rua dela. eas ela não vai detalhar isso. O que acontece, a gente pede permissão, vai no pv (privado) da pessoa e se identifica, não vai acontecer no grupo de WhatsApp, e começa a perguntar mais detalhes, o que aconteceu. Se a pessoa se sentir mais à vontade ela passa até o endereço, se alguém foi atingido. Então é muito disso. O grupo de WhatsApp ele vai transmitir notícia, mas não a informação. E a notícia a gente vai tentar com o informante digamos assim, para ver a necessidade de a gente ir ou não lá” (JORNALISTA 2).*

Percebe-se, tanto nas interações entre jornalistas e fontes nos grupos, quanto nas entrevistas realizadas com jornalistas, a relevância que os grupos de *WhatsApp* voltados à segurança pública podem representar para a apuração e edição de matérias. Entretanto, devido ao excesso de postagens não relacionadas ao tema da segurança pública, alguns profissionais jornalistas estão saindo dos grupos, mesmo com o risco de não possuir determinada informação postada.

As formas de interação entre jornalistas e fontes, um dos temas estudados neste trabalho, possui uma característica de confiança entre os participantes. A restrição do acesso e as exclusões de pessoas ou que não seguiram regras ou que não colaboravam para postagens, ressalta a importância que a interação tem nos grupos.

O quadro a seguir apresenta o retorno que as fontes podem fornecer aos profissionais da imprensa que estão inseridos nos grupos voltados à divulgação de ocorrências voltados à segurança pública no Ceará. Um dos participantes está no local onde parte de um imóvel desabou. Ele, então, marca em uma de suas postagens dois jornalistas que atuam na área policial.

Um dos dois profissionais da imprensa marcados em um dos grupos analisados já se organiza para acrescentar esta matéria em sua rotina de pautas. O outro repórter responde à fonte, em agradecimento. Rapidamente a notícia do desabamento se espalha e um dos veículos de comunicação local registra o fato em sua rede social, o que é compartilhado no grupo.

Quadro 8 – Diálogo entre integrantes do Grupo F, 23 de janeiro de 2023.

**C01F - 09:16 – “- S25 Atualizando”**

*“Casa desabou na rua doutor e Elício com a 35 sem vítimas! No horário de 05:00 da manhã BAIRRO VILA VELHA”*

Em seguida, o participante C01F – marca os telefones de dois dos jornalistas constantes do grupo, na sequência o repórter C06F, mais atuante no grupo; e outro repórter, com menos interações observadas, C17F.

**C06F (Repórter)- 09:16 –** envia uma mensagem de áudio, a seguir transcrita. *“- Bom dia, tô me preparando aqui para ir para a emissora aí vou dar um pulinho por lá.”*

**C01F – 09:17 – “Bom dia querido”**

**C17F – (Repórter) – “Obrigado”, seguido do nome do participante.**

**C01F – 09:26 – “Estamos no local”**

**Descrição:** Em sequência, o participante C01C envia um vídeo do imóvel desabado, seguido de mais quatro fotos que apresentam a casa totalmente destruída.

**C06F – (Repórter) – 09:28 – “- Era habitado?”**

C01F – 09:28 – “- Galera é o seguinte muito perigosa beleza a gente está aqui no local, corpo de bombeiros ainda não chegou e proprietário também não apareceu a casa está totalmente condenada e o muro lateral com acesso a rua Quixadá pode cair a qualquer momento também OK...tem fiação espalhada pela calçada e pelos destroços não se sabe se tem energia então não é bom arriscar chegar perto OK.”

C01F – 09:30 – “Só uma correção aí na rua Rua 37 x Rua Quixadá Felício”.

Em seguida, o participante marca novamente os dois jornalistas, notificando-os sobre a correção do endereço.

C03F – 09:23 – “- Estranho nem a defesa civil foi pra ir. Pra isolar o local”

C06F (Repórter) 09:41– “Vou fazer um ao vivo lá”

C01F – 09:42 – “kkkkk Adoro. Uau que belezaaaa”

Descrição: O participante C07F envia, às 10h45, um link da página do jornal OPOVO no Instagram mostrando o desabamento relatado e transformado em notícia

C07F – 10:45 – “Já está em todos os veículos de comunicação, graças ao comandante”

C07F – 10:45 – “Faz teu nome” e, em seguida, marca por meio do recurso do aplicativo o repórter C06C.

C06C (Repórter) 10:46 – “Pedi pra os outros colegas fazerem também”.

Descrição: Na sequência, uma participante, indicada na ordem de aparição como C11C pergunta sobre um repórter policial.

C04C – 11:00 – “Tá aposentado já”

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O comentarista C01F, ao longo de sua fala, mostra que as fotos e vídeos postados e referentes ao desabamento são suas, ou seja, não são oriundas de terceiros, mas de um dos integrantes do grupo.

Um dos repórteres informa, nos diálogos, que ele divulgou a notícia sobre o desabamento para outros profissionais da imprensa, algo relatado por alguns dos entrevistados para a pesquisa, também, identificado na pesquisa realizada por Moraes (2017).

Na opinião dos repórteres entrevistados para essa pesquisa, as novas tecnologias contribuem para que exista esse intenso compartilhamento de informações. Um deles comentou que, antes da internet, se alguém tinha uma informação exclusiva, os outros repórteres de rádio só ficavam sabendo depois que ela fosse veiculada (MORAIS, 2017, p. 107).

Mesmo que os jornalistas não sejam marcados em uma conversa ou promovam perguntas ao grupo em busca de mais informações, não significa que deixem de estar atentos aos grupos. Um dos entrevistados, Jornalista 3, por exemplo, detalhou o motivo de estar em aproximadamente duas dezenas de grupos voltados ao tema segurança pública.

Se a informação de um homicídio, por exemplo, surge em determinado grupo e é encaminhada por uma única fonte, ele aguarda mais detalhes em outros grupos dos quais participa, esperando que pessoas de outros grupos complementem a informação inicial.

Uma ocorrência postada apenas em um grupo acaba por não gerar tanto interesse. Entretanto, ao começar a ser encaminhada a grupos voltados à segurança pública, informações complementares aos dados iniciais começam a surgir, facilitando a vida do repórter.

“- Quando se trabalha com vários grupos de Whats a informação não vem isolada, elase tornamais fácil de ser checada. Quando julgo necessário faço (a apuração) em mais de um grupo nos relatos dos próprios participantes. Um traz uma informação de como aconteceu; outro de como e porquê e isso vai ajudando a construir a matéria de acordo com a veracidade das informações” (JORNALISTA 3).

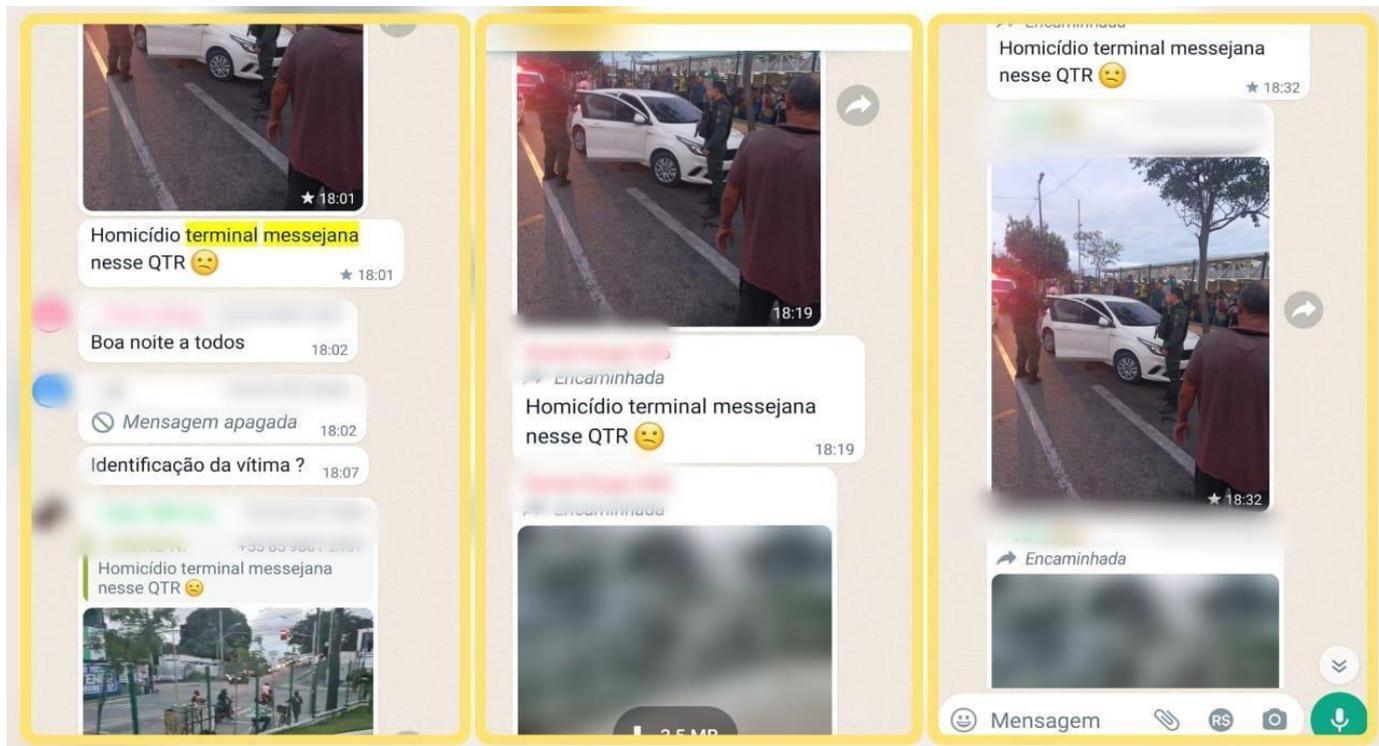
A utilização de vários grupos ligados ao tema segurança pública, conforme relatado pelo Jornalista 3, possui algumas vantagens. Uma delas é a questão temporal. No dia 2 de março, um crime de homicídio aconteceu em Fortaleza, próximo ao terminal de ônibus da Messejana: um homem foi executado a tiros dentro de seu veículo.

As observações feitas pelo Jornalista 3 destaca uma preocupação nos processos de apuração na tentativa de se evitar um processo de apuração de um fato inexistente ou então existente, mas que ocorreu em data ou em lugar distinto do membro no grupo.

É relevante ponderar que a checagem de fatos não é algo novo no jornalismo, entretanto, com o elevado número de grupos de *WhatsApp* que podem trazer informações relevantes a um fato em si, faz-se necessário usar da técnica de triangulação com as fontes, uma vez que o tripé pessoas, documentos e dados, pode engrandecer a matéria com riqueza de informações, conforme explica Bradshaw (2023). Nos três grupos analisados, D, E e F, as mesmas imagens e textos foram encaminhados. Em igual sequência, ressaltando-se aqui a facilidade de transmissão de dados entre os grupos. A diferença ficou relacionada ao horário das postagens.

No Grupo E o texto *Homicídio terminal Messejana nesse QTR* foi postado às 18:01, seguido de dois vídeos mostrando a movimentação de populares perto do local do crime e de uma foto com dois policiais militares resguardando o carro de cor branca em que está a vítima do homicídio. No Grupo D, o relato descrito foi postado às 18:19. Por fim, no Grupo F, a postagem aconteceu às 18:32, trinta minutos após a primeira postagem registrada.

Figura 1 - Movimentações nos grupos sobre o ocorrido no terminal de Messejana.



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Em um processo de apuração que prioriza muita das vezes a agilidade em detrimento da qualidade da informação, os trinta minutos de diferença entre as duas postagens podem resultar em um deslocamento da equipe de reportagem, por exemplo. E em uma postagem em sites e redes sociais da empresa de comunicação.

O fato também resultou em matérias exibidas nos programas *Cidade 190* e *Cidade Alerta Ceará* no dia seguinte, dia 3 de março de 2023, respectivamente com os títulos *Perseguido e morto: homem é assassinado a tiros em frente a terminal de ônibus* e *Vítima foi morta dentro de um veículo, ao lado do terminal de Messejana*.

No quadro a seguir, percebe-se que as conversas não necessariamente estão relacionadas a mais informações sobre alguma ocorrência, mas apoio para a realização dela, reforçando a interação e o apoio existente entre os participantes. Em um dos diálogos identificados no dia 02 de março, um dos repórteres perguntano grupo sobre as condições de chuva em um bairro de Fortaleza.

O jornalismo é conhecido por sua natureza de prestação de serviços. Nesse caso, são as fontes que municiam a(o) jornalista sobre as condições para a produção da matéria, estabelecendo um fluxo inverso de informação.

Isso em decorrência da distribuição ‘espacial’ das fontes que alcançam, ao mesmo tempo, diversos territórios, e facilitado por terem essas fontes agrupadas em um só ‘espaço’, com acesso direto e rápido aos locais de crimes.

Quadro 9 – Diálogo entre integrantes do Grupo E, 02 de março de 2023.

C01E – 1h55 – <i>“ Tá chovendo na região do Vila Velha?” (Bairro de Fortaleza)</i>
C05E – 19h57 – <i>Áudio transcrito: “- Boa Noite (Nome do repórter). Como sempre né, o interior do Vila Velha (risos) é sempre muita bala. E água (risos).”</i>
C01E – 19h58 – <i>“- Boa noite!”</i>
C01E – 19h58 – <i>“- Te aguento não”, seguido de uma sequência de emojis de risos</i>
C01E – 19h58 – <i>Áudio transcrito: “- É porque tem uma ocorrência lá e eu tenho que narrar, queria saber como está o tempo por lá”.</i>

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Já no diálogo transcrito a seguir, entre um repórter e outro participante do grupo, a interação no grupo auxiliou o profissional da imprensa tanto na obtenção de imagens do ocorrido, como na localização. Apesar do espaço temporal de quase três horas entre a postagem indicando o óbito e o questionamento do repórter por mais informações.

Quadro 10 – Diálogo entre integrantes do Grupo D, 17 de fevereiro de 2023

C08D – 07h43 – <i>“- Homicídio na madrugada na vila buriti no Acaracuzinho, vítima de nome Gabriel”.</i> <i>*Acaracuzinho é um bairro do município de Maracanaú, Região Metropolitana de Fortaleza</i>
C08D – 07h43 Mensagem marcada como encaminhada com frequência. Uma foto de um homem, com camisa rosa e bermuda cinza. O rosto da pessoa está coberto de sangue devido a lesões na cabeça.
C08D – 07h43- Mensagem marcada como encaminhada – Aparece o rosto de um homem sem camisa, de chapéu cinza, segurando um copo descartável de café.
C03D – Repórter - 10:31- <i>“- Sabe o nome da rua?”</i>
C08D – 10:33 – <i>“- Rua L”</i>
C03D – Repórter – 10:33 – <i>“-Obrigado!”</i>

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

No diálogo abaixo, encontra-se um relato da relevância dos grupos no processo de apropriação de informações e de recursos imagéticos que circulam nos grupos voltados à segurança pública. No dia 1 de março uma loja de celulares foi roubada no centro do bairro Messejana, em Fortaleza.

Nas conversas entre três integrantes do Grupo D fornecem a descrição dos assaltantes; o endereço do roubo e a loja vítima da ação criminosa. Os vídeos marcados como encaminhados, ou seja, o participante não foi o autor da primeira postagem no aplicativo, foram enviados ao número de *WhatsApp* do Grupo Cidade.

Os vídeos resultaram em matérias produzidas no Cidade 190 com o título *Flagrante: bandidos invadem loja, roubam mais de 50 celulares e deixam prejuízo de R\$ 70 mil*. E no programa Cidade Alerta Ceará: *Bandidos invadiram loja e roubaram mais de 50 celulares*. Os vídeos foram encaminhados via *WhatsApp* para a produção e constam, também, do referido grupo.

Quadro 11 – Grupo D – 01 de março de 2023.

C05D – 12h52 – “- Boa tarde senhores. Alguém copiou algum S13 área da Messejana?”
C06D – 13h59 – “- Loja de celular a princípio”
C09D – 14h04 – “- Casa do celular tava com roupa de uber moto”
C09D – 14h05 – Vídeo marcado como encaminhado mostra um assalto a uma loja
C09D – 14h05 – texto marcado como encaminhado: “- Rua dr Pergentino Maia. Um assalto na Messejana* ladrão com roupa da uber agora a pouco no centro de Messejana”.
*Messejana é um bairro de Fortaleza, no Ceará
C06D – 14h16 – “- Positivo”.
C01D – 14h35 – “- Assalto na casa do celular Pergentino Maia, Messejana.”
C01D – 14h35 – Sequência de quatro vídeos e fotos mostrando o roubo à loja de celulares

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Um comentário pode ser feito sobre a participação do vídeo como outro critério de noticiabilidade. Ou seja, a presença do vídeo traz a sensação da realidade e isso dá segurança a(o) jornalista de transformar aquele fato em notícia.

Na sequência abaixo, é identificado um processo de checagem e de apuração de um homicídio ocorrido em 6 de março. O repórter utiliza de informações do grupo para, inicialmente, confirmar a ocorrência. No mesmo minuto em que o jornalista realiza a pergunta no grupo, outro participante já confirma o fato criminoso e complementa, informando que quatro pessoas haviam sido baleadas.

Além das informações em texto, um vídeo de 19 segundos foi encaminhado, subsidiando tanto a edição com imagens do ocorrido antes do isolamento realizado pelas forças de segurança. E também, auxiliando na narrativa caso, por exemplo, a equipe de reportagem chegue ao local após a equipe da perícia, retirada da vítima de homicídio e outros elementos de apreensão que os peritos julguem necessários recolher no local de crime.

Quadro 12 – Diálogo entre integrantes do Grupo F, 6 de março de 2023.

C06F (Repórter) – 16:24 – “- Alguém sabendo de um homicídio na Alameda das Palmeiras”
C01F – 16h24 – “- Sim. Vou colocar aqui. Segundo informações foram quatro baleados sendo que um foi a óbito”
C01F – 16h25 – Mensagem marcada como encaminhada – “- Tiroteio grande na Alameda das Palmeiras”
C01F – 16h25 – Mensagem marcada como encaminhada – “- Segundo informes 1 morto e outros baleados”
<b>Descrição: Em sequência, o participante C01F envia uma foto marcada como “Encaminhada com frequência pelo WhatsApp”. Na foto, um jovem com bermuda laranja e camisa azul aparece em meio a restos de árvores em um matagal. Parte do corpo apresenta manchas de sangue.</b>

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Ao longo da análise dos grupos A, B e C na fase inicial do projeto e dos grupos D, E e F, estudados na data relativa ao período do *corpus* da pesquisa, tanto nos grupos quanto no acompanhamento das rotinas produtivas do programa *Cidade 190*, percebe-se a relevância dos grupos na consolidação das técnicas de apuração, de checagem e, também, de interação com as fontes jornalísticas. O processo de captação, por vezes, resulta em uma “garimpagem” nos grupos em busca de possíveis pautas.

Conversas não relacionadas ao objetivo principal dos grupos analisados, que é o compartilhamento de informações sobre segurança pública, de salvamento e de escalas de trabalho, acabam por atrapalhar a já conturbada rotina do repórter, com redações cada vez mais enxutas de pessoal e cobranças por mais trabalho em menor prazo de tempo.

O desvirtuamento de grupos de sua finalidade primeira provocou a saída de Jornalista 4 de vários grupos. Na datada entrevista, 10 de novembro de 2022, o Jornalista 4 informou participarde 12 grupos ligadosà segurança pública no aplicativo de mensagens. Sem precisar números,ele informou que o quantitativo já foi mais elevado.

*“- Difícil de acompanhar. O volume de informações. E ainda tem esse diferencial, nessa época que estamos vivendo politicamente, e que as forças de segurança estão ligadas diretamente à ideologia do governo, se misturou. Quase todos os grupos de segurança a gente perde tempo separando o que interessa ou não. E não dá nem para fazer a crítica né. Agente é mais espectador. Como jornalista a gente não se posiciona, porque são fontes. Então não existe um posicionamento. Existe...você vai ali para agregar informações, ou começar uma matéria” (JORNALISTA 4).*

Ao analisarmos as relações existentes entre jornalistas e fontes nos grupos nos recortes apresentados é possível apreender a relevância dos mesmos para a captação de informações para a construção da notícia. Quer com imagens; com o complemento de dados que facilitem a produção da notícia, as interações existem e subsidiam os profissionais de comunicação com informações.

Mas não com a notícia em si, que necessita ser trabalhada pelo repórter, produtor, editor para, então, ser apresentada ao público. Assumem então os critérios de relevância e de noticiabilidade, quando os assuntos apurados nos grupos podem ser susceptíveis de se transformarem em notícias, o que veremos a seguir

## 5 RELEVÂNCIA E NOTICIABILIDADE

### 5.1 Grade de Programas

No Ceará, a grade de programas televisivos ou quadros voltados ao jornalismo policial vem sofrendo muitas mudanças. O formato de jornalismo policial vem sendo reduzido nototal de atrações das emissoras, mas o tema segurança pública persiste na grade, tanto em programas específicos, como em produtos jornalísticos com programação mais diversificada.

Em um período de dois anos, três programas com temática voltada ao jornalismo policial deixaram de ser exibidos no Estado. Em 17 de julho de 1990, ia ao ar o programa *Barra Pesada*, apresentado à época por Tadeu Nascimento. Deixou de ser transmitido após quase 30 anos sendo veiculado. Inicialmente suspenso devido à pandemia de COVID-19, para evitar aglomerações segundo a emissora, acabou saindo da grade do Sistema Jangadeiro de Comunicação, afiliada no Ceará ao SBT, em 10 de agosto de 2020.

O apresentador Nonato Albuquerque foi o âncora do televisivo de 1994 até seu encerramento, em 2020. Ele participou de muitas mudanças na grade do *Barra Pesada* ao longo dos anos. Desde um formato mais voltado a matérias focadas no jornalismo policial, a uma reformulação mais assistencialista e de serviços e apresentando matérias voltadas à segurança pública.

O programa virou um quadro do Jornal Jangadeiro, mas acabou sendo descontinuado de forma definitiva posteriormente. A TV Diário, uma emissora do Sistema Verdes Mares de Comunicação, que funciona como afiliada da Globo no estado, possuía em sua grade dois programas policiais. Eles deixaram de ser apresentados em 2022. O *Rota 22*, apresentado pelo jornalista Marcos Lima e o *Comando 22*, que já foi apresentado por Ferreira Aragão, Gleudson Rosa e Paulo Sadat, ao longo de quase dez anos de existência

#### 5.1.1 Cidade 190

Atualmente, o mais antigo telejornal policial do Ceará é o *Cidade 190*, com 20 anos de existência. Desde julho de 2022 vai ao ar de segunda-feira a sexta-feira, das 11h40 às 13h34, atualmente apresentado por Márcio Lopes e Evaldo Costa. Durante o período eleitoral de 2022, Evaldo Costa, candidato a deputado estadual no Ceará, foi substituído por Emanuela Braga, que também é repórter.

O programa é transmitido ao vivo pela plataforma de mídia social *YouTube*, no canal *Cidade 190*, onde edições também são disponibilizadas de forma permanente. Um detalhe importante publicado no referido canal é que o espelho do programa também é apresentado na íntegra.

Por meio do acesso ao espelho do programa é possível mensurar de forma mais eficaz detalhes da construção do noticioso televisivo, como o tempo de escalada<sup>23</sup>, inserções de propagandas dentro da programação, intervalos e, no caso do programa em questão, um quadro de interação promovido por meio do *Instagram*.

### 5.1.2 *Cidade Alerta*

Outro programa jornalístico da emissora TV Cidade, afiliada da TV Record no Ceará, é o *Cidade Alerta*, que vai ao ar a partir das 18 horas e tem 1h15 de duração. O programa é apresentado pela jornalista Ísis Cidade, que já foi repórter da área de segurança pública do *Cidade 190* e, também, por Ronaldo Martins, bacharel em Direito, radialista e político, apesar de em seu currículo constar que o mesmo também é jornalista, não foram encontradas referências à sua graduação na área.

Dentro dos programas locais, a grade da TV Cidade ainda contém o *Balanço Geral*, apresentado por Luiz Esteves, que vai ao ar das 13h30 às 15 horas. O noticioso aborda tanto assuntos voltados ao estado do Ceará como matérias relacionadas a crimes e fatos diversos, bem como curiosidades originárias de outros estados. Pelo fato de se ater também a notícias de outros estados, o *Balanço Geral* foi descartado da pesquisa.

Por fim, a grade voltada ao jornalismo ligada à segurança pública ainda possui o programa *Cidade Alerta Nacional*, que vai ao ar de segunda-feira a sexta-feira, das 16h30 às 18h, alternando sua apresentação com o *Jornal da Record* 24 horas durante este período.

Importante destacar que todos os programas da grade local da TV Record possuem um único número de *WhatsApp*. O telefone (85) 98188.8811 recebe informações para toda a programação da emissora. Os telespectadores enviam mensagens de vídeos, áudios, fotos e textos para o referido número.

O *WhatsApp* da TV Cidade, emissora analisada após visita autorizada aos estúdios, fica instalado em um computador por meio do *WhatsApp desktop*, uma ferramenta que o aplicativo disponibiliza gratuitamente. As possíveis sugestões de pautas identificadas por meio de uma produtora, uma jornalista, são encaminhadas para pastas dentro do sistema de documentação da TV Cidade.

As pautas são posteriormente avaliadas pela equipe de editores ou produtores. Dependendo do horário do recebimento e/ou do volume de informações, as pautas são encaminhadas pelo aplicativo de mensagens ao repórter.

---

<sup>23</sup> Escalada, no jargão jornalístico, consiste na apresentação, um resumo dos principais assuntos que serão abordados durante o programa.

Se houver recursos de áudio, vídeos e fotos, estes são endereçados para uma pasta de pautas, acessada pelos profissionais da redação. A depender da produção, são repassadas diretamente para pastas específicas individuais de cada repórter.

### **5.1.3 *Plantão Ceará***

É importante destacar a forte presença do jornalismo policial na TV Metrópole, canal 16.1, com sede no município de Caucaia, transmitido também pela Internet e que possui o programa policial *Plantão Ceará*, apresentado de segunda a sábado, das 11h30 às 14h como um dos principais programas da emissora. Com o lema do programa “shownaralismo, só a gente faz”, o jornalista Ramon Gomes, conhecido como Miseriqueima, apresenta o programa, que tem duração aproximada de 2h30min.

Até o início de 2022 o programa disponibilizava seu conteúdo na íntegra no canal da TV Metrópole disponível no *YouTube*. Entretanto, o programa acabou sendo descartado da pesquisa por não disponibilizar mais o acesso pela Internet por questões de escolha da direção da emissora.

Ao tentar obter cópias dos programas o pesquisador, em contato com a produção da emissora, foi informado que, por questões de ordem técnica, os programas não ficavam gravados na emissora. O programa possui um número de *WhatsApp* (85) 9952-6327 que é o mesmo utilizado pelo apresentador.

### **5.1.4 *Brasil Urgente Ceará***

O mais novo programa voltado a cobrir de forma mais direta a área da segurança pública do Estado é o Brasil Urgente Ceará, iniciado em 10 de maio de 2021, indo ao ar das 16 às 17 horas, de segunda-feira a sexta-feira na TV Metropolitana, afiliada da TV Bandeirante no Estado. Na fase inicial desta pesquisa, em janeiro de 2022, tinha como apresentadores Ferreira Aragão, seu âncora, e sua filha, Ester Aragão, apresentando alguns quadros do noticioso.

Entretanto, a partir de junho de 2022 até o recorte da pesquisa, entre fevereiro e março de 2023, Ester assumiu o noticioso de forma integral. Ela não é jornalista de formação, mas sim bacharel e mestre em Direito.

Quadro 13 – Grade de programas voltados à Segurança Pública – Ceará.

Programa	Horário	Dias de exibição	Emissora	WhatsApp para interação com o público	Apresentador é jornalista
<b>Cidade 190</b>	11h39 as 13h35	Seg. a sexta-feira	Tv Cidade	Sim	Sim <sup>24</sup>
<b>Cidade Alerta</b>	18h as 19h15	Seg. a sexta-feira	Tv Cidade	Sim	Sim <sup>25</sup>
<b>Plantão Ceará</b>	11h30 as 14 horas. Reprise: 17h30 as 20 horas	Seg. a sábado	Tv Metrópole	Sim	Sim
<b>Brasil Urgente Ceará</b>	16 as 17 horas	Seg. a sexta-feira	TV Bandeirantes	Sim	Não

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

## 5.2 Análise dos espelhos dos programas

Para esta etapa da pesquisa, foram analisados os espelhos dos programas *Cidade 190* e *Cidade Alerta*, ambos do Grupo Cidade. O Programa *Brasil Urgente*, apesar de estar disponível no Youtube, não disponibiliza anexa a grade do espelho, ficando o recorte nos dois programas anteriormente citados. Os espelhos dos programas contêm os títulos das matérias, as inserções de publicidade durante a programação, os intervalos e os espaços destinados para a interação com o público, por exemplo.

### 5.2.1 Abertura do programa *Cidade 190*

Em uma fase inicial foi dividido o programa em dois grandes perfis de estudo. O primeiro, realizando um comparativo, em números percentuais, da quantidade de resumos que utilizam imagens obtidas via *WhatsApp* nos destaques do programa. Em um segundo momento da pesquisa, o comparativo foi ampliado, sendo considerados dados como percentuais de matérias com origem de dados do aplicativo *WhatsApp*, tipos de fontes e formatos jornalísticos. A escolha pela divisão fundamenta-se em realizar uma melhor análise dos programas, pela importância que possuem em alguns produtos do gênero jornalismo televisivo.

O noticioso tem início com uma escalada, um *teaser*<sup>26</sup>, com vídeos de algumas das matérias a serem exibidas no dia. Um recurso imagético importante que acompanha este recorte de imagens é uma música de fundo, bastante dinâmica e que remete a cenas de ação. Em seguida, vem a vinheta do programa.

<sup>24</sup> A apresentação do *Cidade 190* é dividida entre Evaldo Costa, com graduação em Jornalismo e por Márcio Lopes, bacharel em Direito.

<sup>25</sup> A bancada do *Cidade Alerta Ceará* é composta pela jornalista Ísis Cidade, com graduação em Jornalismo e por Ronaldo Martins, bacharel em Direito.

<sup>26</sup> *Teaser*, no jargão jornalístico, é um conjunto de imagens que ilustra a escalada.

Sobre escalada, Boaventura (2020) e Pinto (2019) estudaram este recurso utilizado nos telejornais. Para Boaventura, a escalada possui a função de retenção de audiência, sendo considerado “um espaço informativo do telejornal” (BOAVENTURA, 2020, p. 65). Entendimento semelhante possui Pinto (2019), funcionando como um resumo das principais matérias que serão apresentadas. Ao analisar o recurso da escalada no *Jornal Nacional*, Pinto (2019), compreende esta como:

O segmento de uma audição de telejornal que é construído para a exposição das principais manchetes do dia, apresentas no início do programa jornalístico, de curta duração e compostode elocução dos jornalistas âncoras, vinheta e acompanhamento de música instrumental(PINTO, 2019, p. 23).

No caso do *Cidade 190*, além do recurso da escalada, um espaço bem maior é destinado aos destaques do dia. Com aproximadamente dez minutos de duração, são apresentados recursos semelhantes aos contidos na escalada do telejornal. Músicas de fundo, resumo da matéria e comentários dos apresentadores. Este espaço, intitulado no espelho do programa como “abertura”, que será analisado a seguir.

O objetivo é verificar a importância das imagens advindas por meio do *WhatsApp*. Como já citados, a escalada e, no caso do *Cidade 190*, o resumo, servem para prender a atenção do telespectador. “Ao longo da história, foi dada à escalada a responsabilidade de prender a atenção da audiência e, por isso, o destaque daquela edição é encontrado naquele espaço” (BARBOSA, 2020, p. 65).

Os recursos imagéticos na formatação de uma escalada também são descritos por Pinto (2019). Eles consistem na utilização de imagens, fotos ou vídeos relacionados ao assunto em questão. O ritmo de som e os resumos dos principais assuntos escolhidos pela direção do telejornal também servem para apreender a atenção do telespectador em um programa com mais de uma hora de duração.

Outro elemento importante existente nas escaladas é o texto, que segue em quase todo o resumo. A duração do programa, com quase uma hora e meia no ar, possibilitaa utilização de resumos das matérias, alguns com mais de dois minutos de duração, dependendodo impacto dasimagens editadas para captar a audiência. Para isso, os dois apresentadores revezam-se em pé, ora no *off*<sup>27</sup>, ora nos comentários e também na apresentação das publicidades inseridas durante o programa. A utilização, sobretudo de vídeos encaminhados pelo aplicativo do *WhatsApp* é uma constante nos destaques.

---

<sup>27</sup> *Off* é a narração do texto jornalístico que será, então, coberto por imagens, podendo ser realizada pelo repórter ou pelo apresentador.

Em um dos resumos de uma matéria que foi ao ar no dia 2 de março de 2023, o apresentador Evaldo Costa começa descrevendo o principal componente do resumo constante da escalada com o título “*Mais um motorista de aplicativo tem o carro levado por assaltantes*”.

A narração resume o flagrante, obtido por câmeras de vigilância de um posto de combustíveis, em que quatro criminosos tomam um carro de assalto de um motorista de aplicativo. Uma música de fundo acompanha a narração do vídeo. O resumo da chamada refere-se exclusivamente às cenas registradas pela câmera de vigilância, tendo o *off* do apresentador como condutor na descrição das cenas; e na gravidade registrada nas imagens em relação à situação de insegurança transmitida aos telespectadores.

*“- E mais um motorista por aplicativo tem o carro roubado em Fortaleza. Olha só. Observe o momento em que o cidadão é abordado e tem o veículo levado por quatro criminosos. São quatro criminosos, almas sebosas circulando e que aí atacam motoristas de aplicativo, taxista... quem eles quiserem. Você vê aí mais um ato de violência, extremamente cruéis esses bandidos. Ameaçam. O cidadão sai ali desolado, de braços abertos, mostrando que ele está rendido e que não vai reagir porque, senão, poderá levar um tiro. Daqui a pouquinho a gente vai contar mais detalhes, Márcio”* (COSTA, Evaldo, dia 2 de março de 2023, programa *Cidade 190*).

Os destaques do programa possuem, em média, cinco resumos de matérias. Durante os dez dias foram 48 resumos utilizados para chamar a atenção do telespectador como as principais notícias do dia. Do total, 35 possuíam nas matérias completas fotos e vídeos com origem no aplicativo de mensagens, o que representa 74% do total de inserções

Quadro 14 – Destaques do programa *Cidade 190*.

<b>Dia</b>	<b>Resumos de matéria no destaque</b>	<b>Destaques do programa Presença de imagens do WhatsApp</b>	<b>Total (%)</b>
<b>14/02/2023</b>	5	4	80
<b>15/02/2023</b>	6	5	83,3
<b>16/02/2023</b>	4	2	50
<b>17/02/2023</b>	4	4	100
<b>27/02/2023</b>	5	5	100
<b>28/02/2023</b>	5	3	60
<b>01/03/2023</b>	5	3	60
<b>02/03/2023</b>	6	5	83,3
<b>03/03/2023</b>	5	3	60
<b>06/03/2023</b>	3	2	66,7
<b>Total</b>	48	35	72,9

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

O número se aproxima do relatado em entrevista pela Jornalista 1. Ela, que atua há mais de dez anos na cobertura do jornalismo voltado à segurança, estimou que 70% do conteúdo produzido teria como origem o aplicativo de mensagens analisado. Outro entrevistado, apesar de não se reportar a um número, também informou que a maioria das pautas é originária do aplicativo de mensagens.

“- Eu acho que o grau de importância, eu vou lhe dizer que são uns setenta por cento. Setenta por cento. Porque vamos dizer que trinta por cento vem das fontes ligadas a você diretamente, né. E setenta por cento o WhatsApp, nos grupos de segurança. Includo o daTV (nome do veículo de comunicação omitido), que eu tenho, que eu fui analisar, né?” (JORNALISTA 1).

A quase totalidade dos vídeos enviados a grupos do aplicativo e números de redações de telejornais são oriundos de câmeras de monitoramento e, também, de flagrantes realizados por meio dos *smartphones*. Sobre este tema, Bruno (2013) destaca a participação do usuário na construção da vigilância.

Ela explica que, apesar de existirem serviços institucionais que buscam incentivar a vigilância, é do cidadão comum que vem o maior número de participações. Os vídeos e fotos e, também, a própria criação de grupos voltados com a finalidade de troca de informações sobre ocorrências policiais e de salvamento corroboram com os estudos de Bruno (2013). “Mais uma vez, um ideal de transparência perpassa essas práticas, que encontram equivalentes em outros domínios, desde os vigilantes comunitários até os programas televisivos que conclamam a participação de espectadores na solução de crimes” (BRUNO, 2013, p. 139).

O quadro abaixo apresenta um panorama da utilização de vídeos tendo como origem câmeras de monitoramento ou gravações realizadas com *smartphones*. Em pelo menos um dos resumos houve a utilização de imagens de monitoramento, reforçando a presença do aplicativo na construção do programa. Quadro de resumos em que são utilizadas imagens oriundas do *WhatsApp* nas quais foram realizados *off* pelos apresentadores

Quadro 15 – Matérias com utilização de imagens de câmeras de monitoramento.

<b>Dia</b>	<b>Título</b>
<b>14/02/23</b>	<b>Homem toca fogo em carro estacionado na rua</b>
<b>15/02/23</b>	<b>Bandidos fazem arrastão em mercadinho no Interior do Estado</b>
<b>16/02/23</b>	<b>Mulher é abordada e assaltada ao sair de clínica médica</b>
<b>17/02/23</b>	<b>Homem troca capacete usado por um novinho</b>
<b>27/02/23</b>	<b>Areninha: jovem é executado quando assistia partida de futebol</b>
<b>28/02/23</b>	<b>Covardia! Idoso é abordado, assaltado e agredido por dois bandidos</b>
<b>01/03/23</b>	<b>Insegurança total: mulher é assaltada a caminho do trabalho</b>
<b>02/03/23</b>	<b>Mais um motorista de aplicativo tem carro levado por assaltantes</b>
<b>03/03/23</b>	<b>Se passou por cliente: homem entra em loja pela porta da frente e furta vários celulares</b>
<b>06/03/23</b>	<b>Cenas de selvageria entre torcedores do Ceará e Fortaleza em mais um clássico-rei</b>

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Todos os resumos dispostos no quadro eram reportagens com passagem do repórter, mas cederam espaço às imagens obtidas pelas câmeras de vigilância e *smartphones*, sendo comentadas pelos apresentadores para manter a atenção do telespectador. Uma demonstração de como as imagens enviadas pela Internet são apropriadas na construção do programa.

### 5.2.2 *Cidade Alerta Ceará e Brasil Urgente Ceará*

Os outros programas voltados à segurança pública e analisados neste projeto não utilizam o recurso jornalístico da escalada. No *Cidade Alerta Ceará* o programa inicia com reportagens ou, então, com a movimentação do trânsito na capital cearense. Como o programa inicia-se às 18 horas, o objetivo é atrair as pessoas que estão se deslocando do trabalho para a audiência.

Outra particularidade do *Cidade Alerta* é o intenso uso do recurso jornalístico *link*, quando o repórter informa onde está e participa “ao vivo” do programa interagindo com o apresentador, trazendo mais informações a respeito da matéria que foi ou está sendo exibida.

A utilização do recurso *ao vivo* (SOUSA; MAIA, 2014) confere à matéria a sensação ao telespectador de que o mesmo está consumindo um produto jornalístico mais atual, que acontece durante a transmissão do programa. Como algumas matérias são repetidas do *Cidade 190*, o recurso passa a noção de que algo novo e impactante tenha surgido sobre o fato para justificar a inserção do repórter.

O *ao vivo* entra para que o telespectador veja que aquilo que está acontecendo, está sendo mostrado no tempo “agora” da transmissão do telejornal. Diferentemente das reportagens gravadas, em que o apresentador se remete a algo no passado para que a frente o repórter, num tempo anterior ao da veiculação do noticiário, contando como aconteceu determinado fato (SOUSA; MAIA, 2014, p. 6).

A utilização do *link* ao vivo, ao mesmo tempo em que busca dar uma conotação de informalidade, uma “conversa entre apresentador e jornalista”, de forma indireta apresenta, também, uma redução no número de matérias que poderiam ser exibidas no mesmo espaço de tempo. O repórter comenta um assunto já ocorrido e, por vezes, já apresentado nos programas anteriores, *Cidade 190* e *Balanço Geral Ceará* e repercute o assunto.

Menos matérias, menos equipes e, conseqüentemente, redução nos custos para a empresa jornalística. Ao estudar os impactos das tecnologias digitais no telejornalismo, Ferreirae Tellaroli (2021) identificaram na participação popular por meio de aplicativos como o *WhatsApp* um recurso para aumentar a interação com o público, entretanto, com redução de matérias. O *Brasil Urgente*, transmitido pela afiliada da TV Bandeirantes no Ceará, também não possui escalada. A apresentadora, Ester Aragão, ao invés de repassar um resumo das matérias, repassa o número do *WhatsApp* do programa (85) 99606-3907.

O programa possui o quadro *Fala Audiência*, em que o cidadão comenta um vídeo ou foto polêmico; o *Boca no Trombone*, no qual o telespectador grava situações relacionadas a questões sociais, como falta de atendimento em hospitais; fornecimento de água, saneamento e de energia.

Também há, por parte da apresentadora, o pedido de envio de fotos com os telespectadores ao lado da televisão e assistindo ao *Brasil Urgente*.

Denota-se que a participação popular está presente na formulação na formulação dematériae de quadros nos quais o retorno da audiência, quer pelo envio de fotos e vídeos; quer pela participação por comentários, torna-se essencial para o fechamento dos programas. Os tipos de fontes e a relevância de cada uma no processo de construção das matérias será objeto de estudo no próximo capítulo.

## 6 IMAGENS TRANSFORMADAS EM NOTÍCIAS

Nesta análise dos espelhos dos programas *Cidade 190* e *Cidade Alerta Ceará*, foi possível verificar, em termos quantitativos, os tipos de fontes mais acessados na produção das matérias. A análise deu-se durante a observação de, aproximadamente, 14 horas e 31 minutos de reportagens exibidas no programa *Cidade 190*. Do *Cidade Alerta Ceará*, 08 horas e 53 minutos.

O programa *Brasil Urgente Ceará*, pelo fato de o mesmo não disponibilizar o espelho do programa não foi analisado. Entretanto, para fins de análise das rotinas produtivas, o programa foi incorporado à pesquisa por conter especificidades relacionadas a processos de apuração e formatos jornalísticos.

### 6.1 Fontes Jornalísticas

Para esta pesquisa, foram utilizados os conceitos de fontes de Schimitz (2011), conforme quadro a seguir. Visando à organização, foram excluídas da apresentação os tipos de fontes que não tiveram nenhum registro. Já o tipo de fonte intitulada “Indeterminada” foi acrescentada na listagem com objetivo de verificar matérias as quais não foi possível identificar a fonte, chamada “oculta” na pesquisa de Varjão (2008).

Quadro 16 – Presença de imagens do *WhatsApp* no Programa *Cidade 190*.

Dias analisados do programa Cidade 190	Tempo das matérias (HH:MM:SS)	Matérias com presença de dados do WhatsApp (HH:MM:SS)
<b>14/02/23</b>	01:31:12	01:00:16
<b>15/02/23</b>	01:23:23	00:59:36
<b>16/02/23</b>	01:34:56	00:48:38
<b>17/02/23</b>	01:30:10	00:54:50
<b>27/02/23</b>	01:26:48	00:49:46
<b>28/02/23</b>	01:27:24	00:45:05
<b>01/03/23</b>	01:24:34	00:46:49
<b>02/03/23</b>	01:19:07	00:37:19
<b>03/03/23</b>	01:18:05	00:49:02
<b>06/03/23</b>	01:35:38	00:56:48
<b>Total (Horas)</b>	14:31:17	08:28:09
<b>Total (%)</b>	100	57,8

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

No *Cidade 190*, foi verificado que a fonte mais acessada pelos jornalistas foi a popular, com aproximadamente 56% de minutagem total do programa.

Os dados apresentam um programa com fontes oficiais aparecendo em segundo plano com 49,9%, enquanto as fontes as quais não foi possível identificar totalizaram 14%. Os valores em número percentuais ultrapassam os 100% porque uma matéria pode conter mais de uma fonte, à exceção das matérias em que não foi possível identificar o autor da informação.

Quadro 17 – Tipos de Fontes: *Cidade 190*.

Dias analisados Cidade 190	Oficial	Popular	Especializada	Institucional	Indeterminada	Referência
14/02/23	00:59:19	00:41:57			00:09:29	00:15:18
15/02/23	00:43:20	00:24:47			00:15:16	
16/02/23	00:33:24	01:04:44		00:07:23	00:13:06	
17/02/23	00:51:25	00:56:00			00:05:06	00:05:03
27/02/23	00:45:02	00:54:51	00:05:52		00:07:13	
28/02/23	00:49:44	00:53:04			00:06:03	00:08:48
01/03/23	00:53:54	00:43:00	00:05:36		00:13:34	00:04:48
02/03/23	00:26:36	00:51:12			00:15:48	00:02:55
03/03/23	00:27:54	00:45:03		00:03:17	00:17:20	
06/03/23	00:43:30	00:50:31			00:20:47	00:07:16
<b>Total (Horas)</b>	07:14:08	08:05:09	00:11:28	00:10:40	02:03:42	00:44:08
<b>Total (%)</b>	49,9	56,2	0,8	0,7	14,2	3

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Já no *Cidade Alerta Ceará*, a situação foi inversa. As fontes oficiais foram identificadas em 57,6% das matérias, enquanto a popular representou aproximadamente 41% do total e, as indeterminadas, 15,6% do total avaliado. Mudanças nos processos de apuração; de posicionamento institucional, o aumento da violência em algumas regiões e o formato de apresentação das matérias ajuda a explicar os dados coletados. Estes assuntos serão detalhados nos parágrafos que se seguem.

Quadro 18 – Tipos de Fontes: *Cidade Alerta Ceará*.

	Tempo das matérias (HH:MM:SS)	Fonte Oficial	Fonte Popular	Fonte Institucional	Fonte Indeterminada	Fonte Referência
14/02/23	01:02:33	00:41:22	00:13:48		00:12:55	00:03:52
15/02/23	00:58:31	00:18:57	00:28:01		00:16:21	00:09:07
16/02/23	00:56:01	00:31:04	00:23:54		00:15:39	00:07:06
17/02/23	00:55:36	00:31:52	00:10:22		00:13:22	00:08:14
27/02/23	01:01:18	00:32:44	00:39:08	00:02:21	00:03:56	
28/02/23	01:03:08	00:44:15	00:20:49	00:05:04	00:05:44	00:06:06
01/03/23						
02/03/23	01:06:41	00:34:38	00:36:31		00:05:29	
03/03/23	00:54:24	00:37:25	00:13:20		00:03:39	
06/03/23	00:55:14	00:34:49	00:33:23		00:06:19	00:01:58
<b>Total (Horas)</b>	08:53:26	05:07:06	03:39:16	00:07:25	01:23:24	00:36:23
<b>Total (%)</b>	100	57,6	41	1,3	15,6	6,7

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Quadro 19 – Presença de imagens do *WhatsApp* no Programa *Cidade Alerta Ceará*.

Dias analisados Cidade Alerta	Tempo das matérias	Matérias com presença de dados do WhatsApp
14/02/23	01:02:33	00:40:54
15/02/23	00:58:31	00:39:25
16/02/23	00:56:01	00:40:43
17/02/23	00:55:36	00:33:26
27/02/23	01:01:18	00:30:22
28/02/23	01:03:08	00:42:18
01/03/23*		
02/03/23	01:06:41	00:29:59
03/03/23	00:54:24	00:36:55
06/03/23	00:55:14	00:36:39
<b>Total (Horas)</b>	08:53:26	05:30:41
<b>Total (%)</b>	100	61,90

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

O programa foi excluído da exibição no *Youtube*, não sendo possível realizar a análise. Em relação às mudanças nos processos de apuração um dos profissionais entrevistados, com 19 anos de atuação, Jornalista 2, destaca a diferença nos processos de construção das matérias no início da carreira e, agora, com a presença da Internet.

Um deles é o aplicativo de mensagens. Ele explica que, para a produção das matérias os repórteres faziam vários tipos de rondas. Uma era a telefônica, entrando em contato com policiais em delegacias, hospitais. Outra, era a ronda física, em que a equipe de reportagem seguia em busca de notícias, como o Instituto Médico Legal e delegacias plantonistas de Fortaleza e região metropolitana, onde o fluxo de pessoas é maior.

A mudança de posicionamento institucional também foi observada pelo repórter entrevistado, intitulado Jornalista 2. Ele cita a dificuldade de contato com fontes oficiais nos locais de crime como um dos problemas relatados na atual cobertura. A Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social, as polícias Civil e Militar e o Corpo de Bombeiros Militar possuem equipes de assessorias de comunicação. Entretanto, elas não funcionam 24 horas o que, na opinião do jornalista, acaba dificultando a obtenção de informações. O problema maior, entretanto, não reside no horário de trabalho das assessorias, mas na função de organização e controle de fontes. As assessorias são responsáveis no Estado do Ceará por autorizar, em paralelo com os gestores, entrevistas.

Quando começou, lembra o repórter, era comum policiais serem entrevistados. Agora, uma entrevista não autorizada pode ensejar punições para os policiais, o que dificulta o surgimento de fontes oficiais sendo entrevistadas em locais de crimes, por exemplo. Além do foro pessoal de alguns profissionais em não conceder entrevistas, no ano de 2020, dois dispositivos restringiram as relações entre agentes da segurança e profissionais da imprensa:

Um boletim interno da Polícia Militar do Ceará e uma portaria da Polícia Civil, cujas redações reduzem as entrevistas e demandam autorização prévia dos veículos de comunicação oficiais dos órgãos.

Os dispositivos forçam os repórteres a tornarem o *off* das fontes mais frequentes em suas narrações. Os antigos policiais que concediam entrevistas agora dependem de autorização prévia da assessoria de imprensa do órgão. Muitas das fontes oficiais acabam pedindo sigilo de suas falas.

Há punições para quem descumprir as medidas previstas nas normas. Um dos jornalistas entrevistados relatou a dificuldade existente em confirmar a veracidade de determinada informação de forma oficial. Atualmente, as assessorias de comunicação não trabalham durante madrugada, reduzindo as chances de uma entrevista no horário. Resta à produção, no dia seguinte, solicitar uma nota ou uma entrevista de algum profissional da área para falar sobre o assunto.

*“- Tem alguns grupos que participo que são de pessoas da área da segurança, mas que não compartilham em outros grupos. Pessoas da área da saúde, que tem muita recorrência e elas são recatadas na hora de passar adiante, aí entram comigo através do grupo ou do privado, passam fotos, passam vídeo...e pedem sigilo na verdade. Setu tá na ocorrência e tem só tu e mais duas pessoas foi uma das três que passou a informação, que tornou externa a informação” (JORNALISTA 2).*

As entrevistas e imagens de presos também foram restringidas. Apesar de algumas imagens de pessoas detidas circularem livremente na internet em alguns grupos do aplicativo de mensagens, a conduta da divulgação pode ser enquadrada como abuso de autoridade.

Em 2009, uma portaria do então secretário de Segurança Pública e Defesa Social, Roberto Monteiro, já buscava restringir a exposição dos rostos dos presos e a concessão de entrevistas. Em 17 de janeiro de 2020, a n.º 1 portaria da Polícia Civil do Ceará, publicada no Diário Oficial do Estado, disciplinou algumas normas de relação entre policiais civis, imprensa e mídias sociais.

O Capítulo V da portaria disciplina a criação e manutenção de conteúdos de páginas de unidades policiais civis proibindo, dentre outras questões, a exposição de presos sem autorização expressa; a publicação de pessoas presas em situação considerada vexatória, dentre outros pontos. O Capítulo VIII, por sua vez, aborda a conduta dos policiais civis nas divulgações institucionais.

Ficou positivada que a divulgação das informações deve ser realizada, preferencialmente, pelo porta-voz da instituição ou então por alguém designado com autorização prévia da Assessoria de Comunicação (Ascom) do órgão.

O inciso XII positiva por sua vez a “proibição da concessão de entrevistas por quaisquer policiais civis, sem o prévio conhecimento da Assessoria de Comunicação” Um boletim, de número 16 e publicado no dia 23 de janeiro de 2020, da Polícia Militar do Ceará, trata sobre o abuso de autoridade, acabou por restringir a divulgação de imagens de presos. Segundo a normativa “o militar deverá se abster de exibir o detido à imprensa ou a qualquer outro tipo de público”.

Sendo, também, dever do militar, tomar providências para que o detido conceda entrevistas, mesmo que voluntariamente. Nos programas analisados também foi percebido, no caso da Polícia Militar, que somente os oficiais concedem entrevistas em situações pontuais, a exemplo uma reportagem exibida em 28 de fevereiro pelo programa *Cidade 190*. Nela, equipes da Polícia Militar anunciaram uma operação na área do bairro Jangurussu, em Fortaleza. Um oficial foi o responsável pelas informações à equipe de reportagem.

Nos locais de crimes as equipes de reportagem também não realizaram nenhuma entrevista a policiais militares, policiais civis ou equipes da perícia forense. Embora as imagens apresentassem estes profissionais ligados à segurança pública trabalhando. Um recurso que os repórteres utilizaram nas matérias foi a utilização do *off the record*<sup>28</sup>.

Os profissionais da imprensa só relataram durante as matérias, por exemplo, que obtiveram a informação com uma equipe da Polícia Militar, sem especificar qual. Um exemplo do uso do *off the record* foi identificado na matéria “*ea manhã de hoje: corpo de reciclador é encontrado dentro de canal*”, exibida no dia 06 de março de 2023 no programa *Cidade 190*.

“- Do que a gente tem em relação a este homem que foi encontrado morto até agora. Que essa vítima teria entre 48 e 49 anos, seria um reciclador identificado como Francisco Erciano de Lima Balduino. Informação oficial passada pela equipe da Polícia Militar. De oficial também é que a maioria dos ferimentos do corpo está concentrada na cabeça” (BRAGA, Emanuela, 2023).

A participação de populares, apesar de demandada pelos apresentadores, também sofre limitações. Em crimes violentos, é mais difícil que pessoas falem com a imprensa. O medo de represálias logo após a saída do aparato policial deslocado para a ocorrência faz com que muitos conversem com as equipes de reportagem na condição de anonimato, fazendo com que os repórteres utilizem o *off* dessas fontes.

Uma das matérias demonstra a dificuldade em obter registros de populares em algumas reportagens, fazendo com que o repórter utilize a informação também no *off the records*, ou seja, sem identificar. Sobretudo quando são matérias relacionadas a execuções.

---

28 O recurso do *off the record* é utilizado quando se deseja repassar uma informação, mas, por solicitação do entrevistado, um acordo de confidencialidade impede a divulgação do nome da fonte.

O repórter Ricardo Lima, do grupo Cidade, foi ao local de um crime de homicídio e produziu a matéria “*Jovem com passagens pela Polícia é cercado e executado por inimigos*”. Apesar dos muitos populares acompanhando o trabalho dos policiais militares e da equipe de reportagem, ele destaca, na matéria, o silêncio dos moradores em relação ao crime.

*“- De acordo com a Polícia Militar...existe uma guerra pela disputa do crime organizado... Aqui na rua, conversei com muitas pessoas que estão acompanhando este fato, mas nenhuma delas soube repassar qualquer informação ou quis repassar qualquer informação que pudesse ajudar o trabalho da Polícia no local, inclusive o da imprensa. Isso porque o clima é de medo é de tensão. Apesar das pessoas acompanharem o trabalho da Polícia ninguém quer ser relacionado a esse crime e, diante desse cenário de insegurança, a Polícia tenta encontrar de todas as formas indícios que possam chegar aos atiradores”* (LIMA, Ricardo, matéria exibida em 06 de março de 2023, Cidade 190).

A Jornalista 1, ao responder à pergunta 7 do questionário (Anexo 1), relacionada ao processo de checagem, destacou tanto a dificuldade em se conseguir fontes oficiais quanto populares nas reportagens, principalmente as que envolvem homicídios.

*“- ...primeiro é do local, endereço, referência, tipo de arma utilizada... aí a gente vai partir para a vítima. Fotos, contatos de familiares para uma possível suíte e até do tipo de crime. Se for faccionado, dificilmente vai ter suíte. Eão é preconceito, mas dificilmente a família de uma pessoa faccionada vai falar algo. Acontece mais em caso de acidente, de latrocínio. No caso de faccionado, o criminoso pode voltar e terrepresália. A gente tem que entender. E tema prudência do editor... até que ponto valeaquela entrevista, a família da pessoa não entendeu que está vivendo. Várias vezes a gente já deixou de dar entrevista porque isso poderia causar até a morte daquela pessoa. A gente quer a entrevista. eas nem tudo vale a pena”* (JORNALISTA 1).

Em relação às fontes oficiais, a crítica da jornalista, que possui mais de dez anos de experiência na cobertura da área de segurança pública, retrata a dificuldade em se obter informações mais completas. Especialmente quando o assunto não é positivo para o órgão, restando,então, ouvir outras fontes, ou fontes oficiais, sem nominar nas matérias.

*“- as pessoas dizem assim... mas esta informação foi comprovada oficialmente? Às vezes uma informação oficiosa é muito mais importante que uma oficial, que uma nota genérica, que não diz muita coisa, vai te dar. Te diz até a possível motivação (afonte oficiosa). E outracoisa. Existe o interesse do Estado, principalmente quando a matéria é negativa. Eles não vão te dar informações nem vão falar de uma matéria negativa, né. É mais fácil pegar informações fora do meio, tanto policial quanto assessoria. E você pode até falar dessas informações e ser negado* (JORNALISTA 1).

Neste cenário, a Internet e as redes sociais acabam sendo uma alternativa às limitações impostas às mudanças nas formas de relacionamento entre jornalistas e fontes. Primeiramente, ao possibilitar o envio rápido de fotos e vídeos, garantindo uma tempestividade na edição de assuntos cotidianos, a exemplo de imagens de um roubo ocorrido em uma cidade do Interior.

O uso de aplicativos de mensagens possibilita uma checagem inicial do perfil da ocorrência com imagens destacando, ou não, a importância de determinado fato conforme a linha editorial do veículo de comunicação.

## 6.2 Formatos de apresentação das notícias

Ao analisar os formatos de apresentação das notícias pretende-se identificar quais os modelos mais utilizados pelos programas analisados e de que forma as informações enviadas por meio do aplicativo incorporam-se às rotinas dos programas analisados.

Sobre os formatos, Neto (2022), entende que são “o modo pelo qual os jornalistas de televisão configuram e significam a informação para ser transmitida aos telespectadores a fim de criar o envolvimento da audiência no assunto mostrado” (NETO, 2022, p. 56).

A utilização de imagens enviadas por meio do aplicativo que foram identificadas tanto nos grupos analisados quanto no número disponibilizado do *WhatsApp* da TV Cidade deu-se em vários formatos, dos mais simples, a exemplo a nota coberta, aos mais complexos, ilustrando reportagens.

A utilização, entretanto, variou conforme a linha editorial e, também, a presença de profissionais para a produção das notícias. A reportagem, que é a forma mais completa de matéria, caracteriza-se pela cabeça<sup>29</sup>, imagem, passagem do repórter, entrevistado. O programa *Cidade 190* utilizou imagens obtidas por meio do aplicativo em algumas de suas reportagens. Uma delas, por exemplo, inicia-se com as imagens captadas por câmeras de segurança.

Na matéria *Flagrante: motorista por aplicativo e passageira são assaltados por motociclista*, a repórter Mara Rodrigues faz uma passagem, mostrando a rua em que o fato ocorreu e, em seguida, narra a cena em que duas pessoas são roubadas por um criminoso armado em uma motocicleta. As notas cobertas são narrações realizadas enquanto se apresenta uma foto ou vídeo, são estruturas de matérias mais simples. O recurso foi utilizado pelo programa para suprir a falta de profissionais em algumas cidades do Interior do Ceará. No dia 15 de fevereiro, o apresentador Evaldo Costa detalha um ataque de abelhas ocorrido no município de Alto Santo, no Interior cearense. Com a legenda *Dois idosos e um homem se jogam em poça de lama para fugir de ataque de abelhas*, ele narra o vídeo durante quase dois minutos, repetindo as cenas.

---

<sup>29</sup> Cabeça, segundo o manual de comunicação do Senado, é o texto lido para anunciar uma matéria, destacando o fato mais importante da reportagem.

Quadro 20 - Formatos das matérias *Cidade 190*

Dias analisados	Tempo das matérias	Reportagem	Nota coberta	Ao Vivo	Nota Pelada	Suíte*
14/02/23	01:31:12	01:22:21	00:08:51			00:15:18
15/02/23	01:23:23	01:14:02	00:03:07			
16/02/23	01:34:56	01:23:02	00:07:06	00:06:05		
17/02/23	01:30:10	01:22:55	00:03:09	00:05:03		00:05:03
27/02/23	01:26:48	01:21:20	00:05:28			
28/02/23	01:27:24	00:53:43	00:13:53	00:09:41	00:01:19	00:08:48
01/03/23	01:24:34	01:19:11	00:05:23			00:04:48
02/03/23	01:19:07	01:05:51	00:13:16			00:02:55
03/03/23	01:18:05	01:07:05	00:08:46			
06/03/23	01:35:38	01:28:26	00:07:12	00:07:23		00:07:16
<b>Total (Horas)</b>	14:31:17	12:37:56	01:16:11	00:28:12	00:01:19	00:44:08
<b>Total (%)</b>	100	86,4	8,11	1,9	0,07	3

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

No *Cidade Alerta Ceará*, o destaque nos formatos se dá com a utilização do link ao vivo. Roxo e Grupillo (2019) reforçam o caráter testemunhal que a presença do repórter assume em um local de crime, por exemplo. Como o jornalista não consegue ser onipresente e as ocorrências não são programadas, o “telejornalismo é obrigado, portanto, a utilizar uma série de recursos visuais para superar esta ausência” (ROXO; GRUPILLO, 2019, p. 111).

Quadro 21 – Formatos das matérias no *Cidade Alerta Ceará*.

Dias analisados	Tempo das matérias	Reportagem	Nota Coberta	Ao Vivo	Nota Pelada	Suíte
14/02/23	01:02:33	00:43:22	00:04:06	00:15:05		00:03:52
15/02/23	00:58:31	00:22:41	00:04:36	00:31:14		00:09:07
16/02/23	00:56:01	00:29:32	00:04:30	00:22:26		00:07:06
17/02/23	00:55:36	00:29:44	00:00:56	00:22:38		00:08:14
27/02/23	01:01:18	00:40:05	00:03:56	00:17:17		
28/02/23	01:03:08	00:31:56	00:05:17	00:25:55		00:06:06
01/03/23						
02/03/23	01:06:41	00:43:08	00:03:02	00:20:31		
03/03/23	00:54:24	00:24:38	00:01:40	00:28:06		
06/03/23	00:55:14	00:31:37		00:23:37		00:01:58
<b>Total (Horas)</b>	08:53:26	04:56:43	00:28:03	03:26:49	0	00:36:23
<b>Total (%)</b>	100	63,04	5,25	38,65	0	6,7

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

O uso do “ao vivo” e de suítes sobre os crimes são alguns dos destaques no formato da apresentação. No dia 28 de fevereiro, por exemplo, o *Cidade Alerta Ceará* realizou cinco inserções ao vivo, sendo uma de atualização sobre o trânsito em uma região de Fortaleza. A maior em minutos, entretanto, referiu-se a uma matéria que foi enviada exclusivamente ao

*WhatsApp* da TV Cidade e repercutiu na programação jornalística da emissora.

As imagens de um idoso sendo espancado por dois jovens no bairro Cidade dos Funcionários, em Fortaleza, abriram o programa. A matéria completa, com o título *Pura covardia: bandidos derrubam idoso de 70 anos, espancam e levam carro da vítima*. Após demonstrar indignação com as cenas, o apresentador Ronaldo Martins convida o repórter Ricardo Lima para, igualmente, comentar a respeito das imagens enviadas ao *WhatsApp* da TV Cidade.

A reportagem, com a descrição do vídeo, os comentários sobre a localização do veículo da vítima demandaram sete minutos e trinta e seis segundos do total de matérias exibidas no dia. Número este não se considerando os comentários no início do programa, feitos pelo apresentador em relação às agressões do idoso. Este evento do “ao vivo” no programa, repercutindo uma imagem enviada via *WhatsApp* da emissora com o repórter, além de visar assegurar a audiência, também expõe a dificuldade de se ter uma equipe para gravar novas matérias.

O repórter questiona a necessidade de os criminosos espancarem um idoso de 70 anos para roubar do mesmo as chaves do veículo. Em seguida, o repórter começa a descrever novamente o vídeo e informa que está transmitindo ao vivo onde aconteceu o fato criminoso. Além da cena, ele comenta o estado em que o veículo roubado acabou localizado. Sobre notas cobertas, o programa *Brasil Urgente Ceará* é o que mais utiliza deste formato jornalístico.

Apesar de não ser disponibilizado o espelho do jornalístico, foi possível realizar algumas análises dos programas existentes. O programa, com quase uma hora de duração, somente em um dia apresentou uma reportagem factual. No dia 17 de fevereiro a repórter Ana Flávia realiza um *link* ao vivo de um corpo resgatado, possivelmente afogado no rio Cocó, que corta parte da cidade.

A apresentadora, Ester Aragão, narra as fotos e vídeos editados com imagens identificadas de grupos de *WhatsApp* e, também, obtidas da Internet. Não foram identificadas equipes de reportagem próprias do jornalístico. Um reflexo da precarização do trabalho e da dependência de imagens do aplicativo de mensagens e, também, de sítios da Internet com imagens oficiais de delegacias de Polícia Civil para cobrir as narrações.

No *Brasil Urgente*, o apelo ao envio de sugestões de matérias, comentários e outras formas de participação fica mais evidenciado. A apresentadora Ester Aragão tradicionalmente inicia o programa informando o telefone (85) 99606-3907 para a participação. No dia 2 de março, por exemplo, ela orienta aos telespectadores como enviar fotos de perfil e, também, vídeos de denúncias.

*“bata agora mesmo sua foto mostrando que está ligadinho na nossa programação, tá, você bate a sua foto. estra você e mostra a tevê ligada. Porque tem gente que bate só a minha foto. Tem gente que bate a própria foto e não mostra a tevê. Tem quoser você e a tevê...E também você manda aquele vídeo contendo uma reclamação, denúncia, insatisfação. Você grava com o celular na horizontal, deitadinho assim e já vai narrando minha gente, porque tem gente que fica calado...”* (ARAGÃO, Ester, matéria exibida em exibido em 02 de março de 2023, Programa Brasil Urgente).

O incentivo à participação de forma recorrente tem motivos. O programa possui quadros voltados para o *Povo Fala*, que é o registro de depoimentos de populares sobre determinado assunto. O programa possui o quadro *A Dama de Ferro*, que publica um tema polêmico, como a atuação de mulheres no mundo do crime, tema do dia 16 de fevereiro. Outra enquete, realizada por meio de áudios enviados ao programa para o quadro *Boca no Trombone*, também evoca a participação popular. São vídeos com assuntos polêmicos, de discussões entre casais, como exemplo, em que os telespectadores enviam suas opiniões sobre o vídeo.

### **6.3 Análise do WhatsApp da TV Cidade**

Para identificar os tipos de informações que mais são apropriadas pelos jornalistas e veículos de comunicação, a partir de suas participações nos grupos de *WhatsApp*, foram elaboradas 6 (seis) divisões por grandes blocos de temas e por quantidade de conteúdo. Dentro dos parênteses, a identificação do grupo que será apresentada no quadro descritivo.

A análise dos dados do *WhatsApp* permitiu observar quais os principais assuntos enviados pelas fontes ao número de emissora da TV Cidade e como os recursos foram utilizados. Como muitas matérias são produzidas no dia anterior e exibidas nos dias seguintes, foram considerados o dia anterior à data de exibição do programa.

As divisões por seis grandes blocos de tema, criados pelo autor, tiveram como objetivo apresentar quais os assuntos que as fontes consideravam mais relevantes para serem encaminhados à emissora e também, identificar se as matérias possuíam ou não imagens o que, para um veículo de comunicação, tendem a ter maior relevância pela possibilidade de utilização nas matérias, funcionando, principalmente nos telejornalísticos, como marcador de noticiabilidade.

1) Ocorrência com imagem – Classificada como informação de crime tipificada no Código Penal Brasileiro (CPB) e enviada aos grupos analisados ou enviada diretamente aos profissionais que contenham texto ou áudio descrevendo local da ocorrência, seguida de uma foto e/ou vídeo;

2) Ocorrência sem imagem – Somente o texto ou áudio informando algum tipo de crime constante do CPB, mas sem o envio de recursos de imagem para os grupos ou diretamente

aos jornalistas;

3) Social – Denúncias relacionadas à questão social, como desaparecimento de parentes, reclamações de lixos nas ruas, de buracos em ruas e avenidas; locais com falta de iluminação ou de serviço de saneamento básico, com ou sem imagem. Pedidos de ajuda financeira e de divulgação de projetos sociais também são enquadrados, para fins de análise, como social;

4) Retorno (Retornos) – Envio por parte do telespectador complementando a informação de alguma matéria que foi ao ar;

5) Outros – Um grande grupo composto por informações enviadas em grupos relacionados à política, religiosos, mensagens de bom dia, boa tarde, boa noite, propaganda de produtos ou empresas;

6) *Fake News* (Fake News e afins) – Informações repassadas em grupos ou jornalistas de veículos de comunicação repassadas como sendo ocorrências registradas no Estado do Ceará quando, na verdade, são vídeos ou fotos de outros estados da federação ou mesmo, de outros países; crimes inexistentes também entram nesta categoria. Mensagens de cunho político também estão inseridas neste grupo.

A divisão trabalhada pela Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará foi descartada da análise pelo fato de a divisão disposta no sítio da secretaria ser voltada de forma exclusiva a crimes tipificados no Código Penal Brasileiro.

Os programas da área da segurança, por sua vez, recebem e apresentam muitas pautas de interesse social, como desaparecimentos, além de denúncias de falta de serviços públicos, apelo por tratamentos médicos, buracos na pista, dentre outros exemplos. A relevância, ou não, dos grupos poderia ficar mais visível como proposta de desmembramento por tópicos, ressaltando-se a escolha de produtores e repórteres na construção dos espelhos dos programas com base nos dados sobre segurança pública que chegam nos grupos.

O acesso ao número de *WhatsApp* foi autorizado pela direção da emissora para um período específico de dias após envio por e-mail explanando a metodologia e o objetivo com a pesquisa. Inicialmente foi autorizado um período de cinco dias, dentro da chamada semana construída. Como o programa é feito com informações do dia e de dias anteriores, optou-se por analisar as mensagens que chegaram no final de semana. Após o retorno da análise dos cinco dias, realizado durante um dia por semana, para conhecimento de como seria possível o acompanhamento, foi sugerido pelo orientador a ampliação do recorte temporal, de cinco dias para, no mínimo, dez dias. Após nova espera para autorização por parte da direção da emissora, foi possível realizar o acompanhamento da rotina de produção do programa *Cidade 190* e a

importância do número de *WhatsApp* na obtenção de pautas.

Ressalta-se que muitas matérias apuradas pela produção do programa analisado foram repassadas para outros programas jornalísticos da emissora, seja o material apurado pelo repórter e aproveitado em outro programa ou, somente, os dados iniciais da informação, como uma foto ou vídeo. Tal procedimento se deve em parte por dois motivos.

O primeiro é que o número disponibilizado (85) 98188-8811 não é exclusivo do *Cidade 190*, mas de toda a emissora, sendo transmitido aos telespectadores por outros programas da casa. O segundo motivo é que boa parte das apurações relacionadas à segurança pública passampelos produtores e editores do noticioso, quer pelo acesso às fontes; quer pela especialidade dos repórteres em cobrir os assuntos relacionados à temática da segurança pública ou outros assuntos que fazem parte do cotidiano, como alagamentos e falta de saneamento.

A autorização para acompanhamento das pautas iniciou-se na terça-feira, 14 de fevereiro, seguindo-se os dias 15, 16 e 17, 27 e 28 de fevereiro. E os dias 1, 2, 3 e 6 de março, totalizando dez dias de análise do *WhatsApp* da TV Cidade durante a produção e apresentação do programa *Cidade 190*. Os dias que antecederam o carnaval e durante o mesmo foram descartados para evitar que a pesquisa restasse contaminada com matérias voltadas quase que exclusivamente à cobertura do evento. A quantidade de repórteres também foi reduzida no período, o que poderianão representar um espelhamento mais fidedigno de uma semana sem efemérides.

A produtora chegava à emissora às 7h30 e, como uma das primeiras tarefas, ligava o computador em que fica logado, de forma ininterrupta, a conta de *WhatsApp* da emissora. Após uma checagem nas mensagens mais recentes, a próxima tarefa era a definição das pautas para os repórteres. Em alguns dias da semana, o número oscilava entre um e dois profissionais, responsáveis por trazer informações do ocorrido na manhã do dia da apresentação do programa; apurar a pauta deixada na pasta destinada a ele no dia anterior pela produção ou, também, entrarao vivo para reforçar alguma matéria exibida na grade do dia.

Nesta etapa é importante ressaltar que, caso o conteúdo direcionado ao *WhatsApp* da emissora fosse de interesse da produção para possível pauta, as informações de voz, de áudio, de vídeo e dados de quem enviou eram baixados no computador e direcionados a uma pasta de pautas ou, de forma direta, encaminhado a uma pasta no computador com o nome do repórter e, algumas vezes, repassada diretamente para o número do profissional escolhido para fazer a matéria.

Foi possível dividir as mensagens do *WhatsApp* da TV Cidade durante o período analisado em grandes grupos, seis no total. Para isto foram utilizados critérios como o tipo de ocorrência, se um fato definido como crime ou uma denúncia mais voltada ao social, como alagamentos. Se a mensagem continha ou não fotos e vídeos (ver quadro 20).

Em relação a crimes, foram estabelecidos dois perfis. Um, intitulado *Denúncia Criminal com imagens* objetiva quantificar, do total de mensagens relacionadas a crimes como roubos, homicídios, por exemplo, quantas chegam com fotos e vídeos.

O segundo, *Denúncia criminal sem imagens*, reflete o número de fatos criminosos, mas, por motivos como falta de câmeras de monitoramento ou de gravações de *smartphones* no localdo ocorrido, não existem.

Outro grupo analisado são as denúncias sociais. Foram cadastrados envios de dados relacionados a deficiências de atendimento em hospitais e postos de saúde; problemas nos serviços de água, de saneamento e de falta de energia; pontos de alagamento com chuvas ocorridosno Estado do Ceará e também divulgações de projetos sociais.

O grupo *Retorno*, por sua vez, reflete pessoas que entraram em contato enviando elogios aos apresentadores, críticas e sugestões sobre as matérias. Foram excluídos os comentários relacionados aos demais programas da emissora.

Em um grupo maior, foram quantificadas mensagens de pedidos de ajuda financeira ao programa; de cunho político, *fake news*, propagandas de produtos e de ofertas, além de possíveis links para golpes virtuais. As mensagens de cunho religioso e os tradicionais bom dia e boa tarde também estão inseridas neste grupo. Muitos telespectadores enviam mensagens de bom dia com conotação religiosa, ficando difícil contextualizá-las de forma distinta.

Denúncias de outro estado e sem categorização referem-se, respectivamente, a vídeos e fotos e mensagens relacionados a fatos verdadeiros, mas produzidos em outro estado, como o envio de um ataque de tubarão ocorrido em Recife (PE). O grupo sem categorização são mensagens nas quais não foi possível definir o interesse do emissor, como o início de uma conversa não concluída, um vídeo, sem informar o estado, no qual um homem aparecendo brincando com um jumento adestrado.

Um dos objetivos da criação dos grupos é o de quantificar, dentre as centenas de mensagens diárias que a emissora recebe, quais são potenciais pautas; dentre os envios, quais foram apropriados pela emissora para serem apuradas e virarem pautas; e se as informações chegavam com recursos imagéticos ou não.

Como metodologia de utilização das mensagens, o dia anterior à data do programa era verificado, o mesmo acontecendo nos fins de semana, a fim de identificar assuntos que ocorreram no dia anterior e que serão apresentados no dia seguinte.

Quadro 22 – Análise do *WhatsApp* da TV Cidade nos períodos entre 13 e 17 de fevereiro; 27, 28 de fevereiro e 1, 2 3 e 6 de março de 2023.

<b>Dia*</b>	<b>Com imagem</b>	<b>Sem imagem</b>	<b>Social</b>	<b>Retorno</b>	<b>Outros</b>	<b>Fake News e afins</b>	<b>Total</b>
<b>14 de fevereiro**</b>	27	11	29	10	18	5	100
<b>15 de fevereiro***</b>	5	7	33	8	14	7	74
<b>16 de fevereiro</b>	9	8	26	16	19	9	87
<b>17 de fevereiro</b>	6	4	23	7	12	8	60
<b>27 de fevereiro</b>	9	5	19	5	22	7	67
<b>28 de fevereiro</b>	14	5	24	13	23	8	87
<b>1 de março</b>	8	5	18	7	13	10	61
<b>2 de março****</b>	18	8	28	12	22	9	97
<b>3 de março</b>	7	6	25	12	14	11	75
<b>6 de março*****</b>	21	6	26	11	13	10	87
<b>TOTAL</b>	124	65	251	101	170	84	795
<b>Total (%)</b>	15,6	8,18	31,57	12,7	21,38	10,57	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

\*A contagem das mensagens inicia-se, nos dias da semana, das 13h30 horas do dia anterior às 13h30 horas do dia seguinte.

\*\*Do total de denúncias criminais, 14 vídeos referiam-se ao mesmo fato, um roubo a uma concessionária.

\*\*\*O elevado número de denúncias sociais refere-se a uma forte chuva no Ceará, com o envio de muitos vídeos e fotos mostrando pontos de alagamento.

\*\*\*\*Do total de denúncias criminais nove (9) referem-se a uma mulher que teve convulsão ao ser parada em blitz.

\*\*\*\*\* Das 21 denúncias de crime, 12 se referiam a vídeos de confronto entre torcidas dos times de futebol Fortaleza x Ceará.

Uma das matérias, intitulada *Grupo invade Concessionária e leva veículos*, por exemplo, foi encaminhada com o vídeo ou participando a ação por 17 usuários. O vídeo deste crime também foi encaminhado nos três grupos analisados por volta das 18h10.

Outra matéria, *Flagrante: motorista por aplicativo e passageira são assaltados por motociclista* foi encaminhada ao número da emissora na manhã do dia 13 de fevereiro, sendo apurada posteriormente e utilizada no programa do dia seguinte, 14 de fevereiro. Nos dois relatos exemplificativos as imagens enviadas à redação foram utilizadas na produção das matérias.

No *Cidade 190* do dia 14, não houve nenhuma pauta voltada ao social, como alagamentos ou pedidos de ajuda, apesar de haver 29 mensagens de denúncias sociais, a exemplo a falta de iluminação, reforma de calçadas, estrutura de hospital e de escolas entre os dias 13 e 14 de fevereiro. Em igual período, foram quinze sugestões de denúncias criminais, sendo 10 com imagens e cinco sem o recurso imagético.

Outro ponto que merece atenção nos números diz respeito ao clima no Ceará durante o período em questão. Das sugestões de pautas sociais, que incluem os tradicionais problemas de saneamento, de falta de atendimentos em hospitais e em unidades de pronto atendimento, muitas referiam-se a alagamentos e congestionamentos ocasionados pela quadra chuvosa no Ceará, que tradicionalmente vai de fevereiro a maio. Daí o elevado número de denúncias sociais, 251, frente ao quantitativo de ocorrências de denúncias de crimes com e sem foto que, somadas, totalizaram 189 envios de mensagens sobre os mais diversos crimes durante o período.

Dos números expostos, podemos analisar que o programa, apesar de receber muitas denúncias voltadas à parte social, acaba elencando matérias relacionadas a crimes como mais necessárias a seu público. Por existir em sua grade dois programas voltados à segurança pública e aqui estudados, denota-se a prioridade em utilizar as informações que chegam ao aplicativo.

Os dados relacionados a retornos, por sua vez, mostram a importância da participação durante a apresentação dos programas. São comentários, elogios, críticas, inclusive gramaticais relacionadas às falas de repórteres e também, pessoas que pedem para participar do programa. Durante o período analisado, uma campanha exibida no *Cidade 190* solicitava que pessoas interessadas em conhecer a paternidade de seus filhos poderiam procurar a produção por meio do número de *WhatsApp* disponibilizado.

Já os números apresentados nos dados *Fake News e outros* revela um problema existente nos grupos estudados. O número de informações não relacionadas ao objetivo do grupo. Envio de materiais, a exemplo correntes, para participar de grupos de aplicativo e, assim, ganhar bônus no crédito de operadoras de telefonia ou mesmo assuntos acontecidos em outro estado e tomado pelo remetente como ocorrido no Ceará.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um país com sérios problemas sociais e de segurança pública, a temática da violência, como homicídios, acidentes de trânsito, denúncias de descaso com a falta de serviços públicos agora são captadas por meio de *smartphones* e câmeras de videomonitoramento. Os registros, por sua vez, circulam em redes sociais e grupos de *WhatsApp*, dentre eles, aqueles voltados à segurança pública cidadã.

Entre os objetivos do estudo, restou comprovada a relevância da participação popular nos programas voltados ao jornalismo policial apresentados no Ceará. São fotos, vídeos, textos, áudios que ora se repetem; ora possuem informações que se complementam nos diferentes grupos e que auxiliam os jornalistas a iniciarem suas apurações sobre os fatos.

A relação entre os jornalistas e as fontes, outro objeto de nosso estudo, por vezes mostra-se escondida, com poucas manifestações por parte dos profissionais da comunicação. Mas apresenta-se relevante nas conversas privadas, onde também ocorre a troca de informações. É relevante, também, da necessidade que alguns integrantes possuem de procurar participar da produção de notícias, marcando nos grupos alguns jornalistas em informações postadas nos grupos e consideradas pelas fontes como relevantes e possíveis matérias.

Seja acompanhando as rotinas produtivas do mais antigo programa voltado ao jornalismo policial no Ceará, o *Cidade 190*; seja analisando, como observador não-participante as mensagens em grupos do aplicativo de mensagens voltados à segurança pública, é possível constatar a forte presença do aplicativo na composição dos programas televisivos voltados ao tema e os números corroboram a percepção retratada em imagens obtidas por *smartphones* e câmeras de vigilância. O envio de materiais oriundos da Internet foi incentivado em todos os programas.

O *Brasil Urgente*, por exemplo, iniciava a transmissão exibindo seu número exclusivo de *WhatsApp* (85) 99606-3907 e no início do programa era reforçado pela apresentadora Ester Aragão, tanto para o envio de pautas, como para a participação no quadro *Boca no Trombone*, que utilizava vídeo, registrado ou não no Ceará, incentivando os telespectadores a opinarem em relação ao assunto ou sugerindo enquetes para o quadro *Dama de Ferro*, que se utiliza do *Povo fala* para sua produção.

O *Cidade 190*, por sua vez, possui um grande espaço para a escalada, prendendo a atenção do telespectador enquanto os apresentadores Evaldo Costa e Márcio Lopes opinam e, por vezes, incentivam o envio de sugestões de pautas para o programa. Os comentários de retorno para o programa, entretanto, nem sempre são sugestões de matérias, mas comentários referentes a alguma matéria exibida, críticas ou elogios aos apresentadores.

Muitas das matérias analisadas continham imagens, vídeos e textos que foram compartilhadas nos grupos de *WhatsApp* analisados e/ou, no caso do programa *Cidade 190*, enviados ao número da emissora de televisão TV Cidade. Um número bastante expressivo, demonstrando o atual grau de dependência das emissoras pelos recursos imagéticos que circulam de forma gratuita na Internet.

No tocante às ocorrências do interior, a falta de profissionais fica mais evidente nos programas acompanhados. Uma das imagens utilizadas com notas cobertas foi a prisão de uma mulher, acusada de matar dois homens no estado do Piauí e fugir para o Ceará. As imagens da acusada e da arma que a mesma portava estavam presentes em um dos grupos de *WhatsApp* foram analisadas e utilizadas pelos três programas policiais.

Os números apresentados na análise dos programas somam-se aos relatos nas entrevistas relacionadas ao uso do aplicativo pelos jornalistas. Entre as vantagens observadas, estão: o compartilhamento rápido de materiais; a possibilidade de troca de informações com outros profissionais de forma mais rápida, por meio de grupos; e a possibilidade de captação de imagens da chegada da equipe o que, para o meio televisivo, é fato positivo.

A participação em grupos, entretanto, sofreu redução com o elevado número de comentários políticos nos grupos. A observação foi relatada durante as entrevistas com os quatro jornalistas que aceitaram participar da pesquisa e também em contatos informais com demais repórteres que, embora não tivessem aceitado participar da pesquisa, informalmente relataram que saíram de alguns grupos devido ao desgaste com a quantidade de postagens não relacionadas ao objetivo do grupo.

Entre as demandas negativas do uso da tecnologia, estão: a redução da obtenção de matérias exclusivas e a precarização da relação de trabalho ao realizar atividades como a checagem dos grupos, mesmo após o expediente, esta última observação foi apontada pelos profissionais. Apesar de não ser obrigatório, o desejo de manter-se informado e de ajudar os colegas reduz o necessário período de repouso longe das rotinas de trabalho.

O fácil acesso pelos jornalistas à tecnologia, bastando abrir a tela do smartphone e acessar o aplicativo que, como já relatado, está presente em mais de 90% das telas iniciais dos aparelhos, induz o usuário a abrir o aplicativo. E, assim, "zapear" entre os grupos em busca de informações nos horários de folga. Foi percebido que as fontes oficiais são as mais demandadas pelos profissionais, embora não apareçam como antes, mas constem enquanto presumidas, segundo análise de Varjão (2008).

No caso das fontes oficiais, questões como punições caso os profissionais da segurança pública deem entrevistas sem autorização podem ser um dos elementos para o pequeno número de entrevistas observadas, em detrimento de notas oficiais e de estes profissionais serem fontes “em *off*”.

Em relação às fontes populares na classificação de Schmitz (2011), conforme relatado em várias matérias pelos repórteres, muitos acabam não falando por receio de sofrerem represálias de criminosos. O medo de serem identificados como apoiadores da Polícia ou identificados como testemunhas que facilitem a prisão dos autores leva muitas pessoas a não serem entrevistadas nos locais de crime, sobretudo de crimes contra a vida.

A quantidade de informações por vezes dificulta a produção jornalista. No desejo de conseguir preencher o programa com várias opções de matérias e redações mais enxutas de pessoas, repórteres e produtores acabam por não ter tempo de se aprofundar nas matérias.

As informações, tanto oficiais quanto as colhidas por populares e nos grupos, acabam sendo apropriadas pelos profissionais da imprensa sem apuração mais profunda, afinal e, infelizmente, em um país com elevados índices de violência há muitos roubos, assaltos, furtos e estupros que podem ser a próxima notícia.

Entre as dificuldades apresentadas neste estudo está o elevado número de mensagens existentes nos grupos analisados. Um dos jornalistas entrevistados, por exemplo, relatou receber um número perto de mil mensagens, entre dados analisados no *WhatsApp* da emissora e envio de mensagens a seu número particular.

Um reflexo da sobrecarga e da precarização do trabalho do jornalista, que leva para casa, via seu *smartphone*, mais trabalho para si, mesmo que de forma voluntária. A saúde mental dos profissionais que atuam nos programas policiais é um tema a ser estudado, sobretudo depois da pandemia de COVID-19. Em uma matéria publicada no site *Objethos*<sup>30</sup>, em abril de 2021, Janara Nicoletti faz uma apresentação dos problemas enfrentados pelos jornalistas em algumas coberturas.

---

<sup>30</sup> É preciso falar a verdade sobre a saúde mental dos jornalistas. **Objethos**. Matéria publicada em 19 de abril de 2021. Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2021/04/19/e-preciso-falar-sobre-a-saude-mental-dos-jornalistas/>. Acesso em: 17 de mai. 2023.

Muitos dos jornalistas que realizam a cobertura policial convivem com imagens de crimes violentos, tanto no acompanhamento de grupos de *WhatsApp* voltados ao tema quando, na condição de repórter, indo a locais de crime, muitas vezes brutais. Quais os cuidados que as empresas e os próprios profissionais adotam em relação à saúde mental na cobertura de imagens que, pela brutalidade e frequência, podem se caracterizar como cobertura de guerra? São reflexões para próximos estudos.

Atualmente, o aplicativo estudado é o *WhatsApp*. Em um futuro próximo, outros produtos poderão ser apropriados às redações de jornais nas produções das notícias. Entretanto, os questionamentos relacionados à carga horária dos profissionais; à qualidade do conteúdo imagético compartilhado e a já abordada elevada produção de conteúdo devido à tempestividade dos fatos, devem continuar sendo objetos de análise, independente do aplicativo utilizado.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Azevedo Leonel de; GOULART DE ANDRADE Ana Paula. As imagens de vídeos amadores e de vigilância no telejornalismo: um estudo sobre as práticas jornalísticas contem- porâneas. **Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo**, 6(2), 194–211. Disponível em: [https://re- vistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/14734](https://re-vistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/14734) Acesso em: 20 mar. 2023.
- ALMEIDA, Caroline Ribeiro de. **Jornalismo policial na televisão generalista em Portugal: o horário nobre em análise**. 2017. 55 p. Dissertação de Mestrado ISCTE-IUL, Lisboa, 2017.
- AMARAL, Vítor. A proximidade de uma imprensa regional à ideia de cidadania ativa. In: CORREIA, João Carlos. **Ágora. Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades**. Covilhã: LabCom Books, 2012. p. 01-16.
- ANDERSON, C.W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**. São Paulo: ESPM, ano 2, n.5, p 30-89, abr./mai./jun.2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/386813919/Jornalismo-pos-industrial-adaptacao-aos-novos-tempos>. Acesso em: 17 jul. 2020.
- ANELO, Cláudia Regina. **TV e Tecnologias Digitais: A participação do Público no Telejornal MS Record por meio do WhatsApp**. 2016. 210 p. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.
- AROSO, Inês Mendes. **As redes sociais como ferramentas de jornalismo participativo nos meios de comunicação regionais: um estudo de caso**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em <https://www.bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-2013-redes-sociais-ferramenta-jornalismo.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.
- ARRUDA, Nilton Marlúcio. **Covering atrocity: do jornalismo aos mobiles, como e porque as imagens violentas são tão atraentes**. En S. González Fernández (Ed.), *La violencia en la realidad digital. Presencia y difusión en las redes sociales y dispositivos móviles*, Edições Egre- gius, Sevilha, p. 73-88, 2018. Disponível em: <https://idus.us.es/handle/11441/88123>. Acesso em: 17 de ago. 2021.
- BASTOS, Hélder. **A Diluição do Jornalismo no Ciberjornalismo, Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.9, n.º 2, Julho a Dezembro de 2012, p. 248-298, 2012. Disponível em: <https://periodi-cos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p284>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- BARSOTTI, Adriana. Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador da audiência. **E-COMPÓS**, 17(1). 2014. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1080>. Acesso em: 17 jan. 2023.
- BAUER, Martin. W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: BAUER, Martin. W, GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, p. 189-217, 2002.
- BRABO, Fábila Maria Sepêda. **A periferia e o jornalismo policial paraense: as construções e percepções de moradores do bairro do Guamá**. 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2020.

BRADSHAW, Paul. **Como jornalistas podem usar a triangulação para lapidar pautas.**

Disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/como-jornalistas-podem-usar-triangula%C3%A7%C3%A3o-para-lapidar-pautas#:~:text=De%20forma%20inversa%2C%20pessoas%20podem,em%20um%20relat%C3%B3rio%2C%20por%20exemplo> Acesso em: 09 mai. 2023

triangula%C3%A7%C3%A3o-para-lapidar-

pautas#:~:text=De%20forma%20inversa%2C%20pessoas%20podem,em%20um%20relat%C3%B3rio%2C%20por%20exemplo Acesso em: 09 mai. 2023

BRONOSKY, Marcelo; MORAIS, Andrea. A presença do WhatsApp na produção jornalística policial. **Revista Alterjor**, v.18, n 2, p 152-168, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/14248> Acesso em: 20 set. 2022.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser:** vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BRUNS, Axel. Media Innovations, user innovations, societal innovations. **The Journal of Media Innovations**, 1st ed., 2014. Disponível em: <https://eprints.qut.edu.au/69581/1/827-3739-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 março 2020.

BUENO, Thaysa Cristina; LACERDA, Lorena. Whatsapp na rotina de trabalho dos jornalistas maranhenses: um estudo nas redações de Imperatriz. **Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, v.8, n. 2, p.1–21, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/19646>. Acesso em: 25 set. 2023.

CACHADO, Rita. Diário de campo: um primo diferente na família das Ciências Sociais. **Sociologia & Antropologia [online]**, 2021, v. 11, n. 02, p. 551-572. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11n2> . Acesso em: 15 mai. 2022.

CANAVILHAS, João; FIDALGO, Antônio Fidalgo. Todos os jornais no bolso: pensando o jornalismo na era do celular. *In:* RODRIGUES, C. (Ed.). **Jornalismo Online:** modos de fazer. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Sulinas, 2009.

CANAVILHAS, João et al. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. *In:* **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**, Canavilhas, J. (Org). Disponível em: [https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/viewFile/30210/15972#:~:text=Webjornalismo%3A%207%20caracter%C3%ADsticas%20que%20marcam%20a%20diferen%C3%A7a,\(CANAVILHAS%2C%20Jo%C3%A3o%20\(&text=re%C3%BAne%2C%20ent%C3%A3o%2C%20trabalhos%20acerca%20da,%2C%20instantaneidade%2C%20personaliza%C3%A7%C3%A3o%20e%20ubiquidade](https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/viewFile/30210/15972#:~:text=Webjornalismo%3A%207%20caracter%C3%ADsticas%20que%20marcam%20a%20diferen%C3%A7a,(CANAVILHAS%2C%20Jo%C3%A3o%20(&text=re%C3%BAne%2C%20ent%C3%A3o%2C%20trabalhos%20acerca%20da,%2C%20instantaneidade%2C%20personaliza%C3%A7%C3%A3o%20e%20ubiquidade). Acesso em: 19 set. 2022.

CANAVILHAS, João. Novos atores na redação: como muda o jornalismo. *In.:* MARTINS, G; REINO, L; BUENO, T. (orgs) **Performance em ciberjornalismo:** tecnologia, inovação e eficiência. Campo Grande: Editora UFMS, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** 6ª edição. Editora Paz e Terra, 2002

CATTO, Karina Martins. **O uso do WhatsApp no telejornalismo:** um estudo de caso do quadro Flagrou Tá na Record, 2020. p 86. Dissertação de Mestrado (Mídia e Tecnologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2020.

DATA REPORTAL. **Digital 2022 Brazil.** Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>. Acesso em: 20 jul. 2022.

FERNANDES, Mário Luiz, A proximidade como critério de noticiabilidade: a força da notícia local. In: MARCOS, Paulo da Silva, FERNANDES, Mário Luiz (Org.). **Critérios de notícia- bilidade; Problemas conceituais e aplicações**. Editora Insular, 2021.

FERREIRA, Cláudia Regina; TELLAROLI, Taís Marina. Os impactos das tecnologias digitais em plataformas no telejornalismo local: estudo sobre o MSTV 1ª Edição. In.: 44º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2021, Recife. **Anais** [...]. Recife, 2021. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-te/claudia-regina-ferreira.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

FINK, Katherine. The biggest challenge facing journalism: a lack of trust. **Sage Journals**, vol. 20(1) 40–43, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1464884918807069>. Acesso em: 10 jul. 2022.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A tecnologia móvel como plataforma de inovação no jornalismo de cidades. **Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Casper Líbero**, ano 21 n.º 41. Jan/Jun 2018. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/952>. Acesso em: 14 mar. 2021.

FRANKLIN, Bob. **The Future of Journalism**. Journalism Studies, 2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p. (Coleção Cibercultura)

FÍGARO, Roseli; MARQUES, Ana Flávia. A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo. **Revista Contracampo**. Vol. 39. n.º 1, 2020, Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38566>. Acesso em: 15 de mai. 2022.

GARAU, Elaine de Lima Castro. **WhatsApp como incentivo ao jornalismo participativo: transformações no TN 1ª edição, da rotina produtiva ao relacionamento com o telespectador**. 2018. 176 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) – Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

GIACOMELLI, Fábio Ozório. Jornalismo no WhatsApp: o caso do portal português Observador. **Revista Geminis**, v. 11, n. 3, p. 146-161, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/download/502/400>. Acesso em: 20 ago. 2022.

GIRARDI, Crislene; LIMA, Marcus Antônio. A notícia que temos (não) é a notícia que queremos: o jornalismo policial informa o quê? **Fólio: Revista de Letras**. 9ª edição n.º 2., 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/2807/2380>. Acesso em: 15 mai. 2022.

G1. **Monitor da Violência**. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

LEAL, João. Diários de campo: modos de fazer, modos de usar. In.: VESPEIRA, Sônia de Almeida; CACHADO, Rita (Org.). **Os arquivos dos antropólogos**. p. 143-154. Lisboa, Portugal: 2016.

LOPES, Felisbela; ARAÚJO, Rita; MAGALHÃES, Olga; SÁ, Alberto. COVID-19: quando o jornalismo se assume como uma frente de combate à pandemia. In.: MARTINS, M., RODRIGUES, E., **A Universidade do Minho em tempos de pandemia**: Tomo III: Projeções. UMinho Editora, 2020. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/70253>. Acesso em: 12 out. 2021.

MACHADO, Elias. **O Ciberjornalismo como fonte para os jornalistas**. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>. Acesso em: 20 de ago. 2023.

MELÉM, Viviane de Nazaré de Oliveira. Jornalismo Policial: uma análise dos critérios de noticiabilidade do Caderno Polícia do Jornal Diário do Pará. **Puçá: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia**. Belém, v. 1, n1. p. 26-50, jan./jun. 2011 Disponível em: <https://docplayer.com.br/amp/32084336-Jornalismo-policial-uma-analise-dos-criterios-de-noticiabilidade-do-caderno-policia-do-jornal-diario-do-para.html>. Acesso em: 21 de ago. 2023.

MORAES, Lilian. **Uma década de WhatsApp: novas rotinas de produção possibilitam o zapkeeper e o newsmaking da audiência**. Correspondências & Análisis, n.º 10, 2019. Disponível em: <https://ojs.correspondenciasyanalisis.com/index.php/Journalcya/article/view/334>. Acesso em: 20 de ago. 2023.

MORAIS, A. **A relação entre jornalistas e fontes na cobertura policial de rádio**. 2017, 272f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

MORAIS, Greicele; SANTOS, Valdeci; GONÇALVES, Carlos Alberto. Netnografia: origem, fundamentos, evolução e desenvolvimentos axiológicos e metodológicos na pesquisa em Administração. In.: 10º IFBAE Congresso do Instituto Franco-Brasileiro de Administração de Empresas, 2019, Uberlândia. **Anais [...]**. Minas Gerais, 2019. Disponível em: <https://ifbae.s3.eu-west-3.amazonaws.com/file/congres/netnografia-origem-fundamentos-evolucao-e-desenvolvimentos-axi-ologicos-e-64025f13f275b594757319.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.

MORALES, Luciana Pinho. **Nas redes do "telejornalismo policial" cearense: uma análise etnográfica do fazer jornalístico**. 2020. 263 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação**: proposta de um modelo de análise. 2019. p 298. Tese de

Doutorado Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2019.

OLIVEIRA, Ana Cristina; SANTOS, Carlos Alberto; FLORÊNCIO, Roberto. Métodos e técnicas de pesquisa em educação. **Revista Científica da Faculdade Sete de Setembro**, v. 13, n.º 21, p.36–50, 2019. Disponível em: [https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2019/21/metodos\\_%20e\\_tecnicas\\_de\\_pesquisa\\_em\\_educacao.pdf](https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2019/21/metodos_%20e_tecnicas_de_pesquisa_em_educacao.pdf). Acesso em: 22 mar. 2022.

PAVLIK, John. Ubiquidade: o 7º princípio do jornalismo na era digital. *In*: CANAVILHAS, João. (Ed.) **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Labcom, 2014.

PAVLIK, John. Ciberjornalismo: muito mais do que notícias no formato digital. **Esferas**, [S.l.], n.17, p. 18-26, junho 2020. ISSN 2446-6190. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/11708/7362>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PEW RESEARCH CENTER. **News Consumption Across Social Media in 2021**. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/journalism/2021/09/20/news-consumption-across-social-media-in-2021/> Acesso em: 29 mai. 2021.

PIMENTEL, Aldenor da Silva. Jornalismo criminal e presente social de referência: uma proposta de tensionamento entre o noticiário e as estatísticas oficiais. *In*.: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1560-1.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

PINTO, Maria Geizi. Uma análise multimodal e discursiva da mídia: escaladas do Jornal Nacional em jogo. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 6, n. 2, p. 21–41, 2019. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/2208>. Acesso em: 20 jan. 2023.

PORTARI, Rodrigo Daniel. Jornalismo Policial em Frutal: análise das práticas jornalísticas. *In*.: XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2019, Belo Horizonte. **Anais [...]**, Minas Gerais, 2019. Disponível em: <http://meistudies.org/index.php/cia/iac/paper/view/299>. Acesso em: 08 dez. 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais online**. EDUFBA, Salvador, 2017.

REIS, Marco Aurélio; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. Um olhar sobre o papel do WhatsApp nas redações dos principais jornais do Rio. **Revista Comunicação & Informação**, Goiânia, v.20, n. 2, p. 95-112, jul./out. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/45676>. Acesso em: 17 mar. 2020.

ROGEL, Diana Rivera. El Tratamiento de la Información en los Cibermedios. *In*.: MARTINS, Gerson; RIVERA, Diana (Orgs.). **+25 Perspectivas do Ciberjornalismo**. 1ª edição. Aveiro: Ria Editorial, 2020.

ROST, Alejandro. Interatividade: definições, estudos e tendências. *In:* CANAVILHAS, J. (Org.) **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Universidade da Beira Interior, 2014, p. 53-88. Covilhã: LabCom, 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/9645861/Interatividade\\_Definic\\_o\\_es\\_estudos\\_e\\_tende\\_nciasaces](https://www.academia.edu/9645861/Interatividade_Definic_o_es_estudos_e_tende_nciasaces). Acesso em: 19 set. 2022.

ROXO, Marco; GRUPILLO, Aline. Produção de imagem e autoridade jornalística: reflexões sobre jornalismo amador a partir de O Abutre. **Contemporânea**, Salvador, v. 17, n.1, p. 99-121, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/25254>. Acesso em: 19 set. 2022.

SALAVÉRRIA, Ramón. Jornalismo, Compartilhamento e Credibilidade no Contexto Pós-industrial. **Jornalismo Pós-Industrial: Caminhos para um pós-jornalismo**. *In.:* **Revista do Instituto Humanista Unisinos** nº 447, ano 14. p. 11-15, 2014. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao447.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.

SALAVÉRRIA, Ramón. Mídia e Jornalistas, um futuro em comum? **Revista Parágrafo**, Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, V.1. n 3. p 70-83, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/297/304>. Acesso em: 23 set. 2022.

SARDINHA, Antônio Carlos; SANTOS, Abinoã. O uso de fontes na cobertura do Jornalismo Policial no Jornalismo Online no Amapá: estudo dos sites G1 Amapá e SelesNafes.com. **Revista Extraprensa**, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/106911/130502>. Acesso em: 18 ago. 2022.

SANTOS, Ingrid Cristina. **Valores-notícia incorporados ao jornalismo a partir de sites de redes sociais**. 2020. 220p. Dissertação de Mestrado (Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2020.

SANTOS, Sarah; RAMOS, Cristina. A Utilização dos grupos de WhatsApp como ferramenta de suporte para produção de conteúdo jornalístico. *In.:* 1º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018, – Joinville. **Anais** [...]. Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1832-1.pdf>. Acesso em: 17 out. 2020.

SCHMITZ, Aldo Antônio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no Jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SEPÚLVEDA, Denise Vilche. **A violência retratada: a banalização das imagens violentas no jornalismo contemporâneo**. 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Casper Líbero, São Paulo, 2016.

SILVA, Gislene, Para pensar critérios de noticiabilidade. *In:* MARCOS, Paulo da Silva, FERNANDES, Mário Luiz (Org.). **Críticos de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Editora Insular, 2021.

SOARES, Samara Sousa; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. **Psicologia USP**, 32, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psusp/a/W5cDdNM99Bk9btBs6ffx45G/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Companhia das Letras, 2003.

SPECHT, Patrícia. O impacto da interatividade via WhatsApp na produção noticiosa do jornal Diário Gaúcho. **Estudo em Jornalismo e Mídia**, v. 15, n. 1. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/download/19846924.2018v15n1p40/37247>. Acesso em: 10 mai. 2022.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA SOCIAL. **Estatísticas**. Disponível em: <https://www.sspds.ce.gov.br/estatisticas-2-3>. Acesso em: 29 mai. 2021.

STACCIARINI, Isa. **O WhatsApp como ferramenta de apuração**: erros jornalísticos originados em grupos restritos a repórteres e fontes na área de segurança pública do DF. Tese (Doutorado). 2019. 265 p - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

STRINGARI, Rosângela. Telejornalismo: mágico e imprevisível, apesar do planejamento. *In.: Jornalismo e Estudos Mediáticos*, p. 33-49, 2021. Disponível em: [https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/9965/1/ebook\\_mem%C3%B3ria\\_IV.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/9965/1/ebook_mem%C3%B3ria_IV.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

TECHTUDO. **Relembre a evolução e as mudanças das redes sociais na última década**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/12/relembre-a-evolucao-e-as-mudancas-das-redes-sociais-na-ultima-decada.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2023.

TECNOBLOG. **WhatsApp ativa novo limite no app para mensagens encaminhadas**. Disponível em: [encurtador.com.br/diDQ9](https://www.tecnoblog.com.br/diDQ9). Acesso em: 21 jan. 2022.

THOMPSON, J. B. **Mídia e Modernidade**: uma Teoria Social da Mídia. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes1998.

VERNER, Afonso; XAVIER, Cíntia. Entre o interesse público e o interesse da audiência: um estudo do portal a Rede. **Pauta Geral**: estudos em Jornalismo, 8(2), 1–33, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/19573>. Acesso em: 15 out. 2021.

VELOSO, Raíssa; MARQUES, Francisco. O Jornalismo e as fontes no processo de construção da realidade: Um estudo da cobertura sobre Segurança Pública no jornal “O Povo”. **Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36996>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ZAGO, Gabriela da Silva, **Recirculação Jornalística no Twitter: filtro e comentários de notícias como uma forma de potencialização da circulação**. 2011. p 204. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: RS, 2011.

## **APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS JORNALISTAS DOS PROGRAMAS ANALISADOS.**

### **Relevância dos grupos nas rotinas produtivas**

1. Qual a importância dos grupos de WhatsApp voltados à segurança pública nas rotinas produtivas da redação?
2. Qual o nível de amizade/proximidade com as fontes nos grupos de WhatsApp? Isso faz diferença na hora de utilizar a colaboração vinda do grupo como pauta?
3. Sem o emprego da ferramenta de WhatsApp, como seria a busca por fontes e imagens?
4. Já conseguiu obter matéria exclusiva em um dos grupos voltados à segurança pública dos quais participa?
5. De quantos grupos voltados ao tema segurança pública você participa atualmente?
6. Qual o caminho percorrido entre a divulgação do fato no aplicativo e a veiculação da matéria?
7. Qual o processo de checagem dessas informações?

### **Relação de trabalho e emprego do WhatsApp**

8. Descreva sua rotina de trabalho com o uso do aplicativo.
9. Como é a rotina de acompanhamento desses grupos? São vistos somente no horário do plantão ou existe um horário específico?
10. Você se imagina realizando alguma matéria sem o uso do aplicativo?
11. A empresa de comunicação fornece algum número telefônico ou aparelho para o trabalho? (Responder somente se for produtor, editor ou repórter de algum programa)
12. Você prefere utilizar seu número pessoal ou profissional para ser adicionado nos grupos de WhatsApp voltados ao jornalismo policial? (Responder somente se for produtor, editor ou repórter de algum programa)
13. Você se considera obrigado a buscar informações nos grupos/ fontes que participa mesmo fora de seu horário de plantão? (Responder somente se for produtor, editor ou repórter de algum programa).

**APÊNDICE B - TERMOS DA ÁREA DA SEGURANÇA**

<b>Sigla</b>	<b>Significado</b>
Bizu	Sinônimo de informação privilegiada
Código 3	Indica prioridade, velocidade no atendimento da ocorrência
QTH	Local onde a pessoa se encontra ou a ocorrência foi gerada
QTR	Neste horário, neste momento
QTW	Informações complementares sobre alguma ocorrência
S13	Ocorrência de segurança ou saúde
S21	Apoio com urgência
S25	Apoio sem caráter urgente